

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação



Dissertação

**Hip Hop pelotense:
saberes educativos desafiando a opressão**

Carlos Alberto Jardim Cogoy

Pelotas, 2015

Carlos Alberto Jardim Cogoy

**Hip Hop pelotense:
saberes educativos desafiando a opressão**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Gomercindo Ghiggi

Pelotas, 2015

Carlos Alberto Jardim Cogoy

**Hip Hop pelotense:
saberes educativos desafiando a opressão**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Data da Defesa: 9 de junho de 2015

Banca examinadora:

.....
Prof. Dr. Gomercindo Ghiggi (Orientador)
Doutor em..Educação.... pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

.....
Profa. Dra. .. Conceição Paludo...
Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

.....
Prof. Dr. Humberto Calloni
Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

.....
Prof. Dr. Felipe Gustsack
Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

*Dedico este trabalho aos protagonistas
do Hip Hop em Pelotas/RS*

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai Carlos Augusto Fagundes Cogoy, perseverante na amorosidade

Ao prof. Dr. Gomercindo Ghiggi, perseverante neste “*inédito viável*”

À querida Maria “*Helena do Sul*” Vargas da Silveira (*in memoriam*), perseverante na generosidade

Aos amigos negros Beethoven Mendonça, Jair Duarte Correa, Tagner Mattos de Souza e Vagner Lemos Borges, que gentilmente concordaram em colaborar com a pesquisa.

Ao movimento Hip Hop, perseverante no ritmo da indignação

Aos inúmeros ativistas que, nalgum momento, com bondade e despojamento, peserveraram no diálogo questionador.

Aos profissionais que integraram a banca examinadora, perseverantes na agudeza que permitiu a evolução do trabalho.

*"Acredite: há milhões de anos o poder impera. O oprimido resiste e o opressor
insiste na guerra"*
Z'África Brasil

*"É tipo uma menina palestina com pedras na mão lutando contra os tanques de Ariel
Sharon"*
Clã Nordestino

*"Os sociólogos me ouvem e ficam puto, dizem que esse barato de rap é coisa de
maluco"*
MV Bill

"Terrorista da escrita. Doutorado do raciocínio"
Face Cruel

"Vim pra sabotar seu raciocínio"
Racionais MCs

"O que eles fazem é cultura e política ao mesmo tempo"
Milton Santos

"O hip hop é o diamante bruto que deve ser lapidado pelos revolucionários"
João Amazonas

*"Ainda há tempo. A literatura do oprimido, definitivamente, não serve para narrar o
mundo, mas sim para transformá-lo!"*
Toni C

Resumo

COGOY, Carlos Alberto Jardim. Hip Hop pelotense: saberes educativos desafiando a opressão. 2015. 149f.

Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) - Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012.

Esta dissertação enfoca o movimento Hip Hop de Pelotas. Através de quatro entrevistas e material jornalístico, propõe-se a identificar aspectos da história, saberes educativos e a perspectiva como movimento social. Como metodologia, a investigação com aplicação de questionários. As declarações dialogaram com a bibliografia e documentos. No desenvolvimento, reflexões sobre o tema com conceitos da filosofia e educação. O pensamento de Karl Marx e Paulo Freire, em referências como práxis e opressão, balizam a reflexão. Também são abordados os conceitos de indústria cultural e multiculturalismo. A base teórica contrasta com o empírico. Cada entrevistado representa um dos quatro elementos que constituem o Hip Hop. Nas declarações, história pessoal, descoberta e envolvimento com o Hip Hop. Também a manifestação popular como fonte de aprendizado. Experiências em escolas, com oficinas e palestras. Educação não formal e o Hip Hop escolar. Movimento como espaço político de denúncia, reivindicação e ações coletivas. Abordagens sobre a questão étnico-racial. Preconceito, discriminação e racismo. Nos relatos a cultura da periferia. Movimento que resgata diante da realidade de drogadição e violência. A pesquisa também perpassa conceitos como capitalismo e pós-modernidade. Como resultado da pesquisa, movimento Hip Hop que apresenta ambiguidades. Mas também Hip Hop pelotense com potencial crítico, educativo e de mobilização coletiva.

Palavras Chave: educação – saberes educativos — hip hop – racismo — movimento social

Abstract

COGOY, Carlos Alberto Jardim. Hip Hop Pelotas: Educational knowledge defying oppression. 2015. 149f. Dissertation (Masters in Social Memory and Cultural Heritage) - Graduate Program in Social and Cultural Heritage memory, Institute of Human Sciences, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2012.

This dissertation focuses on the Hip Hop movement in Pelotas. Through four interviews and journalistic material, it is proposed to identify aspects of the history, educational knowledge and perspective as a social movement.

The methodology research will be through questionnaires. The statements are interconnect with bibliografy and documents.

In the development, reflections on the topic concepts of philosophy and education. The thoughts of Karl Marx and Paulo Freire, references as praxis and oppression, mark out the reflection.

Will be also presented the cultural industry concepts and multiculturalism aspects.

Theoretical concepts contrasting with the empirical basics. Each interviewed person represents that make up the Hip Hop in each statements, personal history, discovery and involvement with Hip Hop that is also a popular manifestation as a source of learning experiments in schools, workshops and lectures. Informal education and Hip Hop School. Movement as a political complaint, as claim and collective actions.

Approaches to ethnic-racial issue. Prejudice, discrimination and racism.

In the reports the culture of the suburbs. Movement that rescues before the reality of drug addiction and violence.

The survey also permeates concepts as capitalism and postmodernity.

But also Pelotas' hip hop as a critical and educational component, with potential collective mobilization as potential.

KEYWORDS: education - educational knowledge - hip hop - racism - social movement

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Entrevista Beethoven Mendonça	99
Figura 2: Entrevista Jair Duarte Correa (Jair Brown).....	101
Figura 3: Entrevista Tagner Mattos de Souza	104
Figura 4: Entrevista Vagner Lemos Borges.....	107

Lista de Abreviaturas e Siglas

BGV	Bairro Getúlio Vargas
CEERT	Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades
CUF	Central Única das Favelas
ESEF	Escola Superior de Educação Física da UFPel
FEBEM	Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPU	Instituto Universidade da Periferia
ONG	Organização Não-governamental
PROSEPA	Programa Sócio-Educativo de Profissionalização de Adolescentes da Brigada Militar
TVE/RS	Televisão Educativa da Fundação Cultural Piratini
UCPel	Universidade Católica de Pelotas
UNE	União Nacional de Estudantes
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 RITMO DA INTERIORIDADE	20
3 MESTRES SEM CERIMÔNIA.....	26
3.1 RITMO DA PRÁXIS METODOLÓGICA.....	31
4 RITMO DA COLETIVIDADE	36
4.1 SABERES EDUCATIVOS.....	41
4.1.1 Educação	44
5 RITMO DA LIBERDADE.....	50
5.1 PROIBIDOS DE SER.....	55
5.2 CULTURA DO SILÊNCIO.....	58
5.3 MOVIMENTO SOCIAL.....	63
6 RITMO DA SUPERAÇÃO	71
6.1 INDÚSTRIA CULTURAL.....	77
6.2 MULTICULTURALISMO	83
7 HIP HOP ESCOLAR	85
7.1 EDUCAÇÃO NÃO FORMAL.....	87
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	91
REFERÊNCIAS.....	94
ANEXOS	98
ANEXO A.....	99
ANEXO B.....	101
ANEXO C.....	104
ANEXO D.....	107
ANEXO E	110
ANEXO F	111

ANEXO G.....	112
ANEXO H.....	113
ANEXO I.....	114
ANEXO J.....	115
ANEXO K.....	116
ANEXO L	117
ANEXO M.....	118
ANEXO N.....	119
ANEXO O.....	120
ANEXO P	121
ANEXO Q.....	122
ANEXO R.....	123
ANEXO S	124
ANEXO T	125
ANEXO U.....	126
ANEXO V	127
ANEXO W	128
ANEXO X.....	129
ANEXO Y	130
ANEXO Z	131
ANEXO A2.....	132
ANEXO B2.....	133
ANEXO C 2.....	134
ANEXO D 2.....	135
ANEXO E2	136
ANEXO F 2	137
ANEXO G2.....	138

ANEXO H2 139

ANEXO I2..... 140

ANEXO J2..... 141

ANEXO K2 142

ANEXO L2 143

ANEXO M2..... 144

ANEXO N2 145

ANEXO O2..... 146

ANEXO P2 147

ANEXO Q2..... 148

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa decorre de alguns encontros. O primeiro deles, está associado ao meu exercício profissional no jornalismo diário. Na atividade desde 1990, fui me deparando com variadas temáticas, algumas instigantes e outras rotineiras. Entre os temas que me despertaram a curiosidade, e aguçaram a necessidade de conhecer mais, está a prática do Hip Hop. Esse encontro em 1994, inicialmente meramente profissional, foi se transformando numa contínua troca de informações.

Um segundo encontro determinante ocorreu durante a definição de tema para o anteprojeto de pesquisa, que seria proposto ao Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas (PPGE/UFPel). Como também sou professor de filosofia, interessava-me temática que contemplasse questões com as quais tenho convivido. Então, áreas da cultura, comunicação e filosofia. Nessa busca, constatei que o Hip Hop havia sido fonte de pesquisa em algumas universidades brasileiras. Passei a procurar bibliografia específica e, embora ainda fossem escassas as publicações, consegui o acesso a alguns livros sobre o tema.

Considero como terceiro encontro, a observação sobre as pesquisas até então realizadas. E notei que, em relação ao material que pude reunir, prevaleciam pesquisas em faculdades de educação. Então, motivado pelos anos de proximidade com Hip Hop, elaborei anteprojeto para pesquisar o movimento.

Ao explicar sobre a proposta de pesquisa, durante a seleção no PPGE da Faculdade de Educação, ocorreu outro encontro fundamental. O prof. Dr. Gomercindo Ghiggi participou da entrevista, e demonstrou interesse pela ideia. Na então linha de pesquisa Filosofia, Educação e Práxis Social (FEPráxis), houve acolhida ao projeto.

Mas durante o desenvolvimento da pesquisa também houve desencontro. No projeto inicial, procurando relacionar conceitos da filosofia e educação com a manifestação popular, houve a opção pelo “ritmo e poesia”. Como um dos elementos que constituem o Hip Hop, o Rap (*rhythm and poetry*) expressa os sentimentos,

anseios, dúvidas e reflexões dos integrantes. Então, linguagem que me motivou a questionar o Rap em relação aos aspectos educativo e ideológico. Porém, a batida mudou e houve a opção por alteração no projeto de pesquisa.

Em decorrência do aprendizado no PPGE/FaE/UFPel, proporcionado por novas leituras, o constante debate com os colegas, e a orientação sobre a pesquisa, foi ampliada a abordagem. Assim, ao invés do enfoque num dos segmentos do Hip Hop, a reelaboração do projeto indicou também a investigação sobre as demais vertentes de expressão.

E para contemplar as linguagens, ou “elementos” como são identificadas as práticas no movimento, através da pesquisa o reencontro com alguns dos principais representantes do Rap, Grafite, Dança e DJ (sonoridade caracterizada pelo ritmo das batidas), em Pelotas.

Ao optar pela temática sobre o “Hip Hop pelotense”, abrangendo os quatro elementos, fui me inquietando diante de algumas fragilidades. Uma delas é a falta de abordagem histórica, sistematizada, documentando a origem e etapas do movimento na cidade. Os registros são escassos, restringindo-se à divulgação na imprensa escrita. Não se tem uma catalogação dos grupos, discos, shows, festivais, promoções solidárias e os seminários e encontros para debates. Diante dessa lacuna na documentação e, dispondo do material de divulgação que fui elaborando durante mais de vinte anos, tratei de reunir algumas dessas matérias jornalísticas.

Nos “Anexos” da pesquisa constam alguns dos trabalhos, realizados entre 1994 e 2015. Além de dialogar com questões conceituais da pesquisa, o material também documenta etapas pontuais em duas décadas do Hip Hop pelotense. Não se trata de abordagem completa, mas conjunto de recortes sem a pretensão historiográfica. O que gostaria é que essas matérias – mais de uma centena no meu acervo –, e muitas vezes requisitadas por rappers, DJs, grafiteiros e dançarinos de diferentes gerações, estimulassem o empenho pela organização da trajetória histórica do movimento.

Outra fragilidade que verifiquei, foi a quase inexistente reflexão teórica acerca do movimento Hip Hop em Pelotas. Na proximidade decorrente da relação profissional estabelecida, observei e divulguei atividades que estavam além da estética artística. Entre os projetos e iniciativas, a realização de palestras, oficinas e ações comunitárias. E constatei que essa dimensão começou ao final dos anos noventa do século XX. No século XXI, foram se intensificando as promoções,

aumentando as relações com as escolas, associações de bairro e Organizações Não-governamentais (ONGs).

Essas ações coletivas do Hip Hop pelotense, preferencialmente na periferia urbana, foram instigando algumas reflexões. Como estava atento a pesquisas e projetos que, nos grandes centros do País, vinculavam o movimento Hip Hop e a área da educação, compreendi que Pelotas também estava sintonizada nessa perspectiva. Então passei a observar essas manifestações, considerando a possibilidade do viés pedagógico.

Ensinar a técnica do grafite, orientar acerca do manuseio do toca-discos do “disc jockey” (DJ), demonstrar a diversidade de movimentos corporais através da dança, motivar a leitura e escrita para a elaboração de rimas. Os quatro “elementos” do Hip Hop que têm sido levados, através de projetos sociais, a crianças e jovens dos bairros. Quando se estabelece a troca de informações, com aprendizagem que estimula a criatividade, e contribuindo para a autoestima, integrantes consideram que está presente o “quinto elemento” do Hip Hop. Trata-se do conhecimento que, através das práticas, pode proporcionar mudanças nos participantes. É o que muitos integrantes identificam como “resgate”, ou seja, ao invés do cotidiano de violência e o apelo das drogas, a dedicação ao Hip Hop como fonte de arte, lazer, integração e expressividade.

Para situar a dimensão social do Hip Hop, identifiquei o ensino das práticas como saberes. Assim entendidos enquanto técnicas e habilidades. Esses saberes, no entanto, podem ter acentuado conteúdo ideológico. Desde o verso que critica o desemprego, a discriminação racial e a falta de políticas públicas no cotidiano desigual, passando pela percussão rítmica que evoca o pulsar ancestral e sofrido da etnia negra, bem como o corpo que se “liberta” das amarras opressivas do cotidiano através gestualidade, até a crônica visual do grafiteiro que explicita as contradições sociais.

Quando os saberes desafiam a opressão, evidenciando senso crítico em relação ao contexto de pobreza e exclusão, mostram-se além do talento na prática de algum dos “elementos”. Para distinguir entre a repetição de saberes, e a inquietação gerada pelo aprendizado, considere a dimensão educativa. Então “saberes educativos” no Hip Hop pelotense, isto é, a interpretação que emana tanto dos quatro entrevistados, quanto dos depoimentos documentados na atividade jornalística, numa relação com os pressupostos teóricos.

Outra fragilidade teórica que percebi, é a precária interpretação do Hip Hop pelotense como movimento social. Na trajetória, paralelamente a iniciativas de cunho educacional, vários encontros – municipal e regional –, interlocução com rappers de expressão nacional, e debates visando ações políticas. A pesquisa procura chamar a atenção para essa necessidade. Então, cotejamento entre depoimentos dos entrevistados e o registro de manifestações nalguns dos principais eventos realizados pelo movimento na cidade.

Quatro entrevistas e o aporte de parcela do material que elaborei profissionalmente para o jornal Diário da Manhã, dialogam nesses dois eixos: educação e movimento social. Outro foco essencial é que, como designa o título da pesquisa, o Hip Hop está bem identificado: manifestação em Pelotas. Então, tanto está atento e crítico à conjuntura nacional, bem como a questões internacionais como a violência bélica e intolerância, quanto ao que acontece nas ruas suburbanas. Essa ênfase na realidade local, além de necessidade para delimitar o âmbito da pesquisa, mostra-se fundamental pois implica na reflexão sobre singularidades que propiciaram o surgimento, fortalecimento e perfil do Hip Hop pelotense.

A manifestação cultural, educativa e política dos grupos de diferentes bairros, apresenta-se como reação à realidade que segrega a pobreza. E a história de Pelotas é fonte para compreender a atualidade. No século XIX, houve o ápice econômico como consequência da matança de gado nas charqueadas. A minoria abastada, que disputava títulos nobiliárquicos no Brasil imperial, edificou o patrimônio arquitetônico que distingue o centro histórico da cidade.

A historiografia pelotense é campo de disputa narrativa pela memória, e a vertente que ainda prevalece nalgumas esferas da comunidade, é a que omite ou minimiza as contradições e exploração. Trata-se da versão oficial que, até já reconhece a fundamental presença dos negros, mas glorifica os feitos da elite econômica. Assim, conta meia verdade, atribuindo ao que era particular uma pretensa conotação pública.

O Hip Hop pelotense reúne os herdeiros da senzala. No contraste à riqueza econômica do século XIX, os espoliados que, à margem das decisões na comunidade, dispunham de migalhas para sobreviver. O negro, trabalhador escravizado, foi a mão-de-obra na construção dos palacetes e charqueadas de Pelotas. Na contemporaneidade, os descendentes de escravos é que entoam as

rimas ao microfone. Como “senzala” atual, a exploração, fome, violência, racismo e injustiça social.

Amostra do percurso histórico dessa maioria empobrecida está no livro “Os Calhambolas do *General* Manoel Padeiro: práticas quilombolas na Serra dos Tapes (RS, Pelotas, 1835)”. Na sua gênese, Pelotas e região delinearam a segregação como prática determinante. No censo realizado pela Câmara Municipal em 1836, na população com 10.873 pessoas, 5.623 eram escravos, 1.137 libertos, 3.911 brancos e 180 índios. Historiadores avaliam sobre o contraste:

Estes dados evidenciam que os cativos eram a maioria da população residente naquela Vila. Se jogarmos um pouco com os números, veremos que, somando escravos e libertos, indivíduos que compartilhavam diversas experiências, temos 6.760 indivíduos, que configuravam 62,17% do total da população pelotense. Se somarmos todos os não brancos (índios, escravos, libertos) teremos 63,83% do total. Convenhamos, era uma cidade de cultura europeia bem peculiar, já que composta majoritariamente de população africana ou afro-descendente.(MOREIRA, AL-ALAM & PINTO, 2013, p.22)

Na obra de José Antônio dos Santos “*Raiou a Alvorada: Intelectuais Negros e Imprensa, Pelotas (1907-1957)*”, o autor sintetiza:

O acúmulo de riqueza ao longo do século XIX, processo sustentado sobre os trabalhadores cativos que labutaram de sol a sol nas charqueadas e na construção dos prédios da cidade, deu origem, em Pelotas, a uma sociedade muito segmentada social e racialmente (SANTOS, 2003, p. 20)

No século XXI ainda são fortes os sinais dessa segregação enraizada na formação do lugar. A etnia negra ultrapassa 50% da população de Pelotas, mas não dispõe de poder econômico ou político. Nas ruelas da periferia, com o incremento da violência, principalmente em consequência do aumento no consumo e tráfico de drogas, majoritariamente é a juventude negra que tem sido assassinada. E Pelotas insere-se no perverso contexto étnico-racial brasileiro:

A herança da escravidão, consolidada nas várias 'repúblicas' e no modelo atual, entre outros dramas que afetam o povo negro brasileiro, destaca, por exemplo, que de cada 2 mil menores carentes, 1,6 mil são negros e mulatos, de acordo com a Unicef. Isto quer dizer, 80% das crianças e dos adolescentes marginalizados no Brasil são negros e mulatos, embora eles sejam pouco mais da metade da população. Se no tempo do Império o governo proibia os negros de frequentarem a escola, hoje nem é preciso leis e a sociedade não se sente 'culpada' por excluí-los. Por exemplo, proporcionalmente há 2,2 vezes mais analfabetos negros do que brancos. E, antes da lei de cotas nas universidades a possibilidade de um branco entrar na universidade era de 43%; e a de um negro, 18%: mas mesmo agora não mudou muito. Esses dados, entre outros, demonstram a marginalidade do negro. (CHIAVENATO, 2012, p. 227)

Como fontes teóricas para a pesquisa, encontrei em Karl Marx e Paulo Freire, dois aliados à reflexão. Em Marx, patamar filosófico pertinente para entender o capitalismo como ambiente econômico perverso, no qual as oportunidades são escassas, e a sobrevivência está atrelada à inserção no mercado. Em Paulo Freire, pensamento que, no âmbito da educação, questiona o egoísmo, estreiteza e conservadorismo, ingredientes que se coadunam com o cenário determinado pela cobiça do sistema financeiro.

No eixo de referenciais, a pesquisa também trabalha com o conceito de "indústria cultural", formulado pelos filósofos alemães Theodor Adorno e Max Horkheimer na década de quarenta do século XX. Além disso, também o conceito de multiculturalismo é fonte para aprofundar a reflexão.

Com o objetivo de resgatar, narrar e debater o Hip Hop pelotense, optei por quatro entrevistas. Cada qual, representando um "elemento" ou prática do Hip Hop. Como critério para convidar os entrevistados, optei pela trajetória pioneira. Então, aqueles que desde os anos oitenta ou noventa, têm se dedicado ao movimento na cidade. A exceção foi a área da dança. O escolhido inicialmente aceitou o convite. Mas, posteriormente, devido a questões pessoais, não pôde participar.

No Hip Hop, o grafite é a expressão visual, o DJ é o responsável pela sonoridade, o MC (mestre-de-cerimônias) é o cronista, intérprete e porta-voz. Já a gestualidade consagra-se através do B-Boy (dançarino). Colaboraram com a pesquisa o grafiteiro Beethoven Mendonça (ANEXO A), MC Jair "Brown" (ANEXO B), B-Boy Tagner do grupo Trem do Sul (ANEXO C), e DJ Vagner Borges (ANEXO D). Nos Anexos constam a íntegra das declarações de cada entrevistado.

Outra perspectiva é que os entrevistados, além de protagonizar o estudo, com a consequente valorização e autoestima, também tenham acesso ao aporte teórico e

reflexivo que embasa o trabalho. Para democratizar o acesso ao resultado, ampliando a inserção em diferentes comunidades e realidades, possibilidade de edição de documentário em vídeo. Além disso, outra meta é a publicação da pesquisa. Assim, documentação para contribuir com o registro histórico, e também instigar a potencialidade educativa e política do Hip Hop pelotense.

2 RITMO DA INTERIORIDADE

Neste tópico menciono sobre fases do meu aprendizado, salientando algumas etapas que foram decisivas para a formação. Com brevidade, alguns episódios que contribuiriam para, profissionalmente, estar receptivo ao encontro com o Hip Hop.

A formação humanística, em especial a licenciatura em Filosofia, afinada com a percepção dos contrastes sociais, decorrente em boa parte do embasamento propiciado pela graduação em Comunicação Social, contribuíram para o comprometimento com a coletividade. Assim, tanto a reflexão, por conta dos conceitos filosóficos, narrativas ficcionais ou instigada pela poesia literária, quanto a atenção aos apelos da realidade objetiva, o concreto em sua dramaticidade, foram experiências que compuseram o ritmo da inquietude.

Essa interação mantém-se rejuvenescida, pois as inquietações filosóficas revigoram-se através das atribulações conjunturais. Os fatos alternam-se e, assim, renovam o pensar, recolocam questões. Tal ritmo, porém, diapasão da interioridade, além da vivência acadêmica, possivelmente não se manifestasse não fosse o senso coletivo, o comprometimento pela transformação. Essa interpretação, crítica e aguçada, evoluiu através de etapas como a observação, o amadurecimento, e a constatação acerca das inúmeras e arraigadas desigualdades. Para relacionar o aprendizado formal, acadêmico, conjugando-o com o cotidiano, imprescindível a jornada na militância.

Nos anos oitenta participei do movimento estudantil. E tive experiências em entidades como o Centro Acadêmico de Filosofia na UFPel, e o Diretório Acadêmico da Comunicação Social na UCPel. Em três congressos da União Nacional de Estudantes (UNE), participei como delegado estudantil. Era o fim do período ditatorial, e o País rumava à redemocratização. Como curiosidade política, após período no qual li, debati e me motivei com alguns dos principais autores libertários – por exemplo, Bakunin, Malatesta, Kropotkin e Proudhon –, aguçou-me a proposta da esquerda para o Brasil.

Após o silêncio, em duas décadas de autoritarismo, o País gradativamente remexia em suas feridas. Entre as inúmeras atividades à época na cidade, houve palestra com Luis Carlos Prestes. No auditório do Colégio São José, o “Cavaleiro da Esperança” destrinchou sua interpretação dialética. A fase foi profícua, estimulando participação em passeatas e manifestações, numa ação solidária com mobilizações que criticavam a carestia e inflação, reivindicavam melhores salários, e exigiam a redemocratização em várias instâncias da sociedade brasileira.

Em 1988 foi promulgada a Constituição que formalizou mudanças no cotidiano dos brasileiros. Na UFPel, o então recente curso de Filosofia – primeiro ingresso foi em 1985 -, reunia estudantes que, avessos à ditadura da extrema direita, também criticavam a truculência do designado “socialismo real” da União Soviética. O grupo libertário, essencialmente arguto e dialógico, localizava na verticalidade do poder antidemocrático, espelho que tanto podia mostrar a imagem da direita quanto refletir a esquerda. E a história foi rapidamente revirando as principais referências do século XX.

A União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), não resistiu ao anseio por democracia, expresso através de etapas como a Glasnost e a Perestroika. Em 1989, a queda do Muro de Berlim simbolizou a abrupta transformação, sinalizando para outro tabuleiro geopolítico, com efeitos que, 25 anos depois, ainda estão sendo compreendidos. Naquele turbilhão, desabando certezas e convicções pelo mundo, o Centro Acadêmico de Filosofia, promoveu a vinda do professor Maurício Tragtenberg (Unicamp). Numa semana acadêmica, a presença foi emblemática, pois cristalizou a abertura à diferença. Com manifestação deliberadamente provocadora, o palestrante tratou de colocar a pá de cal nos dogmas do materialismo.

Nos anos noventa, no entanto, ritmo com nova batida. A hora e a vez de experienciar a exploração no mercado profissional. Como força de trabalho, menos do que lamento, perspectiva de luta por melhorias e avanços às categorias profissionais. E assim tem sido. Profissionalmente em atividade na área de comunicação social, especificamente num dos jornais diários da cidade de Pelotas, a trajetória de constante aprendizado. Desde a técnica até o enfoque que, sutilmente, pode transformar a abordagem de determinado tema, bem como o permanente aprendizado diante da relação com colegas e patrões no cotidiano do ambiente de trabalho.

Durante quase um ano atuei como redator na emissora Rádio Pelotense. A atividade era paralela ao trabalho como revisor do Diário da Manhã. Em 1992, convite para assumir a editoria de cultura do jornal. No trabalho diário abriu-se de imediato, canal para expressar um pouco daqueles princípios questionadores e solidários.

Na juventude vivenciando o espaço à cultura numa cidade como Pelotas, pude ir identificando e conhecendo muitos dos contrastes sociais. Naquele momento ainda haviam alusões ao apogeu econômico, principalmente referente à segunda metade do século XIX, decorrência do período com as charqueadas e exploração da mão-de-obra escravizada. A ostentação dos endinheirados tornou-se perene, pois edificaram patrimônio arquitetônico singular. No entanto, os prédios também remetem a outra história. Trata-se da exploração humana e econômica, numa demonstração arrogante do poderio dos charqueadores. É nessa realidade, com cidade naufragando economicamente através do século XX, em especial por conta da concentração de renda, que os descendentes dos trabalhadores escravizados foram configurando os inúmeros bairros, vilas e guetos.

A periferia urbana de Pelotas expandiu-se, alastrando-se, ramificando-se desordenadamente, crescendo feita vida que não arrefece diante dos obstáculos, de barreiras que não conseguem estancar a pulsação da maioria. Essa realidade tem identidade, história, cultura e muita arte. Afinal, cada dia deve ser esculpido, cada momento cinzelado, numa obra que não se desfaz com o contrapeso do subemprego, desemprego, pobreza e fome. A favela na horizontal, plana como o chão dos ricos, acolhe os afro-descendentes. No subúrbio e arrabaldes, o ritmo é da etnia negra. Se os ascendentes penaram sob maus tratos, vida abreviada e a dor nas charqueadas, as gerações recentes ainda sofrem com a discriminação, baixa escolaridade, salários inferiores.

É difícil superar tais restrições, pois estão internalizadas, como se ao negro fosse cabível apenas a visibilidade secundária. E é a comunidade negra que limpa os escritórios, rala na prestação do trabalho doméstico, sobrevive através de biscates. Quando não se vislumbra chance para remuneração, também são os negros que reviram lixeiras nas ruas, ou ocupam a maioria das celas no superlotado Presídio Regional.

Na contemporaneidade, o negro prossegue apanhando, mas a chibata é diferente. Não se trata da agressão física que lanha a pele, mas o preconceito que

corta a alma. Em Pelotas, como no restante do País, prevalece a retórica da boa convivência entre brancos e negros. Mas, na prática, as melhores oportunidades e cargos de decisão, estão majoritariamente com o poder branco. E isso faz muita diferença. Desde o começo na vida escolar e, em geral é o negro que não dispõe de exemplos positivos em relação ao aprendizado formal, diminui a autoestima e aumenta a condição de inferioridade. Com isso, ou é o aluno indisciplinado na escola, que repete o ano, muitas vezes abandonando o estudo, ou é o jovem que encontrará na drogadição a fuga para a desesperança. O resultado é bem conhecido, e conduz ao incremento da violência.

O contexto complexo e acintosamente desigual, foi-se descortinando através das sucessivas pautas no trabalho jornalístico. E, logo ali, primeiros momentos da ação profissional, a questão da etnia sobreveio. Bastava sensibilidade elementar, o “*querer ver*” para compreender a gravidade da realidade local. Ainda em 1992, série de matérias divulgando seminário promovido pelo grupo “*Nós, os negros*”. O grupo era formado por estudantes e servidores da UFPel. As abordagens expressas por lideranças nacionais dos afrodescendentes, sedimentaram a atenção à questão racial. A partir daquelas informações, curiosidade, persistência e compromisso com a comunidade que deu sangue para construir Pelotas.

Em 1994 a divulgação de atividade diferenciada. Jovens negros promoveram encontro na então Casa de Cultura – Castelo no bairro Simões Lopes. O tema poderia soar desinteressante, passar despercebido já que, pela ótica patronal, não era considerado como relevante. A muitos colegas, possivelmente a “*pauta*” não instigasse maior atenção. Porém, motivado pela sensibilidade diante das injustiças sociais, tratei de atender a solicitação. E no final de semana programado para o evento, fui até o “*Castelo*” e acompanhei as atividades dos jovens. Modestamente acrescento, para exemplificar como comprometimento e espontaneidade, que não recebi um centavo de hora-extra pelo trabalho no sábado à tarde, tampouco ajuda para o gasto com transporte. E vinte anos depois, assim persiste minha rotina. Dia ou noite, final de semana, enfim, são inúmeras as situações nas quais não ponderei o custo econômico envolvido. Porém, para esse despojamento, é necessário que o tema me convença da sua urgência histórica e sociológica.

Mas retomando a abordagem sobre aquela ida ao “*Castelo*”, os jovens se apresentavam como integrantes do Hip Hop – algo ainda novo naquele momento –, e pretendiam com aquele encontro definir o surgimento de “*posse*” na cidade. A

“posse” seria como associação, instância coletiva para deliberar ações e programar estratégias. Entre as inúmeras descobertas naquela tarde, a realidade de humildade e pobreza daqueles grupos. Um dos entrevistados era guardador de veículos – *flanelinha* –, outro trabalhava como entregador de refrigerantes. Em destaque, a presença de grupo formado por mulheres. Com a publicação de matéria no jornal, a meta era difundir o movimento. O trabalho foi elaborado com afinco, rendeu página no suplemento de cultura e, além da fotografia dos integrantes, também trechos das letras dos grupos. No título, a menção que prossegue atual, mesmo vinte anos depois. Eles reivindicavam: “*Queremos dignidade*”. Quase todos eram negros, e as mensagens falavam da injustiça e dificuldades, denunciando a condição de inferioridade. Tratava-se de grito, bradando indignação, respirando insubmissão. (ANEXO E)

Ora, impossível não pensar como aqueles grupos conseguiram, com baixa escolaridade e poucas informações, desenvolver a perspicácia da crítica acerca do cotidiano. Foi na escola? Nalguma rádio? Ou através do ritmo que, clandestinamente a restrições do mercado regado pela grande mídia, expandiu-se pelo País numa resistência de quilombo fortalecido pela tecnologia? Aquela ‘posse’ não foi organizada. Mas o Hip Hop prosseguiu vivo, educando, provocando.

A presença da temática da negritude na música vem da tradição do samba, atravessa muitas fases da música brasileira e chega, hoje, como expressão máxima ao hip-hop, que tem produzido verdadeiros hinos de discussão sobre o racismo, e produz questionamentos abertos ao racismo, indagando-o, desafiando-o, como é da tradição discursiva do hip-hop. (RAMOS, 2002, p. 86)

No ritmo da interioridade também houve o trabalho com assessoria ao Partido dos Trabalhadores. Entre 1994 e 2004, fui assessor de imprensa na bancada do PT na Câmara Municipal. Desde 2009, atuação como docente de filosofia na rede pública de Pelotas. Em 2013, também o trabalho em escola da rede pública de São Lourenço do Sul. Em 2014, tutor no curso de filosofia a distância da UFPel.

O trabalho na área da educação tem implicado em novos desafios, aprendizagem e superação. O convívio com os jovens no Colégio Municipal Pelotense, bem como na Escola Machado de Assis – praia da Barrinha em São Lourenço do Sul –, tem propiciado algumas provocações. Assim, por conta da troca

de ideias, atividades didáticas e a recorrente curiosidade acerca da dimensão “pedagógica” do Hip Hop, consolida-se a perspectiva que identifica a potencialidade educativa da manifestação. A exemplo, o doutorado do professor Felipe Gustsack – Hip-Hop: educabilidades e traços culturais em movimento -, tese apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da UFRGS em 2003. O trabalho corrobora o viés que alude aos saberes que germinam na prática do Hip Hop.

3 MESTRES SEM CERIMÔNIA

Neste tópico, o ritmo da pesquisa aludindo aos entrevistados. Três dos entrevistados são adultos, maduros, pais e profissionais em áreas como a portaria de condomínio, trabalhador num dos engenhos da cidade, e autônomo como “tatuador”. Já o mais jovem, dançarino Tagner, aceitou participar pois um dos primeiros e mais talentosos Bboys – bailarinos do break” -, não teve como atender ao pedido.

Os entrevistados são moradores de diferentes bairros. O DJ Vagner Lemos é morador do Navegantes. Já o representante dos MCs, pioneiro Jair “Brown”, residente à vila Farroupilha. Na dança urbana, Tagner Mattos de Souza é morador da Várzea. Outro morador da região da Várzea – bairro Nossa Senhora de Fátima –, é o grafiteiro, tatuador, artista e pintor de letreiros Beethoven Mendonça.

Além do pioneirismo em suas respectivas manifestações, também foi decisiva a postura que caracteriza cada um deles como exemplo e referência a novas gerações. Definido o perfil, contemplando a liderança, competência e tempo de envolvimento com o Hip Hop, houve a bateria de entrevistas. Os encontros aconteceram durante 2014 e início de 2015.

Como metodologia ou prática de pesquisa, foi estabelecido que alguns eixos, além da trajetória pessoal e mais abordagens, fossem considerados. Assim, os entrevistados foram questionados acerca da trajetória pessoal de envolvimento com o Hip Hop, e os aspectos político e educativo. Nas considerações finais da pesquisa, constam análise, interpretação e reflexão acerca das manifestações de cada um dos entrevistados.

Sobre as trajetórias, Beethoven Mendonça é natural de São Paulo, mas desde a infância está residindo em Pelotas. Em 2015, aos 37 anos, orgulha-se de sobreviver do talento como desenhista. Profissionalmente, Beethoven é tatuador, pintor e cartazista. Ligado ao Hip Hop desde 1989, começou a grafitar em 1991. É considerado o primeiro grafiteiro de Pelotas. Ele afirmou:

Nasci em Navegantes, São Paulo, e estou com 37 anos (2014). Minha mãe é pelotense e estou em Pelotas desde a infância. Após concluir o segundo grau, não quis o curso superior. Foi a ilusão da grana, querendo trabalhar logo. Em família, referências como a música negra, principalmente por conta da mãe e tias. Também a dança através de primo capoeirista. Já o desenho está presente desde pequeno. Na família, somos dezessete que desenharam. Muitos são autônomos e pintam letreiros, ou trabalham na recuperação de prédios. (ANEXO A)

Jair Duarte Correa – ou Jair “Brown” –, aos 45 anos de idade (2014), é um dos pioneiros no Rap pelotense. O apelido é homenagem ao cantor negro americano James Brown, e Jair já produziu e apresentou programas de rádio, organizou shows e eventos, participou de debates sobre política cultural. Também editou o “zine” – publicação artesanal – Batida de Rua, e integrou o grupo “Calibre 12 Máfia”. Ele comentou sobre a vida em família:

Sou pelotense e estou com 45 anos (2014). Fui criado na Gottuzo no bairro Fragata. Meu pai era ferreiro-armador e a mãe dona de casa. Dos irmãos, dois já faleceram por questões de saúde. Mas ainda tenho outros dois. Em família aprendi o respeito pelos pais que, com dificuldade, ensinaram a ser um cara correto. Sou o caçula e tive boa orientação. Estudei até a sétima série. Era tímido e fugia da escola, mas gostava de aprender, de ler. E também gostava muito de futebol, minha meta era ser zagueiro. Mas, na adolescência comecei a trabalhar para ajudar em casa. E, aos dezesseis anos, era entregador de jornal. Meus pais queriam dar o melhor, mas as despesas eram grandes e também os sobrinhos moravam com a gente. (ANEXO B)

Outro entrevistado é o jovem Tagner do grupo de dança urbana “Trem do Sul”. Mais jovem dos quatro, também é o que já foi mais longe. Através da dança de rua, apresentou-se em Paris e Las Vegas.

Nasci em 9 de junho de 1992 na Balsa, Várzea. Minha escolaridade é o ensino médio incompleto. Em casa minha mãe ouvia música Black, especialmente o ritmo ‘charme’. À época eu não tinha noção do que fosse. Através de amigo é que tive acesso ao som de grupos como Facção Central, 509-E e Racionais. Lembro que eram discos em vinil e fita cassete. (ANEXO C)

A quarta entrevista foi com o experiente DJ Vagner Borges. Com quase quarenta anos, Vagner foi se consolidando como importante liderança do Hip Hop e movimento negro. Na sonorização de grupos, elaborando as ‘bases’ que receberão as letras contundentes dos rappers, Vagner foi amadurecendo acerca da

observação e interpretação da importância da cultura de rua de Pelotas. Ele criou a Associação Hip Hop de Pelotas, tem sido um dos principais interlocutores dos grupos com o poder público e representantes de variadas instituições.

Meu nome é Vagner Lemos Borges, tenho 39 anos (2014), e cursei o ensino médio completo. Meu pai curtia muita música como o samba e também gauchescas. Então fui me acostumando com a musicalidade. Em 1988, Pedro, irmão mais velho, comprou o vinil 'Som da Ruas'. Ali escutei a batida do Rap, e também o ritmo do 'charme'. Desde então, o som tornou-se a minha paixão. Em contato com o vinil, percebi que, enquanto rolava outra música, poderia fazer certos efeitos e ruídos. Daí começou minha busca pela arte dos toca-discos e mixagens. Influenciado pelo meu irmão Pedro, passei a conhecer DJs de destaque no País, como KL Jay, e também do exterior. Ao ver um 'scratch' (efeito sonoro ao travar ou rodar vinil no sentido inverso) ficava maravilhado. Sempre fui um cara com muitas ideias e depois de alguns anos de discotecagem, resolvi ensinar e espalhar o que havia aprendido, de forma voluntária, para as crianças e outras pessoas. Vi também que aliava a oportunidade de levar mudança e esperança para pessoas que viam aquilo como algo impossível. Dessas oficinas, saíram DJs, operadores de rádios comunitárias e MCs (ANEXO D)

É possível perceber amadurecimento no movimento. Em Pelotas, desde 2011 está instituída lei que estabelece a Semana Municipal do Hip Hop, e a primeira edição da ocorreu em outubro de 2012. A principal atividade foi uma série de oficinas em escolas públicas. Outra etapa do fortalecimento, foi a criação da Associação Hip Hop Pelotas, coletivo cujo compromisso é a ação político-educativa.

O movimento Hip Hop desde os anos oitenta expandiu-se pelo País como expressão de senso crítico, indignação e utopia. A também chamada cultura de rua, que prossegue alvo do preconceito e estereótipo em boa parte da sociedade, instaurou-se como vetor de múltiplas inquietações. Assim, muito além da referência estética, transcendendo a criatividade artístico-cultural, mostra-se como estratégia de resistência. E, nem tão latente, verifica-se a dimensão ideológica, questionadora, que conscientiza e educa.

Questões que emanam do olhar atento à juventude da periferia urbana no Brasil, de imediato remetem a ilações que dialogam com Marx e Freire. O movimento Hip Hop, mais rapidamente do que a escola, tem instigado o senso crítico de pré-adolescentes e jovens. Nos grupos de Rap, um dos elementos do Hip Hop, estão os herdeiros do sofrimento, os filhos dos explorados – proletários e desempregados –, a geração que desde cedo conhece o fardo da opressão. Trata-se de grito da periferia, numa estratégia que remete à história de resistência e

contestação. E a juventude negra é que protagoniza essa informação e saber. A origem do Hip Hop está na batida “black”, no ritmo que emergiu da conexão Jamaica e EUA, tornando-se linguagem da pobreza no Brasil. E, mais do que “revolta juvenil”, consagra-se como movimento social, com aberta conotação ideológica que não se intimida em denunciar a desigualdade, violência, discriminação e miséria. Constrói-se, portanto, numa perspectiva contestadora, desafiando a dominação.

Como pressupostos para compreender o Hip Hop, a dialética filosófica e o diálogo educativo. Então, investigação acerca do movimento, relação com a escola e a educação formal, também o viés contemporâneo como resistência afro-brasileira. Trata-se da postura diante do racismo que, entre várias frentes na sociedade brasileira, dispõe de mídia que reafirma os valores da elite branca e eurocêntrica.

Em Pelotas o Hip Hop é manifestação que, além da juventude empobrecida e discriminada, gradativamente também atraiu adultos e até idosos. A dança de rua – versão contemporânea do “break” –, e a expressão visual através da arte do grafite, dispõem de trajetórias relevantes na cidade. A criatividade tem obtido reconhecimento através de premiações em festivais. Também houve experiências em escolas, relacionando as manifestações com a educação. Tal percurso, além de expor estética diferenciada, consolidando a poética popular, contribui para transformar valores e comportamentos. O efeito abrange tanto protagonistas, quanto familiares, amigos e colegas.

Essa coletividade, muitas vezes identificada como “família” – senso solidário que está na contramão do individualismo propagado pelo capitalismo –, pode ser o vetor de ação distinta. Então ao invés do egoísmo e ambição que movem o cotidiano monitorado pelo mercado, experiência política que até pode soar atávica – a exemplo, os quilombos, polos de resistência aos deserdados, foragidos e ralados –, mas imediata e espontânea manifestação do senso de sobrevivência.

No Rap (Rhythm and Poetry), ou Ritmo e Poesia, se pronuncia a indignação com a pobreza. Há contestação nos versos, muitas vezes escritos por quem deixou a escola, ou pena por chance para trabalhar – nos bairros pobres, superando adversidades e limitações, emergem cronistas inquietos, insatisfeitos, que desafiam o cotidiano de submissão.

Através de CDs, DVDs, zines – *publicações artesanais* –, redes sociais e apresentações em diferentes promoções, os grupos comunicam-se publicamente. Os admiradores empolgam-se, os conservadores repudiam. Mas algo resiste,

mantém-se, uma prática que pode ser considerada educativa. Será também conscientizadora? O Hipo Hop pode ser tragado pela “*indústria cultural*”? O Rap pode ser escolar, pedagógico, provocando a reflexão? Perguntas que instigaram a pesquisa.

Conforme o DJ Vagner, o compromisso é encontrar o ritmo da construção solidária, reinventando perspectivas de transformação.

O Hip Hop é uma cultura revolucionária, basta ver a transformação que faz na vida de muitas pessoas. Não se tem estatística, mas sabemos o que é capaz de fazer uma letra de música. Seja na oficina numa comunidade ou no presídio, seja aonde for, é nesse momento que o Hip Hop torna-se cultura. O Hip Hop leva informação e conscientização em relação a tudo, abrindo os olhos dos que não querem ver. É capaz de transformar a vida, e os exemplos estão aí nas ruas, nos relatos dos manos que, pela letra ou palavra de um rapper, foram salvos do sistema opressor (ANEXO D)

Relacionando Hip Hop e educação, contraste à cultura que silencia, cala, subjuga e domina. Trata-se de manifestação que expõe inconformidade, questionando a desigualdade, contestando o sistema que marginaliza. Discriminados pela maioria dos meios de comunicação, rejeitados pelo senso comum que prevalece na rotina escolar, eles foram constituindo outro espaço, um circuito diferenciado, forma alternativa para não sucumbir à cultura do silêncio. Se as apresentações são escassas, a mídia pouco contribui, e o poder público quase não dialoga, como explicar a profusão de grupos? E são dezenas, considerando os mais variados bairros de Pelotas. Saberes educativos têm se estabelecido na veiculação das questões que enfrentam a miséria. Quais advêm do Hip Hop pelotense? Cabe ressaltar que o movimento Hip Hop identifica como “*quinto elemento*”, o conteúdo expresso nas letras e imagens, isto é, especificamente naquilo que possa apresentar como conscientização. Então, transcende ao entretenimento para significar mensagem crítica, sabedoria, conhecimento e filosofia. Nas mensagens, o reiterado apelo à consciência como olhar que apreende as contradições. Feito “quilombo contemporâneo”, o Hip Hop reúne a expressão dos proibidos de ser, possibilitando perspectivas educativas.

O Hip Hop Escolar é designação acerca do conjunto de oficinas realizadas periodicamente. A cultura de rua dialogando com a realidade escolar. Diante da imediata identificação de crianças e jovens da periferia, torna-se o Hip Hop

uma alternativa para o fomento como referencial pedagógico. Narrativa da realidade social, menos do que lazer e recreação, intensifica-se o Rap como linguagem que pode instigar, tanto o conteúdo mais atrativo, quanto o senso coletivo de igualdade perante os desafios por mudanças. Tagner menciona sobre o começo através da participação em oficina numa escola pública:

Em 2006, amigo que dançava convidou para conhecer o grupo Trem do Sul, que já estava em atividade há quatro anos. E fomos até a Escola Estadual Nossa Senhora dos Navegantes, onde ensaiava o grupo de dança. Sempre gostei de dançar as músicas que curti, e tinha muita vontade aprender sobre o 'break'. É no estilo do b-boy (dançarino do break), que está a origem das danças urbanas. Então dançando ao som de James Brown dos anos setenta, interessei-me pela técnica do 'locker', cujo movimento 'locking' exige muito treinamento e habilidade. Como 'B-boy' do break, e ouvindo a sonoridade 'beat', aderi ao movimento Hip Hop. (ANEXO C)

A pesquisadora Elaine Andrade¹ estudou o processo educativo do movimento Hip Hop. Esse movimento negro juvenil apresenta, além da educação política, uma outra vertente educativa que é desenvolvida nas posses: trata-se da ação pedagógica do grupo, ou seja, são os instrumentos utilizados pelos jovens para pleitear direitos, atingir objetivos e intervir nas relações sociais (ANDRADE, 1999, p. 89). No tópico a seguir “*No ritmo da interioridade*”, o percurso pessoal que gradativamente inseriu o Rap como interação que ultrapassa dez anos.

3.1 RITMO DA PRÁXIS METODOLÓGICA

Numa primeira etapa do enfoque metodológico desta pesquisa, a ênfase nos questionamentos epistemológicos. Em destaque o húngaro Georg Lukács (1885-1971), que advertiu à coisificação da realidade social. Trata-se da também designada “reificação”, decorrência do capitalismo.

Num contraste com a pesquisa desenvolvida, constata-se que Lukács é fonte que instiga perspectivas metodológicas. Em consequência das abordagens e debates, vislumbrou-se enfoque compatível com a proposta de pesquisa. Afinal, como o Hip Hop evidencia a indignação de explorados, torna-se construtiva a

¹ Em 1996 Elaine Nunes de Andrade concluiu primeiro mestrado sobre o Rap no País. Na Faculdade de Educação da USP, ela defendeu a dissertação “*Movimento negro juvenil: um estudo de caso de jovens rappers de São Bernardo do Campo*”.

relação. Se o Hip Hop em sua manifestação contemporânea, apresenta-se na fronteira entre a apropriação pela indústria cultural e a prática educativa que visa emancipação coletiva, então subsiste sob incerteza. Tal indefinição, abre-se a questionamentos.

Neste projeto a metodologia proposta foi a investigação-ação. Através da investigação comprometida com a transformação social, a *libertação* enfatizada por Paulo Freire, dispõe-se de perspectiva diferenciada. E, percebendo-se as ambiguidades, próprias da contestação que emerge espontânea, num revide que brota como defesa à agressão permanente da realidade opressora, configura-se o diálogo com um dos principais legados de Lukács. Trata-se da “tensão dialética”. A postura remete a princípios que se afinam com o desafio, o desassossego diante da ofensiva neoliberal, a insatisfação com o comodismo pós-moderno, o agudo questionamento à globalização da pobreza.

Diálogo entre diferentes, movendo-se como resistência ao individualismo, rebelando-se perante o pragmatismo que permeia as relações cotidianas e o saber científico. Entre os temas abordados o contraponto entre o ideário que abdica da historicidade, compreendendo-se como alguns dos principais enfoques identificados na pós-modernidade, e a ideologia marxista.

Os tempos hipermodernos exigem hipermercados e shopping centers cada vez mais gigantescos e sofisticados que atendam às necessidades de uma clientela cada vez mais hiperindividualista, pragmática, que vê o consumismo como forma de compensação, como saída para a angústia existencial, para preencher a vacuidade do presente e do futuro, bem como o prazer associado às mudanças. (LAMPERT, 2005, p 26)

O ritmo pós-moderno embala o hedonismo. A decepção com o “socialismo real”, ressoou como sepultamento da utopia. O ritmo tocou mais alto nos anos noventa. Com a batuta, os interesses do capitalismo sem fronteiras. Neste cenário, o saber científico foi contaminado, e a pesquisa acadêmica rumou a investigações pontuais, fragmentos descontextualizados, o micropoder como a maior descoberta.

A crise do capitalismo real deste fim de século, globalizado e transnacionalizado, uma vez mais e de forma mais perversa, ainda que mais dissimulada, busca resolver sua crise pela exclusão e pela violência. A questão das guerras espalhadas pelo mundo, o problema ecológico, a concentração da riqueza e do capital, do conhecimento e do desemprego estrutural são provas inequívocas de que a saída não está no capitalismo. Por mais que as utopias pareçam estar riscadas do horizonte da história, de um lado pelo neoliberalismo e, de outro, pelo pós-modernismo, a construção democrática do socialismo está em pauta como o modo de produção estruturalmente capaz de pôr fim ao que Marx denominou de pré-história da humanidade, as sociedades regidas pela cisão das classes sociais que cindem o humano. (FRIGOTTO, 1995, p. 193)

O ambiente neste início de século XXI, não se alterou significativamente. O capitalismo dá o ritmo que, tanto seduz aqueles que consomem, quanto multiplica adversidades e sofrimento à maioria que pena sem atendimento de necessidades básicas. No ritmo da desigualdade, antagonismos também têm estimulado outro húngaro. Trata-se de István Mészáros, que focalizou “*A educação para além do capital*”.

A nossa época de crise estrutural global do capital é também uma época histórica de transição de uma ordem social existente para outra, qualitativamente diferente. Essas são as duas características fundamentais que definem o espaço histórico e social dentro do qual os grandes desafios para romper a lógica do capital, e ao mesmo tempo também para elaborar planos estratégicos para uma educação que vá além do capital, devem se juntar. Portanto, a nossa tarefa educacional é, simultaneamente, a tarefa de uma transformação social, ampla e emancipadora. (MÉSZÁROS, 2005, p. 76)

Como pressuposto de atualização do legado marxista, capaz de interagir com a complexidade de sociedade que se modifica por conta dos avanços da tecnociência, bem como a velocidade da informação em decorrência da evolução tecnológica, cumpre observar que há necessidade de superação do viés dogmático, estreito, que logo esvai diante do contra-senso entre a realidade do século XIX e o início do Terceiro Milênio. Assim, como apreender a teoria marxista? A necessidade ratifica-se com as mazelas sociais, a exploração narrada por vários rappers. Mas, em qual categoria mantém-se revigorada concepção que visa o embate ao capital?

No percurso para problematizar a conjuntura, perseverando na identificação de limites do capitalismo, houve o contato com formulação de Leandro Konder e seu

instigante “Pensamento de Marx no Século XXI”². A partir da indagação sobre o “futuro da filosofia da Práxis”, o autor aparta conceitos de Marx que já se sustentam, e aborda genealogia da Práxis. Desde a mera associação como “prática”, até à apreensão na qual está próxima da dialógica de Freire, do comprometimento por transformação. Para Konder, trata-se de abertura, desconforto aos princípios sacralizados, numa reinvenção acerca da interpretação crítica, uma reelaboração do socialismo como alternativa à realidade que beira a barbárie.

São previsíveis alguns grandes campos de batalha: em torno da concentração da riqueza e do poder; da preservação do meio ambiente e do furor ‘produtivista’; em torno dos privilégios da propriedade privada, de discriminações étnicas, religiosas e sociais, da valorização do trabalho e da criação cultural; em torno do direito à informação; dos pontos de estrangulamento corporativos ou clientelísticos na prática da democracia; da maior aceitação da diversidade dos costumes; do direito à saúde e à educação; em torno do fortalecimento dos valores éticos ‘humanistas’ e contra a relativização/mercantilização da vida. (KONDER, 2006, p. 136)

Em Freire no texto “Criando métodos de pesquisa alternativa: aprendendo a fazê-la melhor através da ação”, a ênfase na pesquisa participante. A relação dialógica, sem a hierarquia que distingue o pesquisador, numa construção conjunta. A abordagem sintoniza-se com a pesquisa sobre o Hip Hop. O trabalho não visa oprimir aqueles já oprimidos, mas escutar e interagir, já que a relação está motivada pelo mútuo aprendizado, numa troca de saberes. Como reitera o educador pernambucano: “O povo tem que participar na investigação como investigador e estudioso e não como mero objeto”.

Já a “Investigação-Ação”, referência através do livro organizado por Rejane Aurora Mion e Carlos Saito, que visa a mudança no “*trabalho de formar professores*”, embasamento à pesquisa. No livro sobre investigação-ação, embora prevaleçam experiências com a educação formal, também constam subsídios para aprimorar conceitos e categorias que embasarão a ação junto a grupos de Rap Pelotense. Essencialmente, o comprometimento, a construção, o diálogo e a pesquisa como ação humanizadora. Com Brandão e “*A pergunta a várias mãos*”, o desvelar da “criação solidária de conhecimento”. (BRANDÃO, 2003, p. 11)

O Hip Hop como manifestação questionadora. Aprender qual o conhecimento daí decorre, que prática educativa solda a motivação e interesse dos grupos? Uma

² Publicação da editora Paz e Terra, cuja terceira edição é de 2006

voz diferenciada no coro da passividade engendrada pelo capitalismo. Uma fonte que provoca. “A coincidência da mudança das circunstâncias e da atividade humana ou autotransformação só pode ser tomada e racionalmente entendida como práxis revolucionária.” (MARX e ENGELS, 1984, p. 108)

Para aprender com a prática educativa do Hip Hop pelotense, menos do que confrontar os referenciais teóricos, a perspectiva é de que o Hip Hop apresente sua prática educativa, e compartilhe seu saber. Dos entrevistados, declaração de Jair “Brown” à reflexão acerca como potencial de transformação social. Numa crítica aguda, ele contraria a reiterada alusão da cultura de rua como vetor de questionamentos e mudanças:

Muitos cantam mas não querem compromisso. É cada um por si e falta senso crítico. Deixamos de conquistar pois não entendíamos como fazer contato, como é o jogo poder. Tenho uma letra que conta sobre essa contradição. Em ‘O Rap não me salvou’, comparo a fase que me ensinou a andar nas ruas, com respeito e autoestima, e a vertente atual com ostentação, sem compromisso social. A internet alastrou o consumir e ser consumido. Apenas se ouve o som e não o teor das letras que falam sobre mudanças. (ANEXO B)

4 RITMO DA COLETIVIDADE

O trabalho no jornalismo possibilitou, desde aquela experiência com o encontro realizado no “Castelo” do bairro Simões Lopes, um aprendizado empírico acerca de manifestação peculiar. Vozes da periferia subindo no palco, escrevendo – embora muitas vezes fora da escola –, contando sobre os reveses daqueles que são marginalizados pelo mercado, encontrando no grafite uma forma de identidade e autoestima, autoafirmando-se através das palmas.

Cultura, estilo, arte, linguagem, antropologia? O Hip Hop está aberto a interpretações, mas sua melhor explicação é aquela que emerge das ruas, dos becos, da periferia. Trata-se de compromisso, político sem ser partidário, ideológico sem ser panfletário, poético sem ser literário, revolucionário sem ser dogmático, utópico sem ser sonhador. É o ritmo da coletividade que, na cidade possibilitou o surgimento do programa “Comunidade Hip Hop”, veiculado na emissora Rádio COM – 104.5 –, ou a rádio Nave no bairro Navegantes – cuja programação era essencialmente voltada ao Rap. Na tevê, o Hip Hop Pel, durante bom tempo foi divulgado em canal a cabo da TV Comunitária. A produção e apresentação eram do ex-guardador de veículos e posteriormente ronda noturno “*Mabeicker*” – vítima de tiro enquanto zelava pelo patrimônio alheio. Ele define sua experiência como “missão” pela “mensagem e imagem do Rap”. Em Pelotas, redes sociais divulgam o movimento, interagindo com o mundo através da Internet. Desde os anos noventa é pródiga a produção de CDs locais, inclusive DVDs e videocliques. Atrações nacionais como MV Bill e Racionais MCs, têm vindo à cidade, o que demonstra a realidade local da “cultura de rua”. Na imprensa, amplia-se o espaço à inserção do Hip Hop. Também grupos como o “Calibre 12” e “Consciência Negra”, elaboraram e distribuíram “zines”, ou seja, a expressão gráfica – textos e imagens – acerca da manifestação.

No ritmo da liberdade, questionar é preciso. E perguntas podem revigorar: O que é o Hip Hop?; Transformador ou escapismo, palco ou refúgio?; O Hip Hop é de esquerda ou direita, seria “gospel”?; Hip Hop educa ou acomoda?; Hip Hop é

instrumento revolucionário mas ideologicamente esvaziado? Hip Hop é invenção, criação, legítimo pela inconstância e até imprecisão? Hip Hop é grande ideia que foi sendo domesticada, abrandada e, por vezes, tem sido manipulada pela institucionalidade política? Hip Hop tem a ver com a luta de classes, está na linha de frente da questão étnica no Brasil?

Ou Hip Hop é estilo de vida, com grifes que aguçam o consumo e, ao menos momentaneamente através da arte, contribui para iludir que somos iguais diante dos guichês? E na escola o Hip Hop é pedagogia ou provocação ao senso lúdico? Numa sociedade estratificada, embalada por ventos neoliberais, o Hip Hop é mais um adereço, diversão e “produto”? Na negra Pelotas, o Hip Hop é movimento de contestação ou insatisfação que afrouxa diante de migalhas do poder? Os questionamentos multiplicam-se rapidamente. Em relação a algumas perguntas que embasaram a motivação essencial à identificação e opção da temática, surpresas e até desapontamentos.

Para rastrear algumas respostas, abordagem sobre fases cruciais ao movimento em Pelotas. Como não conseguiu criar “*posse*” – espaço para oficinas e organização de ações –, o movimento local permaneceu na dependência de ações do poder público. Em 2001 a decepção com a administração popular, que havia se comprometido pela aquisição de “*Thecnics*” – mesas equipadas para DJ –, o que viabilizaria oficinas em escolas.

Também é daquele período a atividade de extensão na Escola Superior de Educação Física (ESEF/UFPel). Houve espaço para o break e grafite, inclusive chegando a escolas. O material está relatado no livro “*Cartografias urbanas: obras na iniciação científica*”³. A publicação, no entanto, desagradou alguns. Havia expectativa, conforme relatos, de que a venda do livro pudesse reverter aos grupos. Mas, mérito aos organizadores, que mantiveram o empenho por perspectivas ao movimento. A exemplo em 2006, o ponto de Cultura “*Chibarro*”, em atividade com verba do governo federal. Já no bairro Dunas, desenvolveu-se o projeto Instituto Universidade da Periferia (IUP), cuja coordenação esteve a cargo do professor

³ Organizado pelos docentes Luiz Carlos Rigo e Eliane Pardo (UFPel), o livro foi publicado em 2002, numa parceria entre a Editora Universitária e Seiva

Florismar Thomaz⁴. A ideia foi propor alternativas, oficinas, cidadania, diretamente no bairro. Em 2006, o IUP esteve à frente do Fórum Social Dunas.

Na escola bem como na comunidade, ainda é expressivo o preconceito e incompreensão em relação ao Hip Hop. Trata-se da imagem que associa a manifestação com violência e palavrões nas letras de Rap. A realidade, porém, tem evidenciado que existe um potencial transformador no Hip Hop. Além da explosão, do grito de quem não aceita ser subjugado, o senso comunitário prevalece entre os grupos. Trata-se de quilombo contemporâneo que une tanto os “*esfarrapados*” citados por Paulo Freire (FREIRE, 2006, p.23), quanto os “*explorados*” mencionados por Marx (MARX, 1985, p. 82). A exemplo de Palmares, ali não estão apenas os negros, mas todos os desvalidos e espoliados. É a resistência em plena era *high-tech*, uma acolhida pela identificação. O Hip Hop, portanto, apresenta-se bem mais consistente do que estilo derivado da globalização, numa estética que se uniformiza durante período. Existe o componente educacional, que se consagra através da conscientização. O sujeito que recusa ser coadjuvante, acessório, adereço, número, para expressar-se como ser que narra seu drama, solidariza-se com a “classe”, e aponta para a construção de outra convivência, outra escola, outro saber. Da realidade concreta para a poesia que reflete. O Hip Hop que perturba, provoca, anseia, não se cala. Ao capitalismo, uma inusitada subversão. Menos do que o embate direto pelo poder, o enfrentamento à hegemonia de valores. É na ginga, no salto, no movimento que revela a sobrevivência na pobreza, que se configura a resistência da etnia, dos subnutridos, dos brancos e negros dominados pelo sistema desigual.

Algumas pesquisas têm surgido. Alguns livros publicados. A palavra, o texto, e a expressão formal. O Partido Comunista do Brasil (PcdoB), através de site⁵ abriu *link* para textos de Rappers. A publicação semanal foi reunida no livro “Hip Hop a

⁴ Docente aposentado da Escola Superior de Educação Física da UFPel, nos anos noventa desenvolveu o projeto de extensão “Amizade”, oferecendo oficinas e práticas esportivas a crianças e jovens em situação de risco na rua. A experiência motivou o surgimento da ONG Amiz, e ações voluntárias no bairro Dunas, entre as quais a Rede Vidadania, a proposta da Universidade da Periferia e a instalação da Casa Brasil, viabilizada com aporte de recursos do governo federal

⁵ Na Internet o portal. Disponível em: <<http://www.vermelho.org.br>>, a partir de 2002 proporcionou o espaço “Hip Hop a Lápis”. A publicação semanal *on line*, tem gerado dezenas de artigos, autoria de integrantes do Hip Hop. 62 artigos foram reunidos em livro. A obra foi viabilizada com o apoio da escritora pelotense Maria Helena Vargas da Silveira – falecida em 2009 -, à época em atividade no Ministério da Educação. A experiência possibilitou uma segunda publicação, também com o apoio do governo federal. Assim, em 2009, equipe do Hip Hop a Lápis reuniu sessenta autores na coletânea “A Literatura do Oprimido”. No volume, textos do pelotense Gagui e jornalista e professor Carlos Cogoy.

lápiz”, lançado em 2005. O prefácio é autoria do Ferréz⁶, que escreve: “Não somos uma academia tiozão, nem somos cultivadores de seguidores limitados, a cultura hip-hop se transforma, cresce, se emancipa. Traz os manos que muitas vezes não têm o pão pela manhã, debatendo o futuro do mundo e criticando guerras inúteis, pois usam as palavras, sabem, através do estudo, quem é o culpado”.

Como referência o livro “Rap e educação – Rap é educação”, organizado por Elaine Andrade. São vários artigos acerca de práticas educativas do Rap. Desde a troca de saberes que instigam o senso crítico, até a relação com a educação formal, em especial experiências em salas de aula. Trata-se do Rap como forma de aprendizado sobre história, português e discriminação racial.

Em 2005, na UFRGS, surgiu “Hip Hop – da rua para a escola”. O livro, embora contemple questões como a etnia e conteúdo ideológico, propõe até uma “Pedagogia do DJ”. A ênfase, portanto, é na variedade de técnicas para obter efeitos sonoros. As bases – ritmos – que emolduram as crônicas, são apresentadas didaticamente. O volume relata o aprendizado através de oficinas, e visa a interação com a escola.

Esses trabalhos com oficinas de DJs, geralmente acontecem em parceria com os demais elementos do hip hop, o grafite, o MC e o break. Nestes, o hip hop atua diretamente na perspectiva educativa, indo ao encontro dos interesses dos participantes e permitindo um meio destes extravazarem suas energias, potencializando as suas habilidades. (SOUZA, FIALHO, ARALDI, 2005, p.116).

Outra obra que também decorre da produção acadêmica, é o livro “A música entra em cena – rap e o funk na socialização da juventude”⁷. No enfoque, a escola já não é a principal referência. Ele tangencia os aspectos culturais e sociológicos, mas detém-se no que considera a “vida do aluno”. Assim, menos do que exercitar os elementos do Hip Hop, procurando relacioná-los com a educação formal, a pesquisa aborda sobre grupos de Rap e Funk na região metropolitana Belo Horizonte. E o autor conta sobre o cotidiano, a família, o sonho pela ascensão, a desistência. Para conhecer o aluno da escola da periferia, o pesquisador debruçou-

⁶ Escritor, colunista da revista Caros Amigos, morador do Capão Redondo, subúrbio paulistano. Em 2001 esteve em Pelotas, proferindo palestra, conhecendo o movimento Hip Hop. Em entrevista ao jornal Diário da Manhã, novembro daquele ano, afirmou que não haveria controle quando o MST e o Hip Hop se unissem

⁷ Adaptação da tese de doutoramento de Juarez Dayrell, defendida na Faculdade de Educação da USP. Ele é professor da Faculdade de Educação da UFMG, e o livro foi publicado em 2005 pela Editora UFMG

se no acompanhamento de apresentações, sonhos, projetos e planos de grupos que, por conta das injunções do capitalismo, envereda por “rito” como a expectativa pelo sucesso, o consumo, a exploração, as cobranças de familiares, os compromissos e as mudanças com o amadurecimento.

Uma pedagogia da palavra, nas letras, por meio das quais não pretendem impor uma compreensão da realidade, mas ‘fazer o cara pensar’. Uma pedagogia em que há o respeito pela diversidade, quando propõem que o outro, na condição de indivíduo, pense por si mesmo e tire suas próprias conclusões. Essa postura é coerente com as relações que estabelecem nos grupos, onde o coletivo não subsume o individual, o ‘nós’ não abdica da condição do ‘eu’. (DAYRELL, 2005, p. 292)

Em Pelotas o movimento Hip Hop merece enfoque condizente com sua expressividade. Não há exagero ao comparar a narrativa contemporânea, com o jornal “A Alvorada”⁸ que, durante meio século, foi o veículo de comunicação da população afro-pelotense. As narrativas podem destoar, por conta das décadas e valores que separam as experiências, mas existe a relação como voz do gueto, ritmo da comunidade. Alvorada à dignidade nos rappers que, contrariando a previsão de que deveriam ser submissos, repelem a razão cínica e conscientizam, educam, aprendem, sofrem pois já questionam as limitações. É Paulo Freire na “quebrada”⁹, vivo no canto que repudia a opressão, sagaz e dialógico nas longas letras que dão o ritmo acerca de algo diferente. Há vida inteligente na periferia, e o fato está consumado. Pode até ser esvaziado, pulverizado, como as tentativas de segmentos da grande mídia, que alardeia pretenso “lado positivo” do Hip Hop, porém, a história não espera e, havendo ou não, apropriação para banalizar o Hip Hop, algo está escrito. Não se apaga, e conta sobre a comunidade dos empobrecidos, discriminados, esfomeados. Eles não foram servidos mas, como diz Thaíde em sua biografia “*Pergunte a quem conhece*”¹⁰, querem participar do banquete.

⁸ Trajetória do hebdomadário que marcou gerações de afro-descendentes, foi tema da dissertação de mestrado de José Antônio dos Santos na Universidade Federal Fluminense (UFF)

⁹ Local da periferia, beco ou ruela, conforme o glossário “*A Linguagem da Rua*” organizado pelas autoras Jusamara Souza, Vânia Fialho e Juciane Araldi in “*Hip Hop da Rua para a Escola*”

¹⁰ Um dos pioneiros do Rap no Brasil, “Thaíde” é o paulistano Altair Gonçalves. Ao lado do DJ Hum, parceria consagrada nacionalmente. A convite da MTV, tornou-se VJ do primeiro programa sobre Rap na tevê brasileira. Em duas ocasiões, apresentou-se em Pelotas. Sua biografia decorre de entrevistas e depoimento a César Alves

Exemplo à comunidade, ação na coletividade, o Hip Hop instiga pelo que apresenta como renovação, criatividade e esperança. Se quase tudo foi retirado, ou dificultado através do acesso a poucos, cabe gritar, de alguma forma fazer do pé que bate o chão, um ritmo com identidade, razão, exigindo dignidade. Educação para quem ouve Rap e, precipitadamente pula pra dizer que é “música de ladrão”. Talvez alguns ilícitos tenham sido cometidos, mas não se equivalem às gerações que têm sido condenadas à sobrevivência desprovida do alimento, roupas decentes, dentes na boca, higiene e saúde. Para conhecer o Brasil, aprende-se com o Rap.

4.1 SABERES EDUCATIVOS

Na pesquisa houve como base, eixo, fundamento e princípio, a permanente relação com a educação. Trata-se da investigação que se abre para o encontro e cotejamento com diferentes saberes. Para definir tal perspectiva, necessário considerar a origem da busca, a esfera cotidiana que desencadeou o projeto.

Em Pelotas a manifestação do Hip Hop remonta aos anos oitenta do século XX. Em três décadas houve diferentes fases, protagonistas e interesses. No entanto, alguns traços, ritmos, narrativas, gestos e características, mantêm-se como elos de identificação. Esse conjunto de sinais inspira a persistência como linguagem multifacetada, já que a manifestação cultural se efetiva através de diferentes expressões: visual; poesia; corporal; sonoridade.

Na interação com os grupos de Pelotas desde os anos noventa do século XX, tornou-se recorrente a menção ao aspecto educativo. Em dezenas de entrevistas e reportagens, fui ouvindo que o aprendizado, em especial, com os versos do Rap, ou os movimentos da dança “break”, bem como as imagens que, artisticamente grafitadas, narram contrastes do cotidiano marcado pela desigualdade, têm proporcionado novos valores pessoais e perspectivas de vida. E no jornal Diário da Manhã de Pelotas/RS, edição de 13 de junho de 2015, reapareceu o enfoque na declaração do rapper Josemar Will:

O Rap sempre esteve presente na minha vida. Mas não havia percebido que poderia ser a saída para meu problema com a drogadição e a violência. Observei que, quanto mais me ocupava escrevendo, rimando e gravando músicas, mais força encontrava para a recuperação. Através do Rap fui expressando minhas angústias e sonhos. E comecei a ser visto de forma diferente pelas pessoas. Com isso, elevou-se minha autoestima e qualidade de vida. (ANEXO F)

O relato de Will remete a “saberes”, tanto técnicos e estéticos quanto no âmbito das escolhas e definições particulares. Ele integra a nova geração do Hip Hop pelotense. Mas é exceção pois, em pouco mais de uma década no novo milênio, ocorreu ampliação no protagonismo. Assim, além dos jovens da periferia, também passaram a despontar letristas, MCs e grafiteiros da classe média e até de esferas mais elitizadas.

Embora os “elementos” e linguagens sejam os mesmos dos grupos pioneiros na cidade, a designada “nova geração” do Hip Hop pelotense tem discurso segmentado. Então, ao invés das letras, imagens e gestual, compromissados em desvelar a discriminação, injustiça e violência, vertente contemporânea tem veiculado outras questões. Em geral, prevalecem inquietações juvenis, como a diversão, namoros, frustrações e esportes como o “skate”. Nesse contexto convivem manifestações que se distanciam. Na “nova geração”, grupos originários de contexto movido pela expansão da comunicação virtual. O acesso online, difundindo mas também pulverizando inúmeras informações, contribui para a acelerada banalização dos contatos. Os saberes são circunstanciais, restringindo-se acerca da divulgação e domínio de uma técnica ou novo equipamento eletrônico, bem como muitas vezes limitados a veicular uma lamúria “narcísica”. Como contraponto a narrativas que beiram o individualismo, esta pesquisa investigou outros saberes. E isso está expresso nalguns dos principais protagonistas que, ao final dos anos oitenta e durante os anos noventa do século 20, demarcaram e consolidaram a cena do Hip Hop em Pelotas.

Alguns dos pioneiros prosseguem dedicados ao movimento. Experientes após as mais variadas situações, desde o preconceito daqueles que, expressando-se conforme o senso comum, associavam o Hip Hop à apologia da marginalidade, tráfico e violência, até o forçoso aprendizado com as decepções diante dos apelos, negociações, projetos e promessas do poder público. Eles inspiraram Will e,

interagindo com a contemporaneidade, mantêm o viés fundamental do Hip Hop, enraizado na aguda pobreza e injustiça social.

Em relação ao Hip Hop como perspectiva de saber que favorece a mudança de comportamento e prioridades, na edição de 18 de janeiro de 2008 do jornal pelotense *Diário da Manhã*, a ampla matéria “Fórum Social das Periferias – Espaço Hip Hop no Loteamento Dunas”, apresentou a trajetória de Davi da Silveira Duarte ou “Mano Davi”. No trecho “Autoestima, luta e educação no Rap” ele expressou:

Como MC aprendi que tenho valor. O Hip Hop foi grande alternativa à minha vida, pois me tornei ser humano que luta pelos seus direitos. Também me reconheci em relação à etnia negra. Sou sobrevivente, um dos poucos que não caiu no mundão. Não fosse o Rap e poderia ter ido roubar. [...] A música passa alegria, consolo e resgate. É o potencial de transformação, provocando a escrita e mostrando que a vida tem propósito. (ANEXO G)

No trabalho como gari, Davi teve acidente e perdeu um dos dedos. No Loteamento Dunas, um dos locais mais violentos de Pelotas, ele prossegue como exemplo para os jovens. Muitos conhecem as letras e cantam suas músicas. Mas o Mano Davi é de geração posterior àqueles que, atentos a informações fragmentadas, perceberam que algo estava mudando na cultura popular. E ele teve como influência os pioneiros da manifestação na cidade.

Para evidenciar o quanto, apesar do tempo transcorrido, consolidaram-se saberes, uma manifestação de Jair “Brown” – um dos entrevistados nesta pesquisa. O relato consta de matéria jornalística, publicada no *Diário da Manhã* em 17 de maio de 1998. Na divulgação “Calibre 12 – Rap pioneiro na região participa de CDs”, ele e o parceiro Jairo Ibeiro – identificado artisticamente como “Efex”, expressaram:

O Calibre 12 é considerado pesado, pois a mensagem é forte. Em geral, o pessoal é conservador e não tem coragem de mudar. Tentamos levar mensagens através das letras, orientando os jovens de que as drogas não valem a pena. Na rua presenciamos os moleques cheirando cola. Então é preciso fazer algo para mudar, e só com o rap não dá. Mas o governo nada faz e ficamos perdidos. Por isso, através da música colocamos para fora o que constatamos. E muitos grupos em atividade surgiram inspirados no Calibre 12. Nossas letras são sérias, e o nome do grupo serve para provocar impacto e atrair a curiosidade. (ANEXO H)

Na trilha dos precursores do Hip Hop pelotense, essencial a menção a Cláudio Rogério da Silva Dias. O rapper “Mabeiker” como se apresenta, começou

dançando nas rodas de “break” no centro da cidade em 1984. Trabalhando como “flanelinha”, guardador de veículos, ou ronda noturno – baleado exercendo a profissão –, somente vinte anos depois conseguiria gravar o primeiro disco. Em 2004, o filho da “Tia Teresa” – mãe de Mabeiker durante décadas promoveu ações solidárias a crianças do bairro Simões Lopes –, lançou o CD “Na Mira do Sistema”. Pioneiro na trajetória do Hip Hop em Pelotas, Mabeiker também inovou ao levar a manifestação para a televisão. Desde 2005, passou a produzir e apresentar o programa “Hip Hop Pel”, veiculado no canal da TV Comunitária (TVC). No Diário da Manhã de 25 de agosto de 2004, na matéria intitulada “Pioneiro do Rap pelotense no palco do Teatro Sete de Abril”, sua aproximação remete a saberes:

Lembro das festas na Agremiação e no bairro Nossa Senhora de Fátima. O Rap num para, houve a fase do vinil, e agora estamos num novo momento. Então, continuo cantando pois é uma visão de vida. E não há limites à verdade. Ainda existe distorção sobre o Rap, mas o que vale é a responsabilidade que resgata jovens, orientando sobre os riscos das drogas, crime e violência. E agradeço a Deus pela oportunidade de cantar num palco que já recebeu artistas de renome (ANEXO I)

4.1.1 Educação

Ao considerar os saberes educativos no Hip Hop, estabeleço distinção entre a mera apropriação e reprodução de práticas e técnicas, e o aprendizado que implica em postura crítica, questionamento de valores comportamentais e a percepção ideológica acerca da coletividade.

Se os saberes derivam da perspectiva cultural de apreensão, o aspecto educativo abrange princípios de ação e interação, numa esfera que provoca e propõe reflexões. Para rastrear e definir a concepção que se legitima diante do Hip Hop comprometido com o debate acerca do cotidiano de desigualdade, breve trajetória das etapas que foram demarcando e provocando reinterpretações do conceito de educação.

No percurso das ideias pedagógicas, primórdios sinalizaram para educação em âmbito tribal. Na aldeia, prevalecia a orientação por conta dos valores comunitários e princípios religiosos. Na antiga Grécia, reiterada como origem de alguns dos principais conceitos que balizaram o pensamento ocidental. Os gregos

criaram uma pedagogia da eficiência individual e, concomitantemente, da liberdade e da convivência social e política (GADOTTI, 1997, p.30). Ao passo que a filosofia, no entanto, através da tríade Sócrates, Platão e Aristóteles, concebia na “racionalidade” o campo narrativo, nem todo poder emanava da “ágora” (praça, espaço público). Afinal, para cada homem livre havia dezessete escravos.

A filosofia grega influenciaria os romanos. Gênese da definição do direito, Roma também arregimentaria os deveres. E não foram poucos, já que se tratava de império com avidez pela expansão. Na educação, foram formalizados três níveis, desde escolas até formação superior. Porém, os escravos sem nenhuma instrução e ainda mais numerosos do que na Grécia, eram tratados como objetos (GADOTTI, 1997, p.42).

Acerca do período medieval, pensamento e poder político sob a tutela da Igreja. Como legado, apuradas formulações reflexivas de São Tomás de Aquino e Santo Agostinho. No entanto, se a historiografia já não recorre à presença do escravo, havia um senhor feudal e muito mais:

As classes trabalhadoras nascentes não tinham senão a educação oral, transmitidas de pai para filho: só herdavam a cultura da luta pela sobrevivência. As mulheres, consideradas pecadoras pela Igreja, só podiam ter alguma educação se fossem ‘vocacionadas’ (vocare: chamar) para ingressar nos conventos femininos. Mas só eram ‘chamadas’ aquelas que tinham a vocação principal: ser proprietária de terras ou herdeira. Assim, a Igreja, impedindo ainda o casamento de padres e freiras, constituiu-se no maior latifundiário do globo. Os conventos tornaram-se também poderosas instituições bancárias. No interior dos conventos a divisão de classes continuava existindo: de um lado os senhores (prieores, reitores etc.) e de outro os servos (freiras, frades, ‘menores’, coadjutores etc.)(GADOTTI, 1997, p. 55)

Na considerada etapa posterior, o renascimento, indícios de revalorização dos princípios helenísticos da Grécia. No contexto embalado por transformações como a “revolução copernicana”, surgimento da imprensa e ênfase na corporeidade, também a Reforma Protestante. A educação institucionalizada, ramifica-se entre a pressão da concepção católica e o questionamento acerca do “biombo” medieval. Nessa transição, abrindo-se o pensamento filosófico para a chegada dos conceitos modernos do iluminismo. As necessidades da burguesia em ascensão exigiam outro tipo de educação, mais voltada para a vida e com o olhar no futuro (ARANHA, 2013, p.113).

O racionalismo impulsionado por Descartes, princípios pedagógicos com Comênio, Kant e Rousseau, o despontar do paradigma científico com Bacon. Talvez tais posições possam ser compreendidas como expressão do ideal liberal, mas voltado para os interesses da alta burguesia, temerosa de que a educação das massas desequilibrasse a ordem que então se estabelecia (ARANHA, 2013, p. 208).

A Revolução Industrial engendrou a conjuntura que seria interpretada por Karl Marx, através de conceitos como “meios de produção”, “mais-valia” e “proletariado”. A urgência de respostas e ação diante da exploração econômica e pobreza de gerações, contrastava com o viés conservador do idealismo de Hegel e o positivismo de Augusto Comte.

O positivismo, cuja doutrina, visava à substituição da manipulação mítica e mágica do real pela visão científica, acabou estabelecendo uma nova fé, a fé na ciência, que subordinou a imaginação científica à pura observação empírica. Seu lema sempre foi ‘ordem e progresso’. Acreditou que para progredir é preciso ordem e que a pior ordem é sempre melhor do que qualquer desordem. Portanto, o positivismo tornou-se uma ideologia da ordem, da resignação e, contraditoriamente, da estagnação social. (GADOTTI, 1997, p. 110)

Funcionalismo, pragmatismo, tecnicismo e instrumentalismo, são conceitos que estão na essência da educação formal durante o século XX. Inúmeros pensadores questionaram o autoritarismo na escola, a elitização do saber e as diferentes concepções metodológicas de aprendizagem. Enquanto seguidores reiteraram sobre os princípios que se afinam, fatia considerável daqueles que refletem sobre a educação, trata rever conceitos e propor mudanças.

O impasse tem, desde a segunda metade do século XX, proporcionado fragmentação de percepções e interpretações teóricas. Sobre a designada condição pós-moderna:

Os teóricos que hoje se debruçam sobre a questão da pós-modernidade, porém, não *chegam a um consenso em torno desse conceito, porque para alguns o paradigma da modernidade já se esgotou, enquanto para outros os ideais do Iluminismo ainda não se cumpriram, cabendo a nós resgatá-los.* (ARANHA, 2013, p. 294)

Em relação à vida escolar dos quatro entrevistados nesta pesquisa, Jair “Brown” estudou até a sétima série, Tagner não concluiu o ensino médio, Beethoven

finalizou o então segundo grau, e Vagner concluiu formação técnica em 2015. “Brown” e Vagner têm mais de quarenta anos, Beethoven está com 37 e Tagner é o mais jovem com 23. Beethoven e Jair mencionam que deixaram de estudar para trabalhar.

Na realidade brasileira a escola muitas vezes desmotiva o aluno cujo convívio familiar está sob a tensão dos recursos escassos. Desconectada do contexto, a escola não atrai o jovem da periferia urbana. Já o Hip Hop, porém, de imediato tende a provocar interesse. É o que conta Tagner:

Em 2006, amigo que dançava convidou para conhecer o grupo Trem do Sul, que já estava em atividade há quatro anos. E fomos até a Escola Estadual Nossa Senhora dos Navegantes, onde ensaiava o grupo de dança. Sempre gostei de dançar as músicas que curtia, e tinha muita vontade aprender sobre o ‘break’. É no estilo do b-boy (dançarino do break), que está a origem das danças urbanas. Então dançando ao som de James Brown dos anos setenta, interessei-me pela técnica do “locker”, cujo movimento “locking” exige muito treinamento e habilidade. Como “B-boy” do *break*, e ouvindo a sonoridade “beat”, aderi ao movimento Hip Hop. (ANEXO C)

Nesse cenário antagônico que mescla a irrupção do aparato eletrônico, redimensionando as relações em todas as áreas, convive uma escola que, dispondo do percurso de reflexões pedagógicas, ainda não instiga o jovem imerso no cotidiano de penúria por conta da acirrada competição diante das oportunidades, exploração econômica e discriminação social e étnica.

Para fortalecer e apreender a acepção do saber legitimamente “educativo”, então se mantém profícuo o legado de Paulo Freire – patrono da educação no Brasil. Em Freire, lutador social, concepção que favorece a perspectiva transformadora de realidades adversas. Em Pedagogia da Autonomia, o educador formula:

Um dos saberes primeiros, indispensáveis a quem, chegando a favelas ou a realidades marcadas pela traição a nosso direito de ser, pretende que sua presença se vá tornando convivência, que seu estar no contexto vá virando estar com ele, é o saber do futuro como problema e não como inexorabilidade. É o saber da História como possibilidade e não como determinação. O mundo não é. O mundo está sendo. Como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que dialeticamente me relaciono, meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Não sou apenas objeto da História mas seu sujeito igualmente. No mundo da História, da cultura, da política, constato não para me adaptar mas para mudar. (FREIRE, 1998, p. 85)

No trecho de Freire sobressai a intervenção no cotidiano, numa ação que não se satisfaz com o ritmo vivenciado e estabelece a curiosidade pela criação do porvir. Assim, ao invés do saber estanque e conformado a mera reprodução, o viés crítico e questionador. Educativo pois está “molhado” pela cultura – sentido antropológico –, e encharcado pelo desafio do inacabamento.

Perante a opressão desencadeada nas entrelinhas do preconceito, discriminação, exclusão e marginalidade, Hip Hop grafita, dança, percute e solta a voz. Se a “opressão” não se configura conforme a elaboração de Paulo Freire nos anos sessenta – ditadura militar no Brasil e a Guerra Fria dividindo o mundo em blocos ideológicos –, mantém-se, no entanto, por conta da persistente humilhação da maioria dos brasileiros. E Freire em “A Pedagogia da Esperança” refez percurso que levou ao surgimento do antológico “Pedagogia do Oprimido”, publicado em 1968. No prefácio à obra que tem como subtítulo “Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido”, Leonardo Boff sintetiza acerca do comprometimento que não tem data de validade:

Pedagogia da esperança e Pedagogia do oprimido perfazem um livro só, aberto e em processo de contínua construção a partir dos próprios oprimidos e, por isso, sempre inacabado. Enquanto houver um único ser humano oprimido no mundo este livro *terá validade, se enriquecerá com os aprendizados a partir da prática da libertação e cumprirá sua missão messiânica: a de permitir que os cativos se libertem e os que não são sejam como humanos sensíveis, críticos, criativos, éticos, fraternos e espirituais.* (BOFF, 2012, p. 12)

A senda educativa do Hip Hop pelotense, corrobora-se através de iniciativas solidárias, formação crítica por conta do debate de questões conjunturais, propondo estratégias coletivas e ações que desafiam o contexto opressor.

Nos tópicos “Movimento social” e “Hip Hop escolar”, relatos, observações e a trajetória de etapas que, movendo-se por saberes educativos, tecem a trama do “inédito viável”. Esse “inédito viável” é, pois, em última instância, algo que o sonho utópico sabe que existe, mas que só será conseguido pela práxis libertadora que pode passar pela teoria da ação dialógica de Freire ou, evidentemente, porque não necessariamente só pela dele, por outra que pretenda os mesmos fins (FREIRE, 2012, p. 279).

5 RITMO DA LIBERDADE

Sobre a origem do Hip Hop, Rosana Martins¹¹ sugere itinerário que remete à África. Ritmo e poesia, bem antes da diáspora negra, marcavam o cotidiano das tribos africanas. A oralidade e a percussão, indispensáveis ao Rap, residem na ancestralidade. Entre as tradições orais, os poemas cantados “Alô’s”. Também os “call-and-response” (chamar e responder) constituem um outro som africano que se assemelha ao ritmo da conversação. Uma pessoa fala e a outra responde. Isso pode ocorrer entre cantores, entre instrumentos ou entre um cantor e um instrumento (MARTINS, 2005, p.15). Em relação à dimensão cultural da percussão, ela escreve:

[...] o ritmo africano é essencialmente físico derivado dos elementos materiais como instrumentos de trabalho, batidas das mãos contra o corpo, batidas de pés contra o chão etc., que empregam simultaneamente vários ritmos sem perder a noção do tempo; há sempre uma batida-base que regula o andamento; neste processo, aplicado à música ou à dança, o contratempo é fortemente acentuado. Na África a representação da música e da dança não são simplesmente atividades recreativas, pois há danças para todas as circunstâncias da vida cotidiana, como guerras, ritos, casamentos, funerais, caça, pesca, tarefas cotidianas etc., executadas em estreita combinação com o ritmo. (MARTINS, 2005, p. 14)

Se na África primitiva, a prática abrangia diferentes atividades, desde ritos religiosos até comunicação tribal, durante a escravidão tornou-se identidade, resistência, e subversão. A resistência dos escravos no Brasil, em especial nas charqueadas – atividade saladeril que impulsionou Pelotas no século XIX -, dispunha de sua própria voz e ritmo.

¹¹ Autora de “*Hip Hop – o Estilo que ninguém segura*”, adaptação da dissertação de mestrado, defendida em 2002 na Escola de Comunicações e Artes da USP

As religiões populares, e o batuque pode ser aí incluído, na busca de justiça, se constituem não só como paliativos para as desgraças reais de um cotidiano percebido como sem saída, mas também como elaboração realista e consciente das adversidades do cotidiano, funcionando como polo de resistência numa sociedade onde a cidadania foi recusada para a maioria e onde a opressão é a regra de existência social das camadas populares. (MELLO, 1994, p. 53)

O autor Adão Fernando Monquelat tem publicado interpretações diferenciadas em relação à história de Pelotas. Em 2014 lançou “Pelotas dos excluídos (subsídios para uma história do cotidiano)”. Na pesquisa constam fragmentos da imprensa pelotense, entre os anos de 1875 e 1888. O trabalho é contraponto à historiografia que glorifica a trajetória socioeconômica de Pelotas. Entre os vários casos relatados, baseando-se em notícias do período, ênfase à brutalidade da escravidão. Na terra exaltada pelos saraus, trejeitos e afetações, o avesso evidenciando cotidiano violento. Como rotina, a tortura e morte de trabalhadores escravizados.

Enquanto os Barões da barbárie e do sebo, os barbarões da terra arrotavam suas pujanças ao som de valsas, polcas e zarzuelas, fora e longe do seus salões, e sem que aquilo lhes incomodasse os ouvidos, as máquinas humanas seguiam, ao som do chicote, produzindo mais charque para o consumo de outros escravizados e excluídos de diferentes histórias. (MONQUELAT, 2014, p.16)

A população brasileira, com a chegada do terceiro milênio, tem experienciado as gestões da Frente Popular no governo federal. Ao passo que há críticas inerentes a temas como a corrupção no alto escalão – desde 2005 o escândalo do “Mensalão”, envolvendo ministros e parlamentares alinhados com a Frente Popular, tem se mantido como manchete na imprensa -, verbas públicas canalizadas para a construção de estádios de futebol para Copa do Mundo de futebol, em detrimento de áreas delicadas como saúde e educação, bem como a fragilidade diante de desafios como a segurança pública, energia e transporte, também há inegáveis conquistas que têm transformado segmentos até então negligenciados pelo poder elitizado. A exemplo, a política de expansão do acesso ao ensino superior, oferecendo a formação em localidades que estavam fora do mapa educacional do País.

Também na área da educação, políticas como o piso salarial nacional aos docentes – embora descumprido pelos próprios autores da lei -, perspectiva de escola com tempo integral. O programa “Mais educação”, em localidades como a

“Barrinha” em São Lourenço do Sul, funciona de forma exemplar, oferecendo atividades no turno inverso. A escola é o lugar de aprendizagem formal, mas também fonte de prazer através da dança e esporte.

Em relação à negritude, lei federal 10.639, para o ensino da educação e cultura afro-brasileira – criada em 2003, cumprimento ainda é inexpressivo –, cotas para negros nas universidades e percentual reservado também nos concursos públicos. As medidas decorrem de décadas de lutas e reivindicações.

O tema cor e raça é muito importante no Brasil. O governo já está fazendo reserva de vagas em empregos públicos para negros, porque eles têm tido menos oportunidades do que os brancos em conseguir bons empregos. Antes dessa mudança, para conseguir empregos públicos as pessoas faziam os mesmos testes ou concursos, e as que tinham os melhores resultados conseguiam o emprego. Agora os negros têm garantido alguns bons empregos públicos, mesmo que seus resultados nos testes e concursos não sejam os melhores. (ALMEIDA, 2007, p.265)

Ambiguidade foi o “fio da navalha” na designada “Era Lula”, bem como no governo de sua sucessora, Dilma Rousseff. No ritmo da liberdade, contextualizando o lugar do qual e sobre o qual se fala, uma obra que instiga reflexão acerca de controvérsias ideológicas, é a pesquisa de Ruy Braga. No livro “A Política do Precariado – do populismo à hegemonia lulista”, o autor compara ações na gestão do então presidente Luiz Inácio “Lula” da Silva, com sua trajetória na política sindicalista. Assevera o autor que, o então líder metalúrgico que traiu companheiros e trocou de chapa numa eleição em 1969, ao chegar ao Planalto apenas prosseguiu com sua estratégia alpinista. Em nota de rodapé à página 178, contemporâneo de Lula no sindicalismo, Luciano Garcia Galante, esclarece a agilidade do futuro Presidente do Brasil:

[...] Aí fomos derrotados pelo governo e empresa [os patrões], porém os votos dos sindicalizados da Ford foram numa base de 80% para a oposição. No geral perdemos apenas por menos de 200 votos. Na chapa de oposição encabeçada por nós, o Lula fez parte integrante, até o último dia de registro, passando em seguida para o Paulo Vidal Neto. Dos 24 candidatos da nossa chapa de oposição, 17 foram presos e só foram soltos após as eleições do Sindicato. Isto quer dizer que apenas 7 puderam fazer a campanha de oposição. [...] Pouco tempo depois o Paulo Vidal renunciou à presidência do Sindicato para candidatar-se a vereador e aí usou a máquina do Sindicato para a sua eleição. Usando o dinheiro dos trabalhadores e o apoio da diretoria, assim ele se elegeu vereador em São Bernardo do Campo e aí então surgiu o Lula, como substituto de Paulo Vidal, na presidência do Sindicato. (BRAGA, 2012, p. 178)

Tais questões conjunturais, enfocando etapa da história local e alguns tópicos da realidade brasileira, mostram-se imprescindíveis com o tema proposto nesta pesquisa. Afinal, qual é a “opressão” na atualidade? E o que o Hip Hop tem a dizer e refletir.

A opressão no terceiro milênio não oferece a nitidez que marcou as ditaduras latino-americanas dos anos sessenta e setenta do século passado, período no qual o educador Paulo Freire formulou a questão. Mas está presente nas ações autoritárias, cobiçosas, humilhantes e pragmáticas. Em artigo sobre a atualidade da Pedagogia do Oprimido, Giselle Moura Schnorr escreve:

Num momento em que impera entre nós a globalização neoliberal, a ideologia do pensamento único, a ideologia do mercado acima da Vida, em que se decretou o fim das Utopias, momento de fatalismos e de sentimentos de impotência, a retomada da Pedagogia do Oprimido não pode ser um exercício puramente teórico. Trata-se de repensar e dialogar sobre as estratégias e os desafios para uma educação popular e libertadora. Como gerar um processo antagônico à globalização capitalista? Qual a atualidade da concepção de educação freireana nesta busca de alternativas? Pensar uma alternativa social, que busca a superação da barbárie, implica, entre outras coisas, na formação humana. Se nossa luta é pela transformação deste mundo que nos desumaniza, o desafio da educação libertadora é a formação humana voltada para a afirmação da liberdade. (SCHNORR, 2001, p. 71)

O movimento Hip Hop tem dialogado com as ideias de Freire. A exemplo, a coletânea “Hip Hop a Lápis – Literatura do Oprimido”, com dezenas de autores de diferentes regiões do País. Além do título sutilmente reverenciar o clássico “A Pedagogia do Oprimido”, logo nas primeiras páginas é possível ler a homenagem ao educador. E Freire está vivo através de conceitos que se coadunam com a manifestação popular do Hip Hop.

Em 2014, inclusive com lançamento em Pelotas no primeiro semestre, um livro tem demarcado nova vertente. Trata-se de obra que envereda pelo “quinto elemento”, isto é, o espaço ao saber, à reflexão, ao pensamento que expressa criticamente, contrapondo-se à opressão capitalista que desumaniza. Pode-se considerar que o Hip Hop, alma e corpo do gueto, está se consolidando como literatura, tanto poética quanto filosófica.

Em poucos anos, numa iniciativa de grupos culturais e ações coletivas, têm surgido títulos que abordam pesquisas, biografias e depoimentos. Em destaque a publicação de fôlego “A guerra não declarada na visão de um favelado”. Em mais de seiscentas páginas, o rapper Eduardo – ex-integrante do grupo paulista Facção Central -, expõe narrativa contundente. Embora o autor tenha cursado apenas até a quinta série do ensino fundamental, lança mão de argumentações que problematizam e questionam a realidade da pobreza no Brasil. O efeito de uma obra assim é altamente pedagógico. Ao invés de títulos rebuscados e teorias “anabolizantes”, o autor deixou o microfone e foi para o teclado. Se o texto por vezes evidencia fragilidades, também tem o mérito de conseguir a comunicação com público que vai desligar o som e passar a ler sobre ideias que desafiam a opressão.

A terra, onde os ‘tem mais vida’, pode se dar ao luxo de massacrar e tyrannizar a sua gente sem despertar a aversão e a censura universal, por se tratar de uma lucrativa e vantajosa colônia do primeiro mundo, que por meio de presidentes fantoches empossados e financiados com o capital estrangeiro, entrega de bandeja aos investidores de nossas desgraças, todos os seus recursos naturais. Além do mais, como que a nossa escassez, indigência e assolação, poderiam ou podem causar algum impacto emocional fora do perímetro verde e amarelo, se são justamente consequências diretas da antiga colonização realizada pelos saqueadores do Velho Mundo e da neoexploração promovida atualmente por norte-americanos e europeus? (TADDEO, 2012, p. 70)

O Hip Hop como resistência à opressão da pobreza e exploração, transparece na declaração do DJ Vagner Borges:

Nossa cidade tem grande porcentagem de negros, que estão excluídos e acuados pelo sistema. Sem saúde, sem informação e sem cultura em pleno século 21. penas recebemos a cultura vulgar, que leva o nosso povo à desinformação e automaticamente à exclusão, bem como a pobreza cultural e educacional. O Hip Hop, com informação, luta contra isso. Seja através da música, oficinas e festas de rua, assim é nossa luta voluntária de Pelotas ao Tocantins. Uma cultura urbana de resistência que não quer parar. (ANEXO D)

5.1 PROIBIDOS DE SER

O fenômeno deixou de ser surpresa, para angariar variadas interpretações. A designação Hip Hop remonta ao final da década de sessenta nos EUA, em especial nos grandes centros urbanos. À época imigrantes como os jamaicanos, movidos pelo “sonho americano”, procuravam melhor qualidade de vida. Mas ao chegar em cidades como Nova York, a constatação de que o cotidiano não seria tão simples. Assim como ocorria com afro-americanos e sul-americanos, a realidade era de pobreza e discriminação. Alijado da ascensão social, tal contingente dispunha de guetos para moradia. Em bairros pobres, endereço daqueles que dependiam das sobras. Afinal, não cabiam no banquete do “american way of life”.

Conforme assinala Rosana Martins, entre as causas para a turbulência na Nova York de então, episódios como o fechamento do estaleiro naval do Brooklin, que chegou a ser a maior fonte de trabalho na cidade. Também as constantes alterações urbanas, com os espaços populares sendo transformados em opções para endinheirados. Ritmo intenso de obras, alterando bairros como o Bronx, cuja finalidade era viabilizar autoestradas e shoppings. O contexto agravou-se com os cortes nas políticas sociais, estancando a qualidade de vida. Negros e hispânicos representavam a fração mais pobre, vivendo à margem, isto é, em áreas superpovoadas, deterioradas e com escassa rede de infraestrutura básica, entregue a zonas de vícios, crimes violentos, serviços municipais e transportes mal equipados e desprotegidos das redes de segurança (MARTINS, 2005, p. 20)

Além da precária condição de vida, também o período de grandes campanhas no País. A insatisfação com a Guerra no Vietnã, e as lutas por direitos civis, bem como o acirramento da questão racial, irromperam em protestos. A realidade dos afro-americanos decorre de etapas que configuraram a máxima “*separados mas iguais*”. Se o século XX representou a conquista da igualdade legal, também

demarcou a nítida fronteira entre brancos e negros. A seguir, conforme pesquisa de Fernando Conceição¹² algumas das principais fases. Em 1619, o sul concentrava os escravos nos EUA. Personalidades históricas como Thomas Jefferson e George Washington foram proprietários de escravos. Em 1790, negros eram 19% da população. Em 1831, revolta de Turner na Virgínia. À época, o escravo era considerado como bem móvel. Em 1865, após guerra civil, extingue-se a escravidão. Constituição assegura que ninguém nascido nos EUA seria privado de liberdade. Três anos depois, a 14ª emenda estabelece igualdade na proteção da lei. Em 1896, questão “Plessy versus Ferguson” na Suprema Corte. Trata-se do uso separado de transporte para negros e brancos. E a Corte define que não está violada a emenda “se as segregadas acomodações fossem iguais”. Somente em 1932, com chegada de Franklin Roosevelt à Presidência, democratas começam a opor-se à segregação. Entre 1883 e 1927, racistas da Ku Klux Kan realizaram mais de três mil linchamentos. Nos anos cinquenta, Malcom X está preso por arrombamento. Na prisão, converte-se ao islamismo. A 17 de maio de 1954, questão “Brown versus Board of Education”. A Suprema Corte define que a segregação racial nas escolas, viola a 14ª emenda constitucional. Entre dezembro de 1954 e dezembro de 55 no Alabama, boicote ao transporte público, protestos e manifestações contra a prisão de Rosa Parks, negra que não quis ceder o lugar para passageiro branco. O pastor Martin Luther King Jr é designado para acompanhar as ações. Até década de sessenta mantém-se, principalmente no Sul, conjunto de leis conhecido como Jim Crow. Entre as várias formas de segregação, até a restrição ao casamento interracial, bem como a distinção no acesso aos espaços físicos. Os negros, em especial por conta do recrutamento durante a Segunda Guerra Mundial, migram do campo para grandes centros urbanos. Nos anos sessenta, presença nos Estados do norte.

Em 1965 Malcom X é assassinado por fanáticos religiosos. Ano seguinte surge a radicalidade dos “Panteras Negras”. Em 1967 eclodem tumultos urbanos, no ano seguinte Luther King é assassinado por branco sulista. O governo cria a comissão Kerner, para apurar causas. Em sete meses, relatório apontando a discriminação e pobreza, como os principais fatores. O relatório seria base para ações afirmativas, estabelecendo regras para a mídia.

¹² Autor de “*Mídia e Etnicidades – no Brasil e nos Estados Unidos*”, onde contrasta abordagens sobre etnia no New York Times e Folha de São Paulo

No contexto marcado pela contestação, o Hip Hop surge como manifestação dos segregados. Trata-se da indignação da juventude dos guetos. Na realidade norte-americana, sociedade bi-racial, negro é todo aquele com gota de sangue ancestral africano. Compreende-se assim, o quanto a discriminação também atinge os imigrantes de países como Jamaica ou Brasil. Algumas décadas após o período de turbulência, pesquisa de 1999 revelou que apenas 47% dos norte-americanos eram contra a separação. Com isso, depreende-se o quanto a segregação está arraigada na cultura dos EUA.

Em “Medo e Ousadia”, co-autoria dos educadores Paulo Freire e Ira Schor, este observa acerca da realidade norte-americana:

Houve oportunidades para os indivíduos espertos, especialmente os homens brancos empreendedores, e seus cúmplices comerciais. Mais ainda do que a possibilidade limitada de subir na vida comparada ao mito ilimitado do Sonho Americano, havia uma economia irrequieta que produziu uma cultura sempre mutável, uma modernização dramática no modo de vida de cada nova geração. As desigualdades de classe, raça e sexo permaneceram, mas cada geração podia assistir a mudanças visíveis no estilo de vida. (FREIRE e SCHOR, 1990, p. 136)

Paralelamente às questões sociopolíticas, no entanto, o viés cultural também se intensificou. Naquele ambiente, o jamaicano DJ Kool Herc chega em Nova York. Pré-adolescente, acompanha a família que havia migrado em busca de sobrevivência digna. Mas a realidade não corresponde ao anseio. Herc e demais jamaicanos, bem como os latinos e afro-americanos, deparam-se com as agruras do cotidiano suburbano. Na bagagem dos jamaicanos, porém, além da esperança, um ritmo diferente. Trata-se do “toasting”, à base de rimas e que se assemelha ao reggae. Além disso, os imigrantes também apresentaram equipamentos sonoros, que possibilitavam festividades ao ar livre. Sobre a origem do Hip Hop, o rapper Thaíde, divulga em sua biografia:

Já em 1969, Kool Herc começava a promover nas ruas do Bronx as primeiras block parties (festas de quarteirão). Em meados de 1970 as block parties já se tornavam sensação nos bairros pobres de NY e, em pouco tempo, alguns DJs já se tornavam verdadeiras estrelas locais, dentre os quais merecem destaque Grand Máster Flash e Afrika Bambaataa. Preocupado com a violência gerada pelos conflitos entre gangues de rua que assolavam o Bronx, Afrika Bambaataa propôs a união dos quatro elementos (break, grafite, DJ e MC) que dariam origem ao movimento Hip Hop. Sua idéia era que, a partir de então, as gangues tirassem suas diferenças através de rachas de break, promovendo assim uma verdadeira revolução não-violenta através da arte. (ALVES, 2004, p. 10)

Em 1968, Afrika Bambaataa cunhou a expressão Hip Hop, designando o encontro dos dançarinos de break, DJs (disc-jóqueis), e MCs (mestres de cerimônias). Traduzindo, movimentar os quadris – to hip -, e saltar – to hop (ROCHA, DOMENICH, CASSEANO, 2001, p.17). Bambaataa percebe que a criatividade de Kool Herc, poderia ser o prenúncio de nova sonoridade. Ali, desenvolvia-se a base que proporcionaria ritmo à poesia. Em trinta anos, a técnica evoluiu tanto que já é divulgada uma pedagogia do DJ (SOUZA, FIALHO, ARALDI, 2005, p.115).

Em relação à contemporaneidade dos “proibidos de ser”, ilustrativa é a declaração do dançarino Tagner na entrevista para esta pesquisa:

O sistema pressiona a fazer a coisa errada. Para um guri de doze anos, quando as portas se fecham, resta apenas a violência. Daqueles que começaram comigo na dança, alguns se perderam. Eu me conscientizei sobre a coisa certa, educando-me até para viajar. Em alguns eventos de dança que participamos no País, muitas vezes fomos tratados com preconceito por não termos cursado universidade. São vários os obstáculos, às vezes não temos camiseta e tênis para viajar. E deixamos de comer para poder ir até outra cidade e dançar. As dificuldades aumentam pois, enquanto projeto social, não temos como receber recursos.(ANEXO C)

5.2 CULTURA DO SILÊNCIO

Em 1974 era organizada a Zulu Nation Brasil, coordenada por Nino Brown em São Paulo. O surgimento ocorreu apenas um ano depois que, nos Estados Unidos, Bambaataa organizara a Universal Zulu Nation. Entre os pressupostos da Organização Não-governamental, a difusão do Hip Hop. E, ainda na década de setenta, intensifica-se no Brasil a sonoridade “*black*”. Em especial através do soul e funk. Em pouco tempo, e os movimentos da dança “*break*”, estarão sendo ensaiados

por jovens brasileiros. À época, festas “*black*” expandem-se nos grandes centros. Inclusive em Pelotas ocorreram festivais e promoções. Um dos remanescentes do período é o popular “Mister Pelé”, que chegou ao século XXI como produtor de festas comunitárias. Mas, para entender o início do Hip Hop no País, torna-se relevante mencionar que a sonoridade nos bailes daquele momento, era marcada pelo soul e o funk – bem diferente da vertente contemporânea, massacrada por injunções do mercado. O repertório era proveniente dos EUA, e não tardou para que o Brasil começasse a receber vinis com a batida do Rap, bem como a influência da dança *break*. No começo dos anos oitenta, alguns filmes foram determinantes para estimular o “break” entre a juventude, principalmente da periferia urbana. Coube ao pernambucano Nelson Triunfo, radicado em São Paulo, a primazia pelos movimentos no País. Sua dança “robótica” surgiu espontaneamente, porém, logo constatou que estava sintonizado com expressão maior. No início, “Nelsão” e o Funk & Cia. improvisavam no centro de São Paulo, em locais como a rua 24 de Maio. Ali, concentravam-se jovens – maioria da etnia negra -, que levavam equipamentos de som. Eles dançavam, formavam equipes, e não demorou para que o ritmo estimulasse a poesia. Posteriormente, mais grupos e também o Rap – primeira coletânea em vinil “Hip Hop Cultura de rua” é de 1988 –, em locais como a Estação São Bento do Metrô e a Praça Roosevelt. Thaíde participou de grupos e menciona:

Eu achava que só no meu bairro é que não tinha asfalto. Só no meu bairro é que não tinha luz e saneamento básico. Através do Hip Hop, eu comecei a perceber que isso acontece em todo o País. E isso não foi o Afrika Bambaataa que me ensinou. Claro que não. Mas Afrika Bambaataa, Kool Herc e Grand Máster Flash conseguiram desenvolver uma cultura em que o negro e o pobre conseguem ter boa auto-estima, despertam a alma e se auto-afirmam como seres humanos dignos. Eu precisava disso e por isso sou grato. Acho mesmo que o papel do movimento Hip Hop e do rap como música e poesia é este. Mostrar a realidade e despertar no negro autoconfiança. Foi a cultura Hip Hop que me mostrou coisas que estavam na minha frente, mas até então eu ainda não havia enxergado. (ALVES, 2004, p.35 e 36)

Ao final dos anos oitenta, o Rap evoluiu, principalmente através de nomes como Thaíde & DJ Hum, Racionais MCs. Pioneiros, eles compuseram letras que marcaram gerações. Alheios a grande mídia, comunicaram-se através da identificação e sintonia com os marginalizados.

Dizer a palavra, em um sentido verdadeiro, é o direito de expressar-se e expressar o mundo, de criar e recriar, de decidir, de optar. Como tal, não é o privilégio de uns poucos com quem silenciam as maiorias. É exatamente por isto que, numa sociedade de classes, seja fundamental à classe dominante estimular o que vimos chamando de cultura do silêncio, em que as classes dominadas se acham semimudas ou mudas, proibidas de expressar-se autenticamente, proibidas de ser. (FREIRE, 1981, p. 49)

Nos anos noventa, consolidaram-se, grupos surgiram pelo País. Algumas brechas na tevê e rádio, mas mínimas pois o Hip Hop era desconhecido, e anunciava retórica que destoava do conformismo e melosidades. Confundido com apologia à violência, na verdade denunciava as precárias condições de vida nas favelas e guetos. Também a discriminação racial, o grito de quem não se conforma, e questiona sua realidade. Realidade que oprime por conta do capitalismo. A cultura do silêncio é a submissão à existência espoliada, à anuência com o algoz. O Brasil tem a segunda maior população negra depois da Nigéria. E a responsabilidade é expressiva, pois foi o último país a abolir a escravidão negra. Além disso, foi o País que mais importou escravos africanos, chegando a quatro milhões.

Para o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)¹³, são “negros” os pretos e pardos. Com isso, 47,3% da população brasileira. Os brancos são 52,1% e os amarelos e indígenas 0,6%. Na Pesquisa Nacional Por Amostra de Domicílios (PNAD), informações sobre a desigualdade. Entre os dados, a constatação de que a proporção de pessoas negras vivendo abaixo da linha da pobreza, em relação às pessoas brancas, passou de menos do que o dobro no começo da década de noventa, para mais do que o dobro na segunda parte da década. Também a verificação de que a distribuição percentual do rendimento dos 10% mais pobres, 67,8% são negros. Entre os brancos o percentual é de 32,2%. A expectativa de vida dos negros brasileiros é seis anos inferior a dos brancos. A dos negros é de 68 anos, em comparação com 74 anos para os brancos. Entre os brasileiros que têm computador, 79,77% são brancos, 15,32% são pardos e 2,4% pretos, o que significa que, para cada preto/pardo com acesso à informatização, existem 3,5 brancos.

Os números em relação à educação. A taxa de analfabetismo das pessoas com 15 ou mais anos de idade representa 16,8% de negros contra 7,1% de brancos. Ainda: 75,3% de adultos negros não completaram o ensino fundamental contra 57% de brancos; 84% de jovens negros de 18 a 23 anos não concluíram

¹³ Citado no volume “*Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Educação*”, publicação do Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades em 2005

cursos de nível médio contra 63% de brancos; 3,3% dos jovens negros concluíram curso de nível médio contra 12,9% de brancos; apenas 2% de jovens negros têm acesso à universidade.

Nas escolas, os profissionais da educação transmitem, com suas posturas e ações, as representações, os estereótipos e os preconceitos presentes na sociedade, especialmente por meio da comunicação não-verbal ou de linguagens informais: olhares, gestos, toques, atenção, silêncio, expressões faciais e corporais. (CEERT, 2005, p.28)

O sistema branco que se estabeleceu no poder há 500 anos já nos propicia viver dentro de um sistema de cotas, cotas de atraso, cotas de mortalidade infantil, cotas de desemprego etc. (RICHARD, 2005, p. 53). Assim, o Hip Hop é cultura de resistência que oferece um excelente retrato do Brasil contemporâneo. Esses jovens produzem crítica social em forma de música, entendendo que o verdadeiro rap serve para defender ideias, de preferência radicais (CARMO, 2003, p. 174). Os latino-americanos sofreram a mesma condição de serem colônias de exploração desde a ocupação destas terras pelos países europeus, e, depois, pela escravização de índios e negros no intuito de explorarem a mão-de-obra (BURACO, 2005, p. 201). Algumas manifestações que podem ser emolduradas com a voz da norte-americana Jéssica Marshall, referindo-se ao movimento no Brasil:

O hip-hop está se tornando uma das principais ferramentas de crítica para a juventude marginalizada com pequenas perspectivas de emprego e com acesso limitado à educação. Para grande parte dos jovens o hip-hop é uma sala de aula. Através do Rap, eles aprenderam sobre Zumbi dos Palmares – um herói na luta contra a escravidão – e também sobre outros líderes afro-brasileiros; aprendem sobre a história de luta do povo brasileiro contra a ditadura militar; e, para muitos, é aí que esses jovens são introduzidos nos conceitos de revolução, socialismo e democracia. (MARSHALL, 2005, p. 173)

No Brasil gradativamente houve a expansão, com grupos realizando shows pelo País. A relação com a mídia é ambígua. Enquanto surgem eventuais brechas nos grandes veículos, já está consagrado circuito alternativo. Como iniciativa singular, que se tornou marco, a revista “Pode Crê!”, que circulou entre 1991 e 94. A publicação integrou o Projeto Rappers Geledés, desenvolvido pela Organização Não-governamental Instituto da Mulher Negra Geledés.

Nas pesquisas acadêmicas, obras como “O Funk e o Hip-Hop invadem a cena”¹⁴, têm enfatizado o Rap como estilo urbano, ou restringem à interpretação como prática cultural. O curioso é que, embora a proposta não seja ideológica, autores têm de contextualizar o aspecto social. Essa lacuna, espécie de “silêncio”, é que desafia a pesquisa. Afinal, qual é a distância entre a postura crítica no Hip Hop, e a interpretação por conta dos estudos acadêmicos? A comunicação está estabelecida, ou paira preconceito? Por que a expressão popular não instiga a pesquisa questionadora? Essa barreira decorre das predileções teóricas, alternam-se por períodos, ou sinaliza para conspiração silenciosa, tão reiterada que já é cultural?

A cultura do silêncio, portanto, se já não é aquela demarcada por Freire nos anos sessenta, mantém-se por conta de tessitura ardilosa. A dominação ainda é o vetor essencial, mas a trama está urdida na sutilezas cujo propósito é mascarar a desigualdade e exploração. Na coletânea “Literatura do Oprimido”, organizada por Toni C, texto do rapper pelotense Gagui critica ardis opressivos:

Somos discriminados por não termos escolaridade, por não termos empregos decentes, por sermos provenientes dos lugares mais precários, por vivermos nas piores condições de sobrevivência. Mas por outro lado temos o desconforto de sermos discriminados também pelos nossos. Por estarmos ocupando cadeiras que não foram destinadas para nós, por mantermos contatos com pessoas de outras classes sociais, por circularmos em nossas quebradas com cadernos, pastas e mochilas. Enfim, é uma guerra de conceitos estabelecidos com maestria pelo sistema opressor, que quer que nos destruamos e enxerguemos em nós o pior dos inimigos. (GAGUI, 2009, p.128)

Numa fala de Mano Brown, rapper do grupo paulista Racionais:

Os caras da nossa cor, da nossa origem, falando gíria em cima de um som que é o mais discriminado de todos, o rap, e falando o que falam, irrita. Irrita porque é um barato que eles não esperavam: ‘Como é que nós deixamos acontecer isso? Ó os caras aí, ó o tamanho que os caras tão, mano! Como é que nós deixamos os caras ficarem desse tamanho? Os caras não são nada, são uns zé-ninguém do caralho e ‘tão falando isso aí?! Eles vão trazer mais gente com eles, isso vai dar liberdade pra preso falar, pra favelado falar... e os favelados não podem falar’. É uma coisa que sempre esteve dentro do controle do poder mesmo. O pobre não fala, pobre cumpre lei. O pobre não toma, ele pede, se humilha. E o rap não pede nada. O rap vai

¹⁴ Publicação de 2000 pela Editora UFRJ, autoria de Micael Herschmann que, nos anos noventa lançou “Abalando os anos 90 – funk e hip-hop – globalização, violência e estilo cultural” (Editora Rocco)

falando, falando um montão. Então, pros caras, isso aí é tipo uma revolta, uma conspiração dos pobres, dos presos, dos pretos, dos favelados. (KALILI, 1998, p. 18)

A conscientização para Freire acontece na história, no encontro que semeia, na reflexão através da crítica. O “estar com” implica na relação que humaniza. Os oprimidos só começam a desenvolver-se quando, superando a contradição em que se acham, se fazem “seres para si” (FREIRE, 2004, p. 159).

5.3 MOVIMENTO SOCIAL

Através do trabalho jornalístico pude divulgar, observar e participar de eventos que são etapas diferenciadas do Hip Hop pelotense. Trata-se do empenho, em diferentes momentos pela abertura e consolidação do debate em relação a perspectivas coletivas de ação. Assim, eventos que marcaram as tentativas de organização, transcendendo a conotação artístico-cultural. Então, muito além do espetáculo, show e apresentação. Embora em 1994, os rappers já expressassem a necessidade de grupo ou “posse” – designação de espaço para projetos comunitários –, em 2000 houve evento que marcou a manifestação em Pelotas. Em maio no ginásio do clube Cruzeiro, carioca MV Bill (Mensageiro da Verdade), fez seu primeiro show na cidade. Hospedado no núcleo habitacional Guabiroba, ele concedeu entrevista. À época ele divulgou a criação do Partido Popular para a Maioria (PPPMar). No Diário da Manhã de 21 de maio de 2000, além da trajetória artística e a polêmica participação em edição do então “Free Jazz” no Rio de Janeiro, ele explanou sobre a o viés político:

É fácil a confusão entre política social e política partidária. Em qualquer partido, ligado a causas sociais, há setores que são destinados para o cuidado com a questão da pobreza. Mas a favela não tem partido e está à mercê de promessas, como o jogo de camisetas para o time de futebol ou o asfaltamento das ruas. Aqueles partidos que estão menos longe ainda não fizeram nada para a mudança. Então, pensamos que a maioria excluída necessita de representação nacional. (ANEXO J)

Como a presença de rapper que já conquistava repercussão nacional, possivelmente sua postura política tenha influenciado ou motivado os grupos de

Pelotas. Acerca dessa relação entre as esferas individual e coletiva, Maria da Glória Gohn tem reflexão que discorre sobre a reciprocidade e interação, numa mútua relação que desencadeia outros resultados e perspectivas.

O ponto fundamental de alteração que a prática cotidiana dos movimentos populares opera é na natureza das relações sociais. Não se trata de um processo apenas de aprendizagem individual, que resulta num processo de politização dos seus participantes. Esta é uma de suas faces mais visíveis. Trata-se do desenvolvimento da consciência individual. Entretanto, o resultado mais importante é dado no plano coletivo. (GOHN, 2005, p. 52)

Acompanhando breve cronologia de acontecimentos que reiteram o Hip Hop pelotense, como movimento cuja legitimidade está enraizada nas vilas e bairros, no início de 2001, pioneiros Jair “Brown” e Efex – grupo Calibre 12 –, opinaram acerca de política cultural descentralizada. A inquietação e reivindicação sinalizavam para postura que não se iludia com os limites da estética cultural do Hip Hop.

Quase todos os bairros da cidade têm grupos de Rap. Em Pelotas, o Hip Hop é a mais forte cultura para resgatar a juventude. Portanto, não se diferencia de vários lugares do País. E a gurizada se inspira na persistência daqueles que estão há bom tempo fazendo o Rap. A periferia está maior e mais pobre, impondo mais necessidades. Então acreditamos que deverão ser viabilizadas oficinas de Hip Hop, mas não queremos apenas cantar, dançar e desenhar com o grafite. É importante aprender as manifestações artísticas que compõem o Hip Hop, mas também é necessária orientação profissional aos jovens. Não se vive do Hip Hop, dá pra sonhar, mas o dinheiro é curto. Na realidade dos Estados Unidos é possível lançar um CD e enriquecer com o Rap. Porém, no Brasil precisamos batalhar pela grana. Assim, consideramos que a prioridade seja o lado social, ensinando os quatro elementos, mas incentivando noções profissionais à juventude. E as alternativas poderiam ocorrer através do ensino de marcenaria e artesanato. Como exemplo, citamos a Febem em Porto Alegre, onde os jovens aprendem ofício, e comercializam seu trabalho. Esperamos que a secretária de cultura não se decida pelo primeiro projeto que surgir, simpatizando com as palavras. Mas busque informações para distinguir ideias. Aconselhamos que analise bem os projetos, detectando quem realmente fará aquilo que se propõe. É comum o assédio ao movimento Hip Hop durante campanhas eleitorais, mas ganhando ou perdendo, acontece o desinteresse. (ANEXO K)

Em outubro de 2001 na Cohab Lindóia, rapper Eduardo Amaro promoveu o “Juventude Consciente”. A primeira edição havia sido realizada no começo dos anos noventa. À época, Amaro salientava que a meta era proporcionar lazer e cultura aos

moradores da periferia, que raramente dispunham de opções diretamente nas vilas e bairros. (ANEXO L)

Outra iniciativa naquele outubro de 2001 foi o projeto “Hip Hop contra a fome”. Na sede do Diretório Central de Estudantes (DCE/UCPel), grupos “Revolta Black” e “Estilo Pesado”, apresentaram-se e o ingresso era doação de quilo de alimento não perecível. O montante arrecadado foi destinado à comunidade de papeleiros, situada nas proximidades da ponte sobre o canal São Gonçalo. A ideia foi desenvolvida em conjunto com o então projeto “Ecomunitarismo” da UCPel. (ANEXO M)

No início de 2002, Jair “Brown” publicou a crônica “A voz do subúrbio questiona a realidade cultural da maioria”. Trecho:

A cena: Eu.caminhando na vila, chegando do trampo cansado, com fome, numa viagem a pé do centro até meu lar! Ainda não cheguei... Tô na Guabiroba, garotas de 13, 14, 15 anos, fumando maconha com maluco da área, garotos cheirando cola, tem certas horas que o poeta não consegue pensar, a poesia silencia diante dos fatos, de repente um carro à minha frente com faróis altos, noto que as portas se abrem! Mais uma vez sou suspeito. A rua me ensinou o que é cultura pro sistema, acorde pela manhã, não tome café e chupe o saco do patrão se quiser ter um salário de R\$180,00 por mês. (ANEXO N)

No início de janeiro de 2013, grupo “Rapaziada da Zona Oeste” (RZO), apresentou show no auditório externo do Colégio Municipal Pelotense. No grupo paulista, Helião e Negra Li – antes da fama na grande mídia. Outro integrante, Sandrão, afirmou ao jornal Diário da Manhã: “A raiz do rapper é reivindicar direitos aos desprivilegiados” (ANEXO O).

Arte do grafite “escrevendo” no livro urbano. Beethoven Mendonça, um dos entrevistados nesta pesquisa, a 5 de setembro de 2003, participou de uma ação em muro cedinho para grafiteagem. O registro no Diário da Manhã teve o título “GRAFITE – Escrevendo no livro urbano”. Num canto do muro, o pioneiro do grafite em Pelotas assinalou: “O sistema tem que chorar, não com você matando na rua... O sistema tem que chorar vendo a sua formatura” (ANEXO P)

Em setembro de 2003, outro importante contato para o movimento Hip Hop pelotense. Essas trocas foram consolidando a perspectiva de movimento social, em detrimento do imediatismo de subir ao palco para cantar. Com isso, movimentando-se o “quinto elemento”, isto é, a considerada sabedoria. À época, rapper paulista Dexter ainda cumpria pena na Casa de Detenção. O seu grupo 509-E esteve na

cidade, mas ele não conseguiu liberação para viajar. Ao telefone, direto da cela, expôs sua trajetória e ideias na matéria “Hip Hop – Ninguém segura a maioria”, publicação no jornal Diário da Manhã. Trechos:

Afinal, o Rap é da periferia, canto que expressa sobre as condições de vida. É a chance de ser ouvido, e o Rap transmite sentimento, revolta e resistência. Contamos sobre o que se come, os parceiros, a vida nos pequenos barracos. [...] Em todo o País a mensagem é uma só, e direcionada à rapaziada pobre. O Rap leva diversão, cultura, informação. Possibilitamos a educação que deveria ser proporcionada pelo sistema. Afinal, a primeira grande doutrinação acontece através da televisão. E o movimento surgiu como resistência na Jamaica, expandiu-se até os EUA, e chegou ao Brasil. Por aqui a luta é contra poder minoritário, que envolve a maioria, imersa na pobreza, fome, miséria e salário de R\$240,00. O Rap bate de frente com o sistema, provocando a autoestima, e informando sobre a necessidade de estudar. [...] A liberdade deve ser conquistada pelo oprimido, pois jamais será dada voluntariamente pelo opressor. (ANEXO Q)

Outro registro nessa série de interlocuções que foram sedimentando o movimento social, ocorreu no início de 2004. A rapper paulista Viviana Lopes Matias – Dina Dee – (1976/2010), esteve na cidade. Ela já havia apresentado show no ano anterior, e naquele momento esteve em Pelotas para a divulgação de disco. Além disso, foi parceira do casal de irmãos Driele e “Nenê” do bairro Navegantes. Juntos, gravaram faixa para o disco dos pelotenses (ANEXO R).

O 1º Encontro Municipal de Hip Hop foi realizado em outubro de 2004. A iniciativa foi organizada pelo grupo Consciência Negra Rappers (CNR), do loteamento Dunas, em conjunto com o projeto “Amizade” da Escola Superior de Educação Física (ESEF/UFPel). Um dos principais articuladores foi o professor Florismar Thomaz (ESEF), e o evento proporcionou a presença do rapper brasileiro Gog (ANEXO S).

Na pauta do encontro municipal, grupos debateram temas como: Hip Hop como forma de resgate; Meios de Comunicação comunitária; 5º elemento como compromisso; Envolvimento do Hip Hop com a política; Organização do Hip Hop em Rio Grande; Hip Hop está à venda?. O rapper Gog mencionou que, naquele momento, havia sido apresentado projeto sobre a redução da maioridade penal em Brasília. O Hip Hop, no entanto, estava desatento à pauta nacional e não se pronunciou como instância coletiva no País. Considerando o capitalismo como gigante com pés de barro, pois não subsiste sem a seringa que injeta dinheiro, Gog frisou que o movimento dos jovens urbanos deveria criativamente procurar, a

organização autogestionária. Também recomendava a superação de limitações como o individualismo e o machismo (ANEXO T).

Entre as conclusões da autora Maria da Glória Gohn no livro que relaciona movimentos sociais e educação, reflexão acerca do quanto uma iniciativa como o encontro municipal pode fortalecer a convergência de ações.

[...] os movimentos sociais, das diferentes camadas sociais, com suas demandas, organizações, práticas e estruturas, possuem um caráter educativo, assimilável aos seus participantes e à sociedade mais ampla. Os resultados deste processo traduzem-se em modos e formas de construção da cidadania político-social brasileira (GOHN, 2005, p. 114)

Em julho de 2005 após show do grupo paulista Facção Central, houve atrito entre integrantes da Brigada Militar e os jovens que deixavam o local à avenida Bento Gonçalves. O rapper Gagui externou a indignação no artigo “Jovem questiona ação da BM”. No trecho a seguir, o rapper pelotense menciona a criatividade como ingrediente à crítica reflexiva, potencializando a possibilidade de transformações:

Jovens foram duramente agredidos por soldados da Brigada Militar. Eles querem abafar a expressão oriunda dos becos, guetos e favelas, querem silenciar o Rap, o instrumento de conscientização e de descoberta da autoestima do povo periférico. Mal sabem eles que cada ofensa, cada cacetada, cada chute é uma vitamina poderosa dentro de nossas mentes. Pois serão devolvidas através de rimas, de desabaços, alertando assim a juventude, fomentando uma revolta, uma rebeldia, que será retribuída com inteligência. Pois a grande arma do ignorante é a violência, e se ela for devolvida da mesma forma, demonstraremos uma fraqueza e uma ignorância maior que a de nossos inimigos. (ANEXO U)

Organização, união e geração de renda no Hip Hop. Objetivos do encontro ao final de 2005, que reuniu rappers locais e os representantes da ação “Militantes da Sul” de Porto Alegre. Sandrão do grupo “CN. Boys MCs” e Alemão Guará do “Manos da Periferia”, foram recepcionados por Gagui e Maisson. Eles trocaram CDs, visitaram emissoras de rádio e divulgaram o documentário “Uma outra zona sul é possível”. Na interação, o exemplo da “Militantes da Sul” na capital gaúcha, reunindo mais de vinte grupos. Os dois integrantes que objetivo é a ação coletiva e comunitária, ressaltando o “quinto elemento” do Hip Hop. Além disso, alternativas em conjunto para geração de renda (ANEXO V).

Em destaque o Encontro Regional de Hip Hop, realizado em julho de 2006. O evento integrou a programação do 2º Festival Tribos Urbanas e, além da participação pelotense, reuniu delegações de Rio Grande e São Lourenço do Sul. Equipe da TVE/RS, esteve acompanhando o encontro. O professor Florismar Thomaz (UFPel), mencionou que o poder contemporâneo está no conhecimento e comunicação. E acrescentou que o incremento da tecnologia, favorece quem gera conhecimento. Mas também aumentou a distância entre os que têm e os que não têm recursos. Ele considerou como “balela” a espera pela oportunidade de acesso à universidade. Como sugestão, aventou uma faculdade da periferia. A dica está na matéria jornalística “HIP HOP – Encontro regional debate organização do movimento”. Outro participante, Rubem, representando o movimento “Nação Hip Hop”, com ação em vários Estados do País, também enfatizou o conhecimento:

Enquanto os manos não entenderem a importância do conhecimento, continuarão na periferia, fumando cigarros e até crack. Para começar a evolução é necessário participação. Somente assim poderemos discutir políticas públicas à juventude, colocando para fora os problemas e as ideias. Trata-se da ferramenta de transformação. Em Viamão já estamos debatendo a Faculdade do Hip Hop. (ANEXO W)

Em dezembro de 2006, segunda edição do “Nós pela vila”, iniciativa dos grupos “União Positivamente Rapper” (UPR), e “Hot Boys MCs”, situados no Bairro Getúlio Vargas (BGV), um dos locais mais carentes de Pelotas. Além de shows ao ar livre houve a arrecadação de doações, como alimentos e brinquedos. O movimento Hip Hop entregou alimentos a famílias do BGV. Às crianças foi proposto que cantassem algum trecho de música. Como retribuição, recebiam brinquedos. A maioria espontaneamente cantarolou Raps de grupos locais, como Hot Boys e Banca CNR (ANEXO X).

A Nação Hip Hop teve representatividade em Pelotas. Em dezembro de 2007, senhora Margarete – mãe dos rappers Aline e Douglas -, MC Anjo D.B. e DJ Vagner, divulgaram reunião na sede do PCdoB para organizar a “Nação Hip Hop” em Pelotas. À época com cinco anos em atividade, a Nação Hip Hop era liderada pelo rapper paulista “Aliado G”. No Rio Grande do Sul, coordenação a cargo do apresentador Oxy da TVE/RS. Ao jornal Diário da Manhã, representantes locais da “Nação Hip Hop”, mencionaram que o grupo não pretendia centralizar ações mas

estimular outras organizações na cidade. O Hip Hop como voz da periferia, organizado, pressionando por políticas públicas para dignidade em áreas como saúde, educação, trabalho, renda e qualidade de vida. Então, ratificaram, momento para a maioria subir no palco das decisões políticas (ANEXO Y).

Em junho de 2008 houve encontro da Nação Hip Hop na Câmara Municipal. O plenário do Legislativo esteve repleto, e o presidente da Nação Hip Hop em Pelotas, César Brisolara, afirmou que a união era por ideologia e não modismo. O coordenador de políticas públicas Sandro Mesquita, frisou que ao invés do modismo, o Hip Hop é cultura de resgate dos jovens, brancos ou negros, que estão espalhados pela periferia (ANEXO Z).

A Nação Hip Hop já não está mais organizada em Pelotas. Posteriormente, outra experiência de organização que abriu espaço ao Hip Hop foi a unidade local da Central Única das Favelas (CUFA), sediada no Rio de Janeiro. Em 2009, a CUFA promoveu etapa municipal do 1º Festival Rap Popular Brasileiro (RPB). Sandro Mesquita, que havia participado da Nação Hip Hop, era um dos coordenadores da Central e Pelotas (ANEXO A2)

Vagner Lemos Borges, o DJ Vagner, foi o idealizador da Associação Hip Hop Pelotas. Em quatro anos de atividades, a associação tem promovido eventos, debates, servindo como interlocução do movimento com o poder público. A trajetória é de conquistas como a verba, decorrente de votação em âmbito estadual – previsto no orçamento público – para a locação de prédio no qual será instalada a Casa do Hip Hop. Também a mobilização pela aprovação do projeto de lei, que institui a Semana do Hip Hop na cidade. Vagner aborda:

Temos que avançar, tem que haver divulgação disso tudo para o povo, tem que se criar outros tipos de ferramentas. Assim, chegando àqueles que desenvolvem projetos na vila. Afinal, eles ainda não sabem elaborar projetos com mais complexidade. Como, em geral, não evoluiu o acesso à escolaridade, muitos não conseguem se apropriar dessas ferramentas. Procuramos fazer a nossa parte, mas há muitas barreiras. Em relação a projetos para o negro, nada sai do papel. Mas somos do Hip Hop, da cultura negra, e estamos avançando. São passos lentos mas estamos aprendendo com os erros, nossos e dos outros, que também já tentaram. Então não desistimos. (ANEXO D)

O coordenador da associação também explana que houve aprendizado. Assim, segundo ele, o Hip Hop é respeitado pelo poder público. Ao invés da

presunção de outros momentos, com os gestores públicos considerando que poderiam manipular eleitoralmente o movimento Hip Hop, houve evolução nas estratégias para negociar. Com isso, tratamento de igual para igual. E a cobrança acontece em relação a questões culturais e sociais. “Aprendemos na luta, e o tempo foi ensinando a direção que devemos seguir.” (ANEXO D)

Como educação não formal também a experiência do pioneiro Mabeiker que, na TV Comunitária (TVC), produziu e apresentou durante quase dez anos o programa “Hip Hop Pel”. (ANEXO M2)

6 RITMO DA SUPERAÇÃO

O ano de 1989 é reiterado como fronteiro. A história que o precede, mostrou-se nitidamente antagônica. A geopolítica tratava de distinguir concepções ideológicas e projetos políticos. Capitalismo e socialismo apresentavam-se como soluções para o melhor convívio em sociedade. Uma decantada “Guerra Fria”, estabeleceu-se no século XX, já que havia a disputa pela primazia nos corações e mentes. Porém, com a então “Queda do Muro de Berlim”, desmoronamento intrigante. Afinal, mais do que a reunificação das Alemanhas, o fato sinalizou para inúmeras transformações. A derrocada do designado “Socialismo Real”, em contraposição ao triunfo do capitalismo, proporcionaria poucos anos depois a divulgação do pretenso “fim da história”¹⁵.

Mas para interpretar o ritmo que marcaria os anos noventa e a chegada do novo milênio, entendido como expansão do capitalismo, numa configuração que prescinde das fronteiras nacionais, torna-se necessário apreender alguns dos principais vetores que engendraram tanto a experiência socialista, quanto contradições que contribuíram à derrocada da União Soviética e Leste Europeu. E, por conta da provocação acerca da historicidade, valida-se o reencontro com pressupostos e reflexões de Karl Marx¹⁶. O pensador alemão retomou a acepção de história presente em Hegel, revigorando-a como movimento que não se exaure no “*Absoluto*”. Assim, adverte à limitação da formulação filosófica, cuja perspectiva é a abstração, dissociando-se da realidade concreta. Acerca da distinção, Marx ressalta que:

¹⁵ Francis Fukuyama enfocou a questão no livro “O fim da história e o último homem”, trad. Aulyde Soares Rodrigues, Rocco, Rio de Janeiro, 1992

¹⁶ Em especial a “*Crítica da Dialética e da Filosofia Hegeliana em geral*”, que integra o terceiro do Manuscritos Econômico-Filosóficos, escritos em 1844 e publicados em 1932

Mas, enquanto Hegel concebeu a negação da negação – de acordo com o aspecto positivo que nela repousa, como o ato único e positivo e, de acordo com o aspecto negativo que nela repousa, como o ato único e verdadeiro, como ato de autoafirmação de todo o ser -, ele apenas encontrou a expressão abstrata, lógica, especulativa para o movimento da história, que não é ainda história efetiva do homem como sujeito pressuposto, mas apenas ato de geração do homem, história do nascimento do homem (MARX, 1985, p.34)

Em Marx o conjunto de princípios que embasaria a perspectiva revolucionária de transformação da sociedade. Mas, um ano antes do Manifesto do Comunista (1848) ¹⁷, apresenta “A Miséria da Filosofia”. O trabalho é posterior aos “Manuscritos Econômico-Filosóficos”, onde no “Terceiro Manuscrito”, consta a crítica ao viés histórico hegeliano. Porém, com o método explicitado em “A Miséria da Filosofia”, referencial que demarcaria a dimensão transformadora da historicidade. Trata-se do movimento dialético, quando o sim torna-se não, o não torna-se sim, o sim torna-se ao mesmo tempo sim e não, o não torna-se ao mesmo tempo não e sim e os contrários balançam-se, neutralizam-se, paralisam-se. A fusão destes dois pensamentos contraditórios constitui um pensamento novo, que é a síntese. Este pensamento novo desenrola-se em dois outros pensamentos contraditórios, que fundem-se por sua vez em uma nova síntese. Deste trabalho de parto nasce um grupo de pensamentos. Este grupo de pensamentos segue o mesmo movimento dialético que uma categoria simples e tem por antítese um grupo contraditório. Destes dois grupos de pensamentos nasce um novo grupo que é a sua síntese (MARX, 2004, p.124).

Na elaboração, o pensador alemão refuta o libertário Pierre-Joseph Proudhon¹⁸, enfatizando que a dialética não se limita à “lógica hegeliana”. Portanto, trata-se de movimento que não se restringe à razão pura, ou seja, não se esgota como exercício de abstração. É na história que acontece, com antagonismos e contradições. A exemplo, a burguesia como sinal de superação do feudalismo. E, contrapondo Fukuyama no século XX, uma sutil advertência do próprio Marx. Para o autor de “O Capital”, o germe burguês evolui em decorrência da contradição, pois “foi o lado mau quem produziu o movimento da história, constituindo a luta” (MARX,

¹⁷ Co-autoria com Friedrich Engels, indica o antagonismo de classes, e enfatiza a revolução comunista. Originalmente “*Manifesto do Partido Comunista*”, a primeira edição foi publicada em Londres.

¹⁸ Anarquista francês, autor do “*Sistemas de contradições econômicas ou filosofia da miséria*” (1846)

2004, p.138). A exemplo, o antagonismo no âmbito das forças produtivas, o que contraria a retórica especulativa ou de simples sucessão dos fatos históricos.

Se, na época do reinado do feudalismo, os economistas, entusiasmados com as virtudes cavaleirescas, pela bela harmonia entre os direitos e os deveres, pela vida patriarcal das cidades, pelo estado de prosperidade da indústria doméstica nos campos, pelo desenvolvimento da indústria organizada pelas corporações, jurandas e mestrados, entusiasmados enfim por tudo aquilo que constituiu o belo lado do feudalismo, se tivessem proposto o problema de eliminar tudo aquilo que lançasse sombras a este quadro – servidão, privilégios, anarquia -, o que teria acontecido? Teriam sido aniquilados todos os elementos que constituem a luta, e teria sido afogado em seu germe o desenvolvimento da burguesia. Ter-se-ia colocado o absurdo problema de eliminar a história. (MARX, 2004, p. 138)

Tais pressupostos soldaram-se numa obra que frisa a oposição entre classes. A superação – ou síntese – implica numa luta. O embate é o ritmo do “Manifesto Comunista”. Para os autores, a sociedade burguesa moderna, que brotou das ruínas da sociedade feudal, não aboliu os antagonismos de classe. Não fez mais do que estabelecer novas classes, novas condições de opressão, novas formas de luta em lugar das que existiram no passado (MARX & ENGELS, 2002, p. 9).

O rápido percurso, implicando no movimento dialético e luta de classes, remete a princípios que norteariam o contexto mundial no século XX. As experiências, no entanto, não corresponderam ao tom profético que vislumbrava a superação da desigualdade. Se o socialismo, ante-sala do comunismo, capitulou imerso em equívocos, como o poder autoritário e opressivo, também contribuiu para engendrar nova percepção. Trata-se da realidade social, marcada pela exploração dos trabalhadores, bem como a minoria que se beneficia através do lucro. O aceno, porém, à liberdade como “fim”, alavancando a emancipação no porvir, destituiu-se perante a constatação de que os “meios” também devem ser dignos. As distorções derivadas, ora por conta do centralismo, ora como reação à conjuntura de disputa com o capitalismo, configuraram o distanciamento entre a reflexão teórica e a realidade concreta. Algo tão bem formulado pelo educador Paulo Freire:

Se me ponho numa posição idealista, dicotomizando consciência e realidade, submeto esta àquela, como se a realidade fosse constituída pela consciência. Assim, a transformação da realidade se dá pela transformação da consciência. Se me ponho numa posição mecanicista, dicotomizando igualmente consciência e realidade, tomo a consciência como um espelho que apenas reflete a realidade. Em ambos os casos, nego a conscientização que só existe quando não apenas reconheço mas experimento a dialeticidade entre objetividade e subjetividade, realidade e consciência, prática e teoria (FREIRE, 1981, p. 144)

No itinerário de advertências, destaque a contribuições do italiano Antonio Gramsci e o húngaro Georg Lukács. As respectivas reflexões acerca da hegemonia e “*reificação*”, no entanto, ressoaram menos do que a burocratização. Perante as intensas transformações, principalmente impulsionadas pela tecnociência, agilizando a comunicação, sofisticando bens de consumo, e desencadeando novas necessidades e desejos, a rigidez “*stalinista*” não se sustentou. A discrepância acirrou-se menos pela iminência de possível conflito bélico, do que pela virtualidade do bem-estar. Ampliou-se o abismo entre as concepções de realidade, e o capitalismo disseminou a imagem da liberdade para consumir. Se, na prática, nem todos dispõem de acesso à aquisição das engenhocas e equipamentos, isto não prevaleceu como contraponto. O determinante é que, engessada pela severidade militar e autoritária, num Estado policalesco que inibia qualquer rastro emancipatório, a União Soviética e respectivos satélites não se sustentaram diante do apelo por mudanças. Na essência da derrocada, sinais evidenciando o abandono de princípios como a autotransformação.

Embora Freire aludisse ao capitalismo cabe, como pensador comprometido com a libertação, compreendê-lo também no tocante à opressão verificada com o “*socialismo real*”. Desta maneira, o poder revolucionário, conscientizado e conscientizador, não apenas é um poder, mas um novo poder; um poder que não é só freio necessário aos que pretendiam continuar negando os homens, mas também um convite valente a todos os que queiram participar da reconstrução da sociedade (FREIRE, 2004, p. 156).

O ambiente ferve e, mais do que novas fronteiras à expansão do mercado internacional, verifica-se também o esforço por redefinições epistemológicas. Esse desconforto e limitação do poder propalado como “*ditadura do proletariado*”, aguça vertente que reflete causas e consequências. É o cenário que favorece abordagens como a individualidade em detrimento da coletividade, a ênfase nas relações

imediatas como contraponto ao horizonte revolucionário, a dimensão fragmentada ao invés da totalidade. Num movimento antidialógico, a “Cortina de Ferro”¹⁹ desfaz-se engolfada pelo próprio totalitarismo.

O contexto estimula respostas, e o empenho é pelos enfoques que desancam as perspectivas universalistas. A metanarrativa como entendimento da coexistência, já não resiste aos novos questionamentos. O Ocidente mantém-se capitalista, organizando-se com base nos pressupostos que impõem a aceção pragmática, mas já não se deixa narrar como território da luta de classes. Se Michel Foucault, ao final dos anos sessenta, já propunha uma “*arqueologia do poder*”, instigando a atenção à subjetividade, é com o também francês Jean-François Lyotard, que se fortalece o “elogio à diferença”²⁰. Lyotard²¹ é um dos principais intérpretes desse segmento, cuja identidade provavelmente seja a inconstância. Trata-se da elaboração que não se satisfaz com o poder anulando a individualidade. Nesta senda, também protagonizada por Gilles Deleuze e Jean Baudrillard, há inúmeras questões e desafios. O fundamental, no entanto, é que o percurso já não se explica somente em função da partida e chegada. Esse trajeto é atribuído à modernidade, como rota ultrapassada, nostalgia das grandes respostas que não se concretizaram. Mas, o que a “condição pós-moderna” não resolve, refere-se à lógica de mercado que barra o trajeto de milhares.

Numa relação da pós-modernidade com a ética e a educação, Pedro Goergen salienta a tentativa de Lyotard, quando ressalta o fim das metanarrativas:

A crença no horizonte aberto de um crescente aperfeiçoamento no futuro; a identificação do movimento histórico como triunfo da razão; a pedagogia social baseada na missão cultural de uma elite como guia ou a concepção de um mundo como realidade objetiva, acessível e controlável através do conhecimento e do método, constituem alguns elementos da referida rede moderna que são colocados em dúvida pelos pós-modernos. (GOERGEN, 2001, p. 63)

Verdade, razão, identidade, objetividade e progresso, também constam entre os abalos desencadeados pelos pós-modernos. O filósofo Nietzsche é valorizado e,

¹⁹ Expressão criada pelo primeiro-ministro britânico Winston Churchill em 1946, para designar a separação em relação ao Leste europeu e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS)

²⁰ Autor de obras como “*Le Différend*”, onde contrapõe-se ao espectro totalitário

²¹ “*A condição pós-moderna*”, publicação dos anos oitenta que se tornou referência para o debate da contemporaneidade

na abrangência de postulados, prospecções que podem flertar com o irracionalismo, bem como o niilismo. A indefinição é a tônica, porém, como princípio a ótica na qual “o universal é perigoso” (LAMPERT, 2005, p. 15). E o autor adiciona:

A partir dos anos 1990, com a derrocada histórica global da esquerda, do desenvolvimento tecnológico da mídia, do triunfo da tecnologia genética, da globalização liberal, da desregulamentação da economia, do inchaço das atividades financeiras e da bolsa, o rótulo pós-moderno ganha fôlego. Hoje em dia se fala em hipercapitalismo, hiperclasse, hiperpotência, hiperterrorismo, hiperindividualismo, hipermercado, hipertexto. (LAMPERT, 2005, p. 41)

Todas as ilações imagináveis, num cenário cujo relativismo aceita até uma inusitada “pós-moral”²². Essa permissividade teórica, entretanto, não encerra as variações sobre o mesmo tema. Se, num extremo, a pós-modernidade abre-se ao jogo das vãs possibilidades, também é guarida para esforços que constroem alternativas. É o que o pesquisador Humberto Calloni apresenta, encontrando sintonia não só com Edgar Morin²³, mas também com Paulo Freire. Esta contemporaneidade “freireana”, conforme o autor, afeita em relação à dialética, comparável a Morin no âmbito dialógico, suscita outro olhar. Afinal, se o ambiente pós-moderno ampara-se na desconstrução, esta postura não impede a humanização. E o conceito de educação vive sua promiscuidade, de sua ambivalência, das ambiguidades e contrariedades entre um ideal universal de humano e o real particular de sua realização cultural local, ou seja, genericamente, entre um modelo de homem acabado, adaptado, virtuoso e nobre como queriam os gregos (*paidéia*), por exemplo, e um ser humano inacabado (Freire), portanto aberto a *ser mais* e crítico perante o real (CALLONI, 2005, p. 52).

O *ser mais* para Freire significa a superação da dicotomia entre ser e não ser. A condição altera-se para ser e ser mais, em decorrência da conscientização (OLIVEIRA, 1996, p. 69). Tal proposição, porém, depara-se com as transformações derivadas de décadas recentes. Assim, avaliar a conscientização na contemporaneidade, de imediato remete a contraste. Afinal, seria a concepção “freireana” uma referência anacrônica? O conceito de “conscientização”, cotejado com vertentes pós-modernas, mantém-se após a ofensiva neoliberal, em especial na

²² Abordagem desenvolvida por Gilles Lipovetsky.

²³ Autor francês cuja contribuição associa-se à reflexão acerca da complexidade. Entre suas obras, tem sido recorrente no Brasil a menção “*Os sete saberes necessários para a educação do futuro*”

década de noventa? Para apreender a abrangência das questões, observa-se que a retórica acerca do particular, da fragmentação que, até como discrepância, pode incorrer no “elogio ao individualismo”, desenvolveu-se como necessidade. Trata-se de resposta, anseio, defesa e argumentação. A manifestação é consequência da experiência totalitária de poder.

Como adendo ao “sobrevoo” que abrange desde princípios filosóficos, desdobrando-se em vertentes pedagógicas, cabe menção ao debate provocado pelo autor cubano Carlos Moore. Ele já esteve em Pelotas, palestrando e autografando obras. Num de seus livros trata de relacionar marxismo e escravidão.

Por um lado, Marx e Engels adotaram uma postura invariavelmente a favor das minorias brancas naquelas colônias – como a África do Sul, na época ainda sob o domínio da Grã-Bretanha – em que a população colonizadora branca local constituía o grupo política e economicamente dominante, embora representasse uma minoria numérica. Por outro lado, os fundadores do Marxismo defenderam a independência total e imediata daqueles países povoados por uma maioria branca – como a Irlanda, o Canadá e a Austrália -, que então eram também colônias da Inglaterra. No entanto, em relação aos povos colonizados não arianos, a postura de Marx e Engels não foi tão generosa; para eles, a independência total estava fora de questão. Engels propôs abertamente que, uma vez que o proletariado tivesse tomado o poder, as colônias negras e orientais na África, Ásia, Oceania e nas Américas fossem entregues para serem administradas pela classe operária europeia vitoriosa – o que se pode chamar de ‘colonialismo proletariano socialista’. (MOORE, 2010, p. 103)

6.1 INDÚSTRIA CULTURAL

A expressão surgiu na obra “Dialética do Esclarecimento” em 1947. O livro é co-autoria dos filósofos Theodor Adorno e Max Horkheimer, integrantes do Instituto para Pesquisa Social, também designado como Escola de Frankfurt. Sinteticamente, a ideia enfatiza o aspecto mercadológico. As manifestações culturais sob a ótica capitalista, num espectro de manipulação e consumo. O conceito valida-se perante recorrentes episódios do cotidiano. No entanto, também está à mercê de questionamentos. Afinal, ao invés de demonizar o aparato – cada vez mais diversificado e operacional -, vale frisar que o livro “Educação e Emancipação” de Adorno é consequência de entrevistas radiofônicas. O que seria incongruente, considerando-se a dimensão preconizada pelos autores.

Mas tratando-se do Hip Hop, persiste a oscilação. O movimento que critica a opressão, também obtém espaços na grande mídia. Em dez anos, programas têm incluído o Hip Hop na tevê, proporcionando oportunidades à visibilidade da periferia. A fronteira é tênue, e existe o risco de apropriação pelo mercado. Ao invés do caráter contestatório, uma nova opção, outra mercadoria. Nos autores que ressaltam o “estilo”, destaque à indumentária dos rappers. Assim, bonés e calças largas, apresentam-se como limite entre moda e identidade. Em manifestações de rappers, por conta da realidade adversa, a perspectiva de ganhos pode soar como vitória pessoal, e chance de sair do sufoco. Mas e a postura crítica, conscientizadora? A indústria do entretenimento vencerá? “É assim que o sistema quer que pensemos. Enquanto isso, vamos tomando na cabeça, salários arrochados, juros altíssimos, banco nos extorquindo, pit boy achando que é ‘Rambo’ e polícia nos dando porrada. Mas a gente, catolicamente, vai acreditando que o amanhã será melhor” (RICHARD, 2005, p. 47).

Destaca-se a declaração de Jair “Brown”. Um dos pioneiros do Hip Hop pelotense, ele despertou para a manifestação ao ser informado através da grande mídia:

A descoberta do Hip Hop aconteceu aos catorze anos. Em casa, assistindo tevê, vi um grupo de dança ‘break’ num programa de auditório. Achei legal e passei a treinar em casa, também no campo com os guris. Dançando na esquina, fui evoluindo e, aos dezesseis anos, passei a integrar o grupo ‘Dragões do Break’. Dançávamos em festas no Paulista, Agremiação, promoções do Transasom, Apollo Som, discoteca 460. (ANEXO B)

O grafiteiro Beethoven Mendonça também atribui à informação midiática, o acesso ao Hip Hop.

Em 1989 comecei a ouvir Rap. O Hip Hop também chegou através de filmes e vídeos. Mas foi uma capa de disco de 1991, que me despertou para o grafite. Desde então passei a criar nessa área, sendo que muitas vezes sem dinheiro para adquirir a lata de spray (ANEXO A)

Emancipação ou semiformação? A indústria cultural para o pensador alemão é onipotente. Nada escapa do poderio que se empenha por arregimentar desdobramentos do mercado, bem como instigar a manipulação e dominação. A

semiformação seria a interpretação acerca daquela postura, que se mantém sob tutela, subjugada pelo controle em consequência do comodismo.

Em “A Indústria cultural – o Iluminismo como mistificação das massas”, Adorno e Horkheimer escrevem: “Na indústria cultural o indivíduo é ilusório não só pela standardização das técnicas de produção. Ele só é tolerado à medida que sua identidade sem reservas com o universal permanece forma de contestação” (ADORNO, 2006, p. 55)

Já a emancipação, para Adorno, pela ausência de experiência formativa, ressalta-se como patamar que beira a utopia. E o pensador assinala: “O esclarecimento como consciência de si, como autoconscientização, já vimos anteriormente, é condicionado culturalmente e, nos termos da indústria cultural, limita-se a uma ‘semiformação’, a uma falsa experiência restrita ao caráter afirmativo, ao que resulta da satisfação provocada pelo consumo dos bens culturais” (ADORNO, 1995, p. 23).

Sobre a conversão da formação em semiformação, Antônio Zuin escreve:

A semiformação reflete um estado de coisas no qual a dimensão emancipatória da racionalidade é obstaculizada, imperando sua dimensão instrumental voltada para a exploração e a dominação. As pessoas têm a sensação de que já possuem os conhecimentos necessários quando, superficialmente, se informam sobre os mais variados assuntos. A supremacia do pensamento vazio sobre o raciocínio crítico conduz necessariamente à reflexão sobre o incentivo à ausência de reflexão (ZUIN, 1999, p. 65)

Entre os obstáculos à emancipação, conforme Adorno, o motivo evidentemente é a contradição social. Ninguém pode existir de acordo com suas próprias determinações, pois a sociedade forma através de mediações (ADORNO, 1999, p. 181). À educação cabe orientar acerca da contradição e resistência (ADORNO, 1999, p. 183).

No Brasil o Rap está no alvo da grande mídia. Programas de televisão têm aberto cada vez mais espaço a designada cultura de rua, numa espécie de “glamourização” da pobreza, mediação que ao invés da formação, tende a esvaziar a apreensão das contradições sociais. A exemplo, neste começo de século XXI, a

gradativa inserção do tema na programação da poderosa Rede Globo²⁴. O próprio Hutuz, evento de gala do Hip Hop nacional, evidenciou o contra-senso. Pompa e celebração para ressaltar a voz que emerge pobreza. MV Bill foi atração na grande mídia. O espetáculo, que pode esvaziar ideologicamente, esteve à espreita. Para os grupos soa como solução imediata. No entanto, trata-se de espaço para poucos, e as privações prosseguem à maioria.

Em Pelotas o contexto é diferente. Há grupos que ultrapassaram quinze anos. O sucesso restringe-se à repercussão entre amigos, vizinhos e familiares. Embora, o empenho pela divulgação – muitas vezes ainda esbarra no preconceito –, disponha de emissoras de rádio e tevê comunitárias, os shows têm oscilado. Mas então por que continuam, por que surgem novos grupos? Em destaque, na segunda metade da primeira década do século XXI, a juventude improvisando no “Freestyle”, isto é, jovens se reunindo sextas à noite em frente ao Theatro Sete de Abril. Eles improvisam rimas, num desafio definido como “batalha”.

Daqueles que amadureceram narrando as mazelas do cotidiano, ouve-se com frequência que o Rap “*não dá dinheiro*”. E a alusão recorrente é o recado do rapper paulistano Sabotage – *assassinado em 2003* –, que expressava “*Rap é compromisso*”. O curioso é que o próprio Sabotage, jovem negro e pobre, já estava com incursões pelo cinema. Enfim, reconhecimento ou recrutamento?

Acerca da possibilidade de massificação, MV Bill respondeu à revista Caros Amigos:

Acho que descaracterizar, desequilibrar e até poluir o hip hop é parte desse plano. Por outro lado, viajando nos Estados, percebi uma outra parada. Que o hip hop cresce de maneira silenciosa em algumas capitais e em outras está muito mais avançado do que se pode imaginar. A exemplo do crime, isso não é noticiado. Esse diálogo que está acontecendo em outras capitais, para mim, é importante porque passa a dar visibilidade e põe o hip hop não como música, mas como instrumento importante. Um canal de comunicação, de diálogo entre os irmãos e entre as comunidades (AMARAL, VIANA, TARSO, SALLES, 2005, p. 36)

²⁴ Embora o assédio aos rappers, com o visível intuito de apropriação da linguagem, numa perspectiva de oferecer mais um produto no mercado, nota-se que há resistências como o “*Racionais MCs*”. O grupo paulista não frequenta a grande mídia. Ao passo que recusa o “*espetáculo*”, torna-se mais atrativo e desafiador. Já o carioca MV Bill, alegando a necessidade de informar sobre a realidade da periferia, tem recebido espaço em emissoras como a Globo. O que pode soar como conquista, remete à ambigüidade, pois a denúncia de hoje estará banalizada no dia seguinte.

O circuito enfatizado pelo rapper carioca talvez seja a “*prática educativa*” que, não formal, aproxima deserdados. Aprende-se a acreditar no poder da fala e das ideias, quando expressas em lugares e ocasiões adequadas. Aprende-se a calar e a se resignar quando a situação é adversa. Aprende-se a criar códigos específicos para solidificar as mensagens e bandeiras de luta, tais como as músicas e folhetins (GOHN, 2005, p. 19).

O RAP (Ritmo e Poesia), provavelmente a mais construtiva ação contestadora da periferia urbana, tratando-se de contemporaneidade, estaria no âmbito da formação ou semiformação? A resposta não pode ser cabal. Se o Rap capitular como modismo, teremos a supremacia da semiformação. Mas se o Rap, por conta da prática educativa, prosseguir a comunicação que tumultua o comodismo, o que poderemos conhecer? A oscilação é pertinente e se coaduna com a ambiguidade na acepção de Adorno. Afinal:

O esclarecimento como consciência de si, como autoconscientização, já vimos anteriormente, é condicionado culturalmente e, nos termos da indústria cultural, limita-se a uma ‘semiformação’, a uma falsa experiência restrita ao caráter afirmativo, ao que resulta da satisfação provocada pelo consumo dos bens culturais (ADORNO, 1999, p. 23)

A realidade do Rap pelotense, bem como no País, é de limitações no acesso ao consumo. A miséria contrasta com o pressuposto de Adorno, que remete ao silêncio do contentamento. O objetivo principal do rap é conscientizar e informar a periferia da sua realidade e do espaço que ocupa na sociedade, assim como fornecer dados para que seus moradores possam reverter situações com as quais não estão satisfeitos (SOUZA, FIALHO & ARALDI, 2005, p. 26).

Se Adorno distinguiu a música séria²⁵, a criação erudita como referência formativa, cuja complexidade exige a apreensão por conta da abstração dos detalhes, também atribuiu como contraponto os “hits”, sucessos pasteurizados que obedecem ao formato simplificado, numa estratégia que facilmente alcança resultados mercadológicos. Nesta acepção, o Rap se situa como semiformação, no entanto, baseado no próprio Adorno, não se limita ao mero entretenimento banalizado. Se a formação para o “frankfurtiano”, conforme já mencionado, implica

²⁵ “*Sobre a Música Popular*” é texto de Adorno em co-autoria com G. Simpson, e consta em edição da Coleção Grandes Cientistas Sociais, publicada pela editora Ática em 1986

no questionamento acerca das contradições, ressurge o Rap como expressão diferenciada. A tensão acompanha a cultura de rua, já que não pode ser reduzida à mercadoria.

No texto da Teoria da Semicultura, Adorno confirma o raciocínio desenvolvido no capítulo anterior de que o conceito de formação tem sua origem atrelada ao desenvolvimento da burguesia e de seu sonho liberal de equivalência entre a justiça e a liberdade. Entretanto, quando a produção simbólica se converte numa mercadoria como outra qualquer, de tal forma que o seu caráter de valor subordina autoritariamente o seu valor de uso, então já se encontram estabelecidas as bases para a consolidação da semi formação. (ZUIN, 1999, p.58)

O Rap como prática educativa, potencialmente crítica e conscientizadora. A interpretação procede da experiência, num contato fortalecido pelo apoio mútuo. A solidariedade como etapa da “escuta” ao recado que brota dos proibidos de ser. A luta começa quando os homens reconhecem que foram destruídos. Propaganda, dirigismo, manipulação – as armas da dominação – não podem ser instrumentos de re-humanização (FREIRE, 1980, p. 86).

Desafiar o silêncio, reivindicando justiça:

O desespero é uma forma de silêncio, uma maneira de não reconhecer o mundo e fugir dele. A desumanização que resulta de uma ordem injusta não é causa de desesperança, mas de esperança, e conduz a procurar sem cessar a humanização que a injustiça nega aos homens. (FREIRE, 1980, p.84)

Abordagem provocadora em relação ao HIP HOP, é publicação com série de artigos sobre filosofia e a manifestação popular. O livro “Hip Hop e a filosofia”, sob coordenação de William Irwin, talvez limitado por focar a realidade norte-americana, propõe, no entanto, a virtualidade de um caminho instigante. Torna-se possível filosofar a partir da realidade do movimento de rua. E na obra, cujos capítulos estão identificados como “discos”, há textos que abordam São Tomás de Aquino, Descartes, Hobbes e Rousseau.

6.2 MULTICULTURALISMO

O enfoque construído através do diálogo com Paulo Freire. Na obra de Peter McLaren²⁶, abordagem que fornece novas pistas. Sua formulação do conceito de multiculturalismo, reveste-se de contemporaneidade. Assim, tanto detém-se acerca da questão étnica nos EUA, que oprime negros e imigrantes, quanto percorre diferentes realidades, incluindo a América do Sul e Brasil. Para o autor, o multiculturalismo pode ser compreendido como a legitimidade das diferenças étnicas e culturais. No entanto, esta postura não se distancia do compromisso solidário. Assim, ao invés da desconstrução de metanarrativas, sinais da pós-modernidade que contribuem para fortalecer o “status quo”, abdicando da crítica à realidade desigual, McLaren ressalta a diversidade como reconhecimento à identidade e formação histórica. Através da obra de Freire, menciona a liberação como meta diante das injunções do poder que aprisiona. É voz que destoa nos EUA, pois questiona os danos causados pela política imperialista.

Dialógico, McLaren ouviu Freire, apreendeu as lições de Guevara, e está atento aos “*Zapatistas*” no México²⁷. As referências reforçaram outra interpretação acerca da crise da contemporânea. Ao invés do multiculturalismo esvaziado da necessidade de justiça e transformação, possibilita outra escuta, atenção e comprometimento. A exemplo, o trecho que pode ser associado à realidade do Rap Pelotense:

Aqui, os imperativos da cultura do consumo e a hegemonia das identidades de mercado são desafiados por narrativas de identidade que se fundamentam em uma preocupação com a libertação e justiça social. (MCLAREN, 1999,p. 191)

Na contemporaneidade, embora as tensões geopolíticas, fronteiras tem sido superadas. O dançarino Tagner comenta sobre sua experiência, ao deixar a periferia urbana de Pelotas no interior gaúcho e, por conta da dedicação ao Hip Hop, deparar-se com a contrastante realidade de dois grandes centros internacionais:

²⁶ Professor de Educação na Universidade da Califórnia em Los Angeles. Aborda o Hip Hop em obras como “*Multiculturalismo crítico*” e “*Multiculturalismo Revolucionário*”

²⁷ As reflexões constam nos volumes citados na nota anterior.

A dança da periferia de Pelotas tem sido levada a diferentes cidades gaúchas, bem como de Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro. Em 2013, vencemos *(Trem do Sul)*, a seletiva de duplas do “Just de Bout” Brasil. Com isso, eu e o Paulinho (coreógrafo Paulo Monteiro), passamos dez dias em Paris. Para nos comunicarmos, recorremos à mímica e um pouco do inglês que, ainda criança, pesquisava com meu pai no dicionário. No encerramento do evento, vinte mil pessoas num ginásio da escola de danças urbanas. Ao voltarmos, pessoal começou a nos ver com outros olhos, pois o Hip Hop ainda é muito discriminado. Com a experiência, aprendemos que não há o impossível para ninguém. Já em 2014, após alguns anos tentando viabilizar os recursos, para participar de edições anteriores, conseguimos ir a Las Vegas. O Trem do Sul classificou-se para final do Festival Mundial de Hip Hop e, com inúmeras campanhas, apoio da Prefeitura e algumas empresas, viajamos num grupo com oito integrantes. (ANEXO C)

7 HIP HOP ESCOLAR

Anos noventa em São Paulo, Hip Hop em sala de aula. Prática para estimular o aprendizado de história, português e cidadania. Além da imediata identificação, já que narra a realidade das crianças e jovens pobres, também o aprendizado prazeroso. Os versos de Rap podem ser debatidos – com palavrões ou não -, instigando a relação dialógica. No volume “Rap e educação – Rap é educação”, constam artigos sobre experiências pedagógicas. A perspectiva recrudescer diante da necessidade de conteúdo abrangendo a história e cultura afro-brasileira. Conforme a Lei 10.639 de 2003, escolas devem oferecer o enfoque. Para contar sobre aqueles que, historicamente permaneceram à sombra, esquecidos, invisíveis, o Hip Hop é possibilidade criativa e questionadora.

Enquanto denunciavam a condição de excluídos e os fatores ideológicos que legitimavam a segregação dos negros no Brasil, os rappers reelaboraram também a identidade negra de forma positiva. A afirmação da negritude e dos símbolos de origem africana e afro-brasileira passaram a estruturar o imaginário juvenil, desconstruindo-se a ideologia do branqueamento, orientada por símbolos do mundo ocidental. [...] Para os rappers, a condição concreta da população negra no Brasil indica que o discurso da cordialidade é apenas uma máscara que precisa ser retirada. (SILVA, 1999, p. 30)

As oficinas têm sido A forma de aproximação entre a escola e o Hip Hop. Em Porto Alegre, um pouco da experiência consta no livro “Hip Hop – da rua para a escola”. Muitas escolas têm encontrado no hip hop um aliado contra a violência e as drogas. Projetos de parceria entre instituições pedagógicas municipais, ONGs, universidades, grupos de pesquisa e escolas têm se mostrado uma alternativa viável na efetivação de propostas pedagógicas que unem o currículo escolar e o cotidiano dos alunos (SOUZA, FIALHO, ARALDI, 2005, p. 111).

Em Pelotas houve oficinas em escolas. Em 2001, sob coordenação da professora Eliane Pardo (UFPel), experiência que posteriormente seria registrada em livro. Inicialmente, projeto de extensão na Escola Superior de Educação Física

(ESEF), proporcionando encontros semanais para o “break”. Posteriormente, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação (SME), oficinas de grafite em escolas do Pestano e Areal. Faltava o Rap. A leitura e a escrita aparece na prática de compor letras dos MCs como duas faces de uma mesma moeda (SOUZA, FIALHO, ARALDI, 2005, p.80).

Em 2006 houve primeiras oficinas de Rap. Em abril, experiência no bairro Getúlio Vargas, um dos mais pobres da cidade, seria apresentada no 6º Encontro sobre o Poder Escolar. A oficina, iniciativa da professora Patrícia Ulguim, foi ministrada pelo rapper Eduardo “Radox” Amaro. Como conclusão houve a gravação de Rap em CD.

‘Radox é negro, reside na periferia, e se comunica com facilidade. A empatia entre oficineiro e alunos foi recíproca. Como metodologia, os alunos receberam a letra ‘Cantos, contos e lendas’, autoria de ‘Radox’, selecionada em 2000 no festival Moenda da Canção. A turma foi dividida em grupos que, após a leitura, destacaram palavras do poema. Enquanto os grupos definiam as preferências, no CD player tocava o Rap ‘Negro Drama’, autoria do grupo paulista Racionais MCs. A identificação é imediata, pois os alunos conhecem a letra – que não toca na grande mídia. Eles acompanharam o ritmo balançando os pés, e cantarolando baixinho. Trata-se da linguagem da periferia. Na sequência, os alunos então elencaram opções como ‘brilho’, ‘paz’, ‘criação’ e ‘amor’, que foram listadas no quadro. A etapa conclusiva foi a elaboração de versos. E os grupos, cada qual reunindo de dois a três alunos, criaram suas próprias letras. O Rap da Escola, porém, numa iniciativa da professora Patrícia, foi elaborado pelos 32 alunos da turma no dia posterior. (COGOY, ULGUIM, SILVA, 2006, p. 276)

A oficina também foi ministrada na Escola Joaquim Duval, Associação Cultural Motivação – pré-vestibular popular -, e adolescentes do Prosepa da Brigada Militar. O exercício da curiosidade a faz mais criticamente curiosa, mais metodicamente “perseguidora” do seu objeto. Quanto mais a curiosidade espontânea se intensifica, mas, sobretudo, se “rigoriza”, tanto mais epistemológica ela vai se tornando (FREIRE, 1998, p. 97)

Movimento social e prática educativa, intensificam-se na realidade pelotense. Vagner Borges acrescenta:

Através das oficinas, observei que as técnicas poderiam ser aplicadas no ensino de matérias nas escolas. É muito louco ver isso numa oficina de DJ, mas é possível desenvolver a matemática, história, geografia, química e física. Tenho evoluído nesse campo, apresentando essa relação nas oficinas em escolas. - O Hip Hop deve estar dentro da escola, pois é uma das formas de aproximar essa juventude dos livros, de forma que a escola não se torne um espaço monótono. Por exemplo, tanto a minha oficina, quanto as de MC, B-Boy (dança) e grafite, são ferramentas essenciais para a permanência do jovem no meio escolar. Claro, interagindo com as matérias e professores (ANEXO D)

O BBoy Tagner Souza, em relação à educação, diz: “A dança proporcionou a atividade como oficineiro dos programas “Escola Aberta” e “Mais Educação”. Também tenho sido convidado para ser jurado em festivais. Através das aulas tenho passado adiante o que aprendi”. (ANEXO C)

O grafiteiro Bethoven Mendonça afirma:

O grafite é importante para a educação. Na escola, é atrativo que, de forma prazerosa e criativa, pode diminuir a evasão. A criança e o jovem saem da rotina, e a aula pode ser diferente. O desenho não seleciona quem é o melhor, e todo mundo desenha. E o grafite é agente transformador, capaz de abrir portas. Em 2014 durante uma semana, ministrei oficinas numa comunidade quilombola. Mas dos elementos que constituem o Hip Hop, o grafite é o menos aproveitado pelo pobre pois, mesmo com talento, em geral não se consegue adquirir o material. (ANEXO A)

E o MC Jair “Brown” também comenta sobre a relação com a educação: “À época na Guabiroba, desenvolvemos o projeto ‘Menores de Respeito’, tentativa de oferecer arte e cultura aos adolescentes, evitando que ficassem desocupados pelo bairro”. (ANEXO B)

7.1 EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

Desde os anos noventa do século passado, que o Hip Hop pelotense tem desenvolvido atividades educativas em escolas. Oficinas, apresentações, publicações artesanais de “zines”, programas de rádio e tevê, foram algumas das formas de aproximação com a juventude dos bairros.

Em setembro de 1999 no jornal Diário da Manhã, Jair “Brown” do grupo Calibre 12 divulgou o projeto “Arte de Rua nas Escolas”. A ideia conforme ele:

Conservação das salas de aula e prédios escolares, contestando o vandalismo e depredação do patrimônio público. Alunos, professores e até os pais, deverão ser orientados para que a escola seja local de participação e dignidade. Como prioridade, colaborar com a comunidade na organização de iniciativas beneficentes, com arrecadação de alimentos para doação a entidades carentes. Outra etapa será o alerta às crianças em relação ao perigo das drogas. Grupos interessados também contarão com oficinas de 'graffiti', aludindo à arte da pintura, dança e canto RAP, bem como a formação de DJs. (,,,) será sugerido debate aberto sobre temas que preocupam a juventude. Por isso, a necessidade de palestras, panfletos e fanzines. (ANEXO B2)

A viabilidade no entanto dependia de recursos. E a alternativa dos rappers seria o acesso à lei de incentivo à cultura. Sem conseguir a verba, o projeto não decolou mas "Brown" prosseguiu publicando o zine "Batida de Rua" – reprodução à base de fotocópias – com notícias do Hip Hop e cultura "Black" do País e também internacionais. O pioneiro "Calibre 12" também tem o mérito de realizar o projeto "Menores de Respeito". Durante um ano os rappers ofereceram oficinas para jovens da vila Farroupilha e Guabiroba. Participantes elaboraram a letra "Não se renda", com versos como:

A violência pela rua/ aumenta a cada dia/ a cada dia aumenta/ a fome e a miséria/ que todo dia mata/ muita gente no Brasil/ e quem viu?/ No Brasil/ Ninguém viu e o político cadê?/ Sumiu/ - Basta, queremos algo melhor/ Sabemos que a verdade para muitos dói/ - Incomoda muitos. Só/ Não querem enxergar o pior/ Vamos mais, além, a levada é sem dó/ Veja só... Menores de Respeito no esquema/ Trema, Trema/ Não se surpreenda/ Mano não se renda à cultura do sistema/ Somos bem diretos, certos do correto/ Mandamos a mensagem para os manos/ que estão cegos. (ANEXO C2)

O grupo "Consciência Negra" que reunia jovens do Loteamento Dunas, ministrou oficinas de dança "break" no Sesi e Escola Padre Anchieta no bairro Areal. RC, Guido e Davi também divulgaram o primeiro CD "Sabedoria de Rua" (ANEXO D2).

Oficinas de Hip Hop na rede municipal, conforme os rappers do grupo T.W.N.: Anjo e Mica. No início de 2001 foi divulgada a parceria com a Secretaria Municipal de Cultura. E os integrantes salientavam que, em Pelotas, mais de 44% da população é negra, e o Hip Hop poderia oferecer orientação básica de sobrevivência. (ANEXO E2).

Apesar da motivação dos rappers, ressaltando que teriam alimentação, transporte e remuneração, o projeto não se efetivou conforme a perspectiva inicial acenada pela Secretaria de Cultura. Etapa para o amadurecimento diante de promessas do poder público.

A dança através do grupo “Piratas de Rua” também ofereceu também tem protagonizado ações no âmbito da educação não formal. Em janeiro de 2004, integrantes do “Piratas de Rua” divulgavam oficinas em parceria com a Secretaria Municipal de Direitos Humanos. Técnicas da dança de rua para crianças e jovens dos abrigos e lares da assistência social no município. Lasier, Jorge Luis e “Fão” mencionaram: “[...] as coreografias têm conteúdo, comunicando-se com o público. Considero que contribuímos com a educação e a sabedoria, quinto elemento do movimento Hip Hop. Também mostramos que a arte pode ser caminho profissional” (ANEXO F2).

Também em 2004, registro da oficina ministrada pelo rapper “Makabra”. Em abril daquele ano, integrando o projeto Escola Aberta, encontros na Escola Dr. Joaquim Duval no bairro Py Crespo. Além das oficinas, que estimulavam o surgimento de nova geração no Hip Hop, Makabra também divulgou o programa radiofônico “Comunidade Hip Hop”, veiculado na emissora Comunidade FM 104.5. (ANEXO G2)

Também na Escola Joaquim Duval, mas em maio de 2006, Eduardo “Radox” apresentou a sua Oficina de Ritmo e Poesia. Ele foi convidado pela professora Neuza Regina Janke, que notava apatia e desinteresse nos alunos das quinta e sexta séries. Radox acolheu a ideia. Organizou grupos e os alunos foram estimulados a ler e escrever, sempre sob o ritmo das “bases” – batidas sonoras. Ao final, apresentações, aplausos e autoestima. (ANEXO H2)

A oficina com Radox também esteve na Escola Municipal de Ensino Fundamental Núcleo Habitacional Getúlio Vargas. Na aula da professora Patrícia Reis, alunos da quarta série elaboraram Rap comemorativo aos quinze anos da escola situada no BGV. (ANEXO I2)

Em 2006 grupo de dança “Trem do Sul”, que dispunha de espaço para ensaios na Escola Estadual de Ensino Fundamental N. Sra. dos Navegantes no Navegantes 2, conquistou premiações no “Porto Alegre em Dança”. O “break” e a “street dance” no ambiente escolar. Posteriormente o grupo deixaria de ser projeto da Escola, conquistando autonomia. Mas prosseguiu a parceria como educação não

formal na escola da região da Várzea. E o Trem do Sul, além de oficinas na escola, já levou sua arte para Paris e Las Vegas. (ANEXO J2)

Em outubro de 2006 foi realizado o 1º Encontro de Hip Hop do Colégio Pelotense. Organizadores divulgaram no Diário da Manhã, que a linguagem de rua poderia ser fonte de aprendizado. Além disso, a expressão da periferia como alternativa para redescobrir o prazer na escola. Então, a voz daqueles que reivindicam cidadania, como estímulo à compreensão da realidade social. Daí, o Hip Hop também pode ser “Rap Escolar”. (ANEXO K2)

Na trajetória de contatos entre os Hip Hop pelotense e visitantes, em 2008 houve a visita do rapper porto-alegrense “Nego Prego”. Acompanhado por Gagui, ele contou ao Diário da Manhã que ministrou oficinas na FEBEM, havia trabalhado como vigilante, office-boy e vendedor. Em três vestibulares tentara o acesso à universidade. Suas opções: química; ciências sociais; direito. Na trajetória, preconceito quando cursava escola particular. Ele frequentava pois o pai era funcionário do estabelecimento. Um dos poucos alunos negros, não aguentou a discriminação e pediu ao pai para trocar de escola. (ANEXO L2)

Em outubro, desde 2012, tem sido realizada a Semana Municipal do Hip Hop. A iniciativa é lei municipal e, durante uma semana, grupos de Rap ministram oficinas em escolas da rede pública. A organização está a cargo da Associação Hip Hop Pelotas, que promove seleção pública aosicineiros e define a logística em parceria com o poder público. (ANEXO M2)

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos depoimentos dos entrevistados e nas reflexões que dialogaram nesta pesquisa, sobressai a potencialidade em relação ao Hip Hop como agente transformador. Ao passo que há opinião esperançosa e de articulação política, como frisa o DJ Vagner Lemos, também é feita crítica ao possível estágio de um “movimento” que está esvaziado de comprometimento social.

A sutil divergência, no entanto, menos do que engessar, silenciar ou espantar as perspectivas do Hip Hop, espelha a incerteza que também é a tônica em diferentes demandas e projetos sociais. É uma aparente impossibilidade de encaixar nominalmente, sob o risco de reduzir a conceito que seja aceitável de imediato, para logo mostrar-se limitado.

Nas entrevistas, representantes dos quatro elementos que compõem a linguagem, manifestação e cultura. Porém, alude-se eventualmente ao designado “quinto elemento”. Este é considerado como o saber, ou filosofia, ou teor pedagógico que permeia o estilo.

Possível identificar o comprometimento ideológico em momentos distintos, como a premiação nacional obtida pelo rapper pelotense Radox em 1999. Com o Rap “Tributo ao trabalhador sem terra”, costurou a síntese da necessária união entre os movimentos urbano e rural. (ANEXO N2)

Se pensarmos mais demoradamente acerca das opiniões coligidas, notaremos que houve entrevistado não convidado. Trata-se do “quinto elemento”, isto é, se não aparece personificado, também jamais esteve ausente pois torna-se perceptível, apreensível e provocador nos depoimentos listados. A exemplo, a postura do grupo paulista Racionais MCs que, contrariando as acusações de machismo, no show em Pelotas abriu espaço à participação feminina, numa atitude com fito pedagógico-democrático. (ANEXO O2)

O jovem Tagner aborda sobre o que mais lhe toca, e está imerso na repulsa a práticas mesquinhas, tolas e egoístas do cotidiano. O preconceito que condena, é

muitas vezes o fiel da balança para definir quem fica e prospera, ou quem terá barreiras extras, mais degraus na escalada, obstruções na esfera da moralidade.

Quando explicita o risco da “coisa errada” que ronda próxima, desvela também o Hip Hop como conjunto de saberes capaz de desafiar a opressão.

Fragatense Jair “Brown” lança, conforme sua experiência e observações, uma crítica que lhe cai sobre os pés. Afinal, à medida em que pode ser reclamada uma certa coerência ou compromisso do Hip Hop, inadvertidamente evidencia-se que, a momentânea debilidade pode ser diferente.

Em relação a dois depoimentos de extrema relevância acerca da trajetória do Hip Hop pelotense, isto é, grafiteiro Beethoven e DJ Vagner, convergência aos saberes ou práticas educativas. A manifestação artístico-cultural da periferia urbana, viceja numa abertura e diálogo com a realidade escolar. Hip Hop rima com matemática, desenho, motivação. Desafio que vem sendo palmilhado e experiências atomizadas. Caberia o vislumbre de projeto com retaguarda para a logística necessária. E a Associação, como tem procedido, poderia abrir essa perspectiva através de políticas públicas sistematizadas.

Algumas respostas foram se proporcionando. Mas prevalece a contemporaneidade de manifestação que se rejuvenesce a cada batida que sacode um jovem das áreas mais pobres.

O Hip Hop pelotense avança num ritmo que contemporiza ambiguidades, mas também abre-se a novos horizontes.

Em relação à minha trajetória, numa parceria orgânica com o movimento, a singela homenagem em 2008. (ANEXO P2)

Como convite à rebeldia, o recado do rapper e escritor Eduardo que, em abril de 2014 esteve palestrando e autografando seu livro em Pelotas:

Falta unidade à periferia que ainda não se enxerga como povo. As brigas e mortes muitas vezes são por causa de futebol, ou disputas entre moradores de regiões diferentes. Mas a mente drogada, alcoolizada, é consequência do inimigo que está sempre atuando. O jovem evade da escola pois não vê na família e vizinhos, alguém que tenha conquistado algo através do estudo. Mas o favelado quer o tênis, o celular e o carro, consumo que é estimulado pela mídia. Então observa que, no tráfico, em poucos dias alguém já está de moto. É parte da estratégia do inimigo, os ricos e poderosos, que visa eliminar o povo pobre. A desinformação, baixa escolaridade e discriminação, embaladas pela mídia que naturaliza a violência da polícia contra o favelado, bem como estimula a precoce erotização das crianças, compõem o cenário de guerra. Temos de ler, debater e compreender o que está acontecendo. Assim, exigindo política pública para educação e acesso ao mercado de trabalho, poderemos estabelecer outra cultura. Trata-se de prática igualitária, pois ninguém é melhor do que o outro. Então, sem restrições nem preconceitos. E a autogestão é o nosso caminho. O livro que divulgo foi todo feito, editado e produzido na periferia. (ANEXO Q2)

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. **Educação e Emancipação**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1995.
- ____ & HORKHEIMER, Max. **A indústria cultural – o iluminismo como mistificação das massas**. In: Indústria cultural e sociedade. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2006.
- ALMEIDA, Alberto Carlos, com a colaboração de YOUNG, Clifford. **A Cabeça do Brasileiro**. Rio de Janeiro, Record, 2007.
- AMARAL, Marina; VIANA, Natalia; TARSO, Alessandro; SALLES, Marcelo. **“O Hip Hop é um instrumento de transformação.”** São Paulo, Editora Casa Amarela, revista Caros Amigos nº 99 ano IX, junho 2005.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da Educação**. São Paulo, editora Moderna, 2013.
- ALVES, César. **Pergunte a quem conhece: Thaíde**. São Paulo, Labortexto, 2004.
- BOFF, Leonardo. Prefácio. In: **Pedagogia da Esperança, um Reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Freire, Paulo. São Paulo, Paz e Terra, 2012.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A pergunta a várias mãos – a experiência da pesquisa no trabalho do educador**. Cortez Editora, São Paulo, 2003.
- BRAGA, Ruy. **A política do precariado – do populismo à hegemonia lulista**. São Paulo, Boitempo Editorial, 2012.
- BURACO, Marcelo. **Sou apenas um rapaz latino-americano**. In: Hip Hop a Lápis. São Paulo, Centro de Estudos e Memória da Juventude, 2005.
- CALLONI, Humberto. **A educação e seus impasses: um olhar a partir da noção de pós-modernidade**. In: Pós-Modernidade e Conhecimento – educação, sociedade, ambiente e comportamento humano. Porto Alegre, Editora Sulina, 2005.
- CARMO, Paulo Sérgio do. **Culturas da Rebeldia – a juventude em questão**. São Paulo, Editora Senac, 2003.
- CEERT (Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades). **Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Educação**. São Paulo, 2005.

CHIAVENATO, Júlio José. **O Negro no Brasil**. São Paulo, Cortez Editora, 2012.

COGOY, Carlos; ULGUIM, Patrícia; SILVA, Eduardo. **Rap na Escola – experiência no bairro Getúlio Vargas**. In: Anais 6º Encontro sobre o Poder Escolar e 7º Seminário Interinstitucional de Educação. Pelotas, 2006.

GUSTSACK, Felipe. **Hip-Hop: educabilidades e traços culturais em movimento**. 2003. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/6454>>. Acesso em: 14 jul. 2015.

CONCEIÇÃO, Fernando. **Mídia e Etnicidades no Brasil e nos Estados Unidos**. São Paulo, LivroPronto, 2005.

FREIRE, Ana Maria Araújo. Notas Explicativas. In: FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança – um reencontro com a pedagogia do oprimido**. São Paulo, Paz e Terra, 2012.

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.

_____. **Conscientização**. São Paulo, Editora Moraes, 1980.

_____. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2006

_____. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.

FREIRE, Paulo & SCHOR, Ira. **Medo e Ousadia**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.

_____. **Pedagogia da Autonomia**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1998.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2006.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Educação e a Crise do Capitalismo Real**. São Paulo, Cortez Editora, 1995.

GADOTTI, Moacir. **História das Ideias Pedagógicas**. São Paulo, Editora Ática, 1997.

GAGUI. **Alguma coisa fora da ordem**. In: C, Toni (org.) Hip Hop a Lápis – Literatura do Oprimido. São Paulo, 2009, Editora do autor.

GHIGGI, Gomercindo. **A Pedagogia da Autoridade a Serviço da Liberdade: Diálogos com Paulo Freire e Professores em Formação**. Pelotas. Seiva Publicações, 2002.

GOERGEN, Pedro. **Pós-modernidade Ética e Educação**. Campinas (SP), Editora Autores Associados, 2001.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos Sociais e Educação**. São Paulo, Cortez Editora, 2005.

HERSCHMANN, Micael. **O Funk e o Hip-Hop invadem a cena**. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2000.

IRWIN, William. **HIP HOP e a filosofia**. São Paulo, Madras, 2006.

KALILI, Sérgio. **Uma conversa com Mano Brown**. In: Movimento Hip Hop. Revista Caros Amigos especial nº 3. São Paulo, editora Casa Amarela, setembro de 1998.

KONDER, Leandro. **O futuro da filosofia da práxis – o pensamento de Marx no século XXI**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2006.

LAMPERT, Ernâni. **Pós-modernidade e educação**. In: Pós-Modernidade e Conhecimento – educação, sociedade, ambiente e comportamento humano. Porto Alegre, Editora Sulina, 2005.

MARSHALL, Jéssica. **Volta à essência**. In: Hip Hop a Lápis. São Paulo, Centro de Estudos e Memória da Juventude, 2005.

MARTINS, Rosana. **Hip Hop – O Estilo que Ninguém Segura**. Santo André (SP), ESETec Editores, 2005.68

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã – teses sobre Feuerbach**. São Paulo, Editora Moraes, 1984.

_____. **Manifesto Comunista**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2002.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-Filosóficos – Terceiro Manuscrito**. In: Os Pensadores. São Paulo, Abril Cultural, 1985.

_____. **Miséria da filosofia**. São Paulo, Ícone Editora, 2004.

MCLAREN, Peter. **Multiculturalismo Crítico**. São Paulo, Cortez Editora, 1999.

_____. **Multiculturalismo Revolucionário**. Porto Alegre (RS), ARTMED Editora, 2000.

MELLO, Marco Antônio Lírio de. **Reviras, Batuques e Carnavais – a cultura de resistência dos escravos em Pelotas**. Pelotas (RS), UFPel Editora Universitária, 1994.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. São Paulo, Boitempo Editorial, 2005.

MION, Rejane Aurora; SAITO, Carlos Hiroo (orgs.). **Investigação-Ação: Mudando o trabalho de formar professores**. Gráfica Planeta, Ponta Grossa (PR), 2001.

MONQUELAT, A. F. **Pelotas dos excluídos (subsídios para uma história do cotidiano)**. Pelotas, Editora Livraria Mundial, 2014.

MOORE, Carlos. **O marxismo e a questão racial – Karl Marx e Friedrich Engels frente ao racismo e à escravidão**. Belo Horizonte, Nandyala, 2010.

MOREIRA, Paulo Roberto Staudt; AL-ALAM Caiuá Cardos & PINTO, Natália Garcia. **Os Calhambolas do General Manoel Padeiro: práticas quilombolas na Serra dos Tapes (RS, Pelotas, 1835)**. São Leopoldo (RS), Oikos Editora, 2013.

OLIVEIRA, Admardo Serafim de. **Educação – redes que capturam caminhos que se abrem**. Vitória, EDUFES, 1996.

OLIVEIRA, Avelino da Rosa. **Marx e a Exclusão**. Pelotas, Seiva Publicações, 2004.

PARDO, Eliane & RIGO, Luiz Carlos (orgs.). **Cartografias Urbanas: Dobras na Iniciação Científica**. Pelotas. Editora Seiva, 2002.

RICHARD, Big. **Hip Hop Consciência e Atitude**. São Paulo, LivroPronto, 2005.

ROCHA, Janaína; DOMENICH, Mirela & CASSEANO, Patrícia. **Hip Hop: a periferia grita**. São Paulo. Fundação Perseu Abramo, 2001.

SANTOS, José Antônio dos. **Raiou a Alvorada: Intelectuais Negros e Imprensa, Pelotas (1907-1957)**. Pelotas (RS), Editora da UFPel, 2003

SCHNORR, Giselle Moura. **Paulo Freire vida e obra**. In: SOUZA, Ana Inês (org.). São Paulo, Expressão Popular, 2001.

SILVA, José Carlos Gomes da Silva. **Arte e Educação: A experiência do movimento Hip Hop paulistano**. In: ANDRADE, Elaine Nunes de (org.). Rap e educação – Rap é educação. São Paulo, Selo Negro, 1999.

SOUZA, Jusamara; FIALHO, Vânia Malagutti; ARALDI, Juciane. **Hip Hop da Rua para a Escola**. Porto Alegre, Sulina, 2005.

ZUIN, Antônio Álvaro Soares. **Indústria Cultural e Educação**. Campinas (SP), Editora Autores Associados, 1999.

ANEXOS

ANEXO A



Figura 1: Entrevista Beethoven Mendonça

- Nasci em Navegantes, São Paulo, e estou com 37 anos (2014). Minha mãe é pelotense e estou em Pelotas desde a infância. Após concluir o segundo grau, não quis o curso superior. Foi a ilusão da grana, querendo trabalhar logo. Em família, referências como a música negra, principalmente por conta da mãe e tias. Também a dança através de primo capoeirista. Já o desenho está presente desde pequeno. Na família, somos dezessete que desenhavam. Muitos são autônomos e pintam letreiros, ou trabalham na recuperação de prédios.

- Aos sete anos ganhei caderno e, estimulado pela mãe e o avô, olhava e copiava ilustrações. A seguir, criava meus próprios desenhos. E ainda na infância eram dois por dia. Na escola fui estimulado pela professora Oline Lopes Bento. Na Escola Estadual N. Sra. dos Navegantes, ela olhava meus desenhos e sempre ajudava. Nesse período também participava de atividades no turno inverso à escola. E, além do desenho, também havia aulas de capoeira. Desde os dezoito anos, minha temática mostra o preconceito, violência e questões sociais. Numa História

em Quadrinhos (HQ), o personagem “Negrinho” depara-se tanto com o que acontece aqui no bairro, quanto em variadas realidades de injustiça.

- Em 1989 comecei a ouvir Rap. O Hip Hop também chegou através de filmes e vídeos. Mas foi uma capa de disco de 1991, que me despertou para o grafite. Desde então passei a criar nessa área, sendo que muitas vezes sem dinheiro para adquirir a lata de spray. Uma lata de marca nacional custa R\$17,00, já a importada está em torno de R\$25,00. Com uma lata, possível grafitar superfície de 1m². Então para poder pintar, não dependi especificamente do spray, e geralmente uso pincel ou rolinho. A partir de 1992, passei a atender encomendas, principalmente a personalização de camisetas.

- Lateral de trem, tapume de obra e muro, enfim, meus grafites foram aparecendo em variados suportes. A ênfase é na negritude, desde líderes como Malcolm X até manifestações culturais que valorizam a identidade afro-brasileira. Nos anos noventa, comecei a ministra oficinas de grafite. E fui sendo solicitado para criações visuais como as comunidades. Assim, grafites em colégios, escolas de samba e associações. Houve período que também fui convidado para oficinas de grafite em Jaguarão.

- O grafite é importante para a educação. Na escola, é atrativo que, de forma prazerosa e criativa, pode diminuir a evasão. A criança e o jovem saem da rotina, e a aula pode ser diferente. O desenho não seleciona quem é o melhor, e todo mundo desenha. E o grafite é agente transformador, capaz de abrir portas. Em 2014 durante uma semana, ministrei oficinas numa comunidade quilombola. Mas dos elementos que constituem o Hip Hop, o grafite é o menos aproveitado pelo pobre pois, mesmo com talento, em geral não se consegue adquirir o material.

- Entre o grafite e a pichação há diferença. Mas ambos querem se expressar. Então há código de respeito, sem nenhum atropelar a criação do outro. Meu objetivo, na alegria ou dificuldade, é viver da arte. E minha atividade profissional tem sido a tatuagem, que considero como grafite na pele. Já são dez anos de “tattoo”.

ANEXO B



Figura 2: Entrevista Jair Duarte Correa (Jair Brown)

- Sou pelotense e estou com 45 anos (2014). Fui criado na Gottuzo no bairro Fragata. Meu pai era ferreiro-armador e a mãe dona de casa. Dos irmãos, dois já faleceram por questões de saúde. Mas ainda tenho outros dois. Em família aprendi o respeito pelos pais que, com dificuldade, ensinaram a ser um cara correto. Sou o caçula e tive boa orientação.

- Estudei até a sétima série. Era tímido e fugia da escola, mas gostava de aprender, de ler. E também gostava muito de futebol, minha meta era ser zagueiro. Mas, na adolescência comecei a trabalhar para ajudar em casa. E, aos dezesseis anos, era entregador de jornal. Meus pais queriam dar o melhor, mas as despesas eram grandes e também os sobrinhos moravam com a gente.

- Acabou cedo o sonho com o futebol. Tive acidente quando estava entregando jornal. Aos dezesseis anos, transitava pela rua Barão de Santa Tecla, quando houve colisão de veículos. Um deles me atingiu na calçada e tive lesão.

- A descoberta do Hip Hop aconteceu aos catorze anos. Em casa, assistindo tevê, vi um grupo de dança “break” num programa de auditório. Achei legal e passei

a treinar em casa, também no campo com os guris. Dançando na esquina, fui evoluindo e, aos dezesseis anos, passei a integrar o grupo “Dragões do Break”. Dançávamos em festas no Paulista, Agremiação, promoções do Transasom, Apollo Som, discoteca 460.

- Na dança de rua, acompanhei o começo do Hip HOP em Pelotas. Era o fim dos anos oitenta e começo dos noventa. E houve grupos como “Funk Express e Mc Mabeiker”, MC Serginho e Movimento de Rua. Com Efex, Ony, Reginaldo e DJ Flávio, integrei o grupo “Inimigo Público”. Lembro que, assistindo várias vezes o filme “Beat Street”, aprendi a fazer o movimento “Moinho de Vento”. Fui o primeiro a dominar essa habilidade gestual.

- No início dos noventa, o Efex montou o grupo Calibre 12. O nome foi inspirado no pai que havia sido policial. Em 1998 como Calibre 12 Rappers, lançamos o CD “Periferia Brasil”. À época na Guabiroba, desenvolvemos o projeto “Menores de Respeito”, tentativa de oferecer arte e cultura aos adolescentes, evitando que ficassem desocupados pelo bairro. Em 2000, nosso disco “Rimando o Universo”. Em 2005, apresentação no Theatro Sete de Abril.

- Ao final dos anos noventa elaborei, editei e publiquei o “zine” (publicação artesanal à base de fotocópias) Batida de Rua. Foram oito edições, e o propósito era valorizar, fortalecer e divulgar a Black Music e ao Hip Hop. E o “Batida de Rua” era enviado para diferentes regiões do País e também do exterior.

- Na trajetória dedicada ao Hip Hop, também produzi shows nacionais como MC Naldinho e Racionais MCs. Na Rádio COM FM 104.5, durante períodos, produzi e apresentei programas como “Comunidade Hip Hop”, “Nação Funk Beat”, “Batucada black” e “Alma Reggae Jah”.

- Houve evolução e conquistas como a Semana Hip Hop. A programação é lei municipal e proporciona oficinas em escolas da rede pública municipal. Mas é preciso reconhecer que a Associação não atingiu número expressivo de grupos. Muitos cantam mas não querem compromisso. É cada um por si e falta senso crítico. Deixamos de conquistar pois não entendíamos como fazer contato, como é o jogo poder.

- Tenho uma letra que conta sobre essa contradição. Em “O Rap não me salvou”, comparo a fase que me ensinou a andar nas ruas, com respeito e autoestima, e a vertente atual com ostentação, sem compromisso social. A internet

alastrou o consumir e ser consumido. Apenas se ouve o som e não o teor das letras que falam sobre mudanças.

ANEXO C



Figura 3: Entrevista Tagner Mattos de Souza

- Nasci em 9 de junho de 1992 na Balsa, Várzea. Minha escolaridade é o ensino médio incompleto. Em casa minha mãe ouvia música Black, especialmente o ritmo “charme”. À época eu não tinha noção do que fosse. Através de amigo é que tive acesso ao som de grupos como Facção Central, 509-E e Racionais. Lembro que eram discos em vinil e fita cassete.

- Em 2006, amigo que dançava convidou para conhecer o grupo Trem do Sul, que já estava em atividade há quatro anos. E fomos até a Escola Estadual Nossa Senhora dos Navegantes, onde ensaiava o grupo de dança. Sempre gostei de dançar as músicas que curtia, e tinha muita vontade aprender sobre o “break”. É no estilo do b-boy (dançarino do break), que está a origem das danças urbanas. Então dançando ao som de James Brown dos anos setenta, interessei-me pela técnica do “locker”, cujo movimento “locking” exige muito treinamento e habilidade. Como “B-boy” do break, e ouvindo a sonoridade “beat”, aderi ao movimento Hip Hop.

- Atualmente (2014), meu treinamento é diário. Considero que até ouvindo o som já estou treinando. Pra mim, dançar é tudo. Se não tivesse conhecido, não sei o que poderia ter acontecido. Foi na dança que encontrei minha personalidade,

conhecendo-me e aprendendo a dizer não. Afinal, no local que moro o perigo durante 24 horas está batendo à porta. Se não ocupar a cabeça, poderei fazer coisas erradas. O bairro não tem muito a oferecer, falta um parque. Se não fosse a dança, com as palestras e oficinas, minha vida seria bem diferente.

- O sistema pressiona a fazer a coisa errada. Para um guri de doze anos, quando as portas se fecham, resta apenas a violência. Daqueles que começaram comigo na dança, alguns se perderam. Eu me conscientizei sobre a coisa certa, educando-me até para viajar. Em alguns eventos de dança que participamos no País, muitas vezes fomos tratados com preconceito por não termos cursado universidade. São vários os obstáculos, às vezes não temos camiseta e tênis para viajar. E deixamos de comer para poder ir até outra cidade e dançar. As dificuldades aumentam pois, enquanto projeto social, não temos como receber recursos.

- A dança proporcionou a atividade como oficina dos programas “Escola Aberta” e “Mais Educação”. Também tenho sido convidado para ser jurado em festivais. Através das aulas tenho passado adiante o que aprendi.

- A dança da periferia de Pelotas tem sido levada a diferentes cidades gaúchas, bem como de Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro. Em 2013, vencemos (Trem do Sul), a seletiva de duplas do “Just de Bout” Brasil. Com isso, eu e o Paulinho (coreógrafo Paulo Monteiro), passamos dez dias em Paris. Para nos comunicarmos, recorremos à mímica e um pouco do inglês que, ainda criança, pesquisava com meu pai no dicionário. No encerramento do evento, vinte mil pessoas num ginásio da escola de danças urbanas. Ao voltarmos, pessoal começou a nos ver com outros olhos, pois o Hip Hop ainda é muito discriminado. Com a experiência, aprendemos que não há o impossível para ninguém. Já em 2014, após alguns anos tentando viabilizar os recursos, para participar de edições anteriores, conseguimos ir a Las Vegas. O Trem do Sul classificou-se para final do Festival Mundial de Hip Hop e, com inúmeras campanhas, apoio da Prefeitura e algumas empresas, viajamos num grupo com oito integrantes.

- O preconceito não está no estilo mas nas pessoas. Alguns jovens da periferia tem recebido bolsas para frequentar academias de dança. Porém, apesar de ensaiar e participar dos espetáculos, não acontece integração. Já ouvi professora de ballet orientando aos alunos “não falem com eles”, referindo-se aos bolsistas do grupo. E o jovem da periferia para permanecer aonde chegou, tem de ser o melhor. Mas, é comum no encerramento do espetáculo, cumprimentos e

reconhecimento aos dançarinos. Já o bolsista da companhia, geralmente não é lembrado e permanece só.

- O investimento tem de ser nas pessoas certas, aquelas com história e trajetória na cultura. Então, plantando semente teremos possibilidade de conhecimento. Meu sonho é me manter com a dança na periferia.

ANEXO D



Figura 4: Entrevista Vagner Lemos Borges

- Meu nome é Vagner Lemos Borges, tenho 39 anos (2014), e cursei o ensino médio completo. Meu pai curtia muita música como o samba e também gauchescas. Então fui me acostumando com a musicalidade. Em 1988, Pedro, irmão mais velho, comprou o vinil “Som da Ruas”. Ali escutei a batida do Rap, e também o ritmo do “charme”. Desde então, o som tornou-se a minha paixão. Em contato com o vinil, percebi que, enquanto rolava outra música, poderia fazer certos efeitos e ruídos. Daí começou minha busca pela arte dos toca-discos e mixagens. Influenciado pelo meu irmão Pedro, passei a conhecer DJs de destaque no País, como KL Jay, e também do exterior. Ao ver um “scratch” (efeito sonoro ao travar ou rodar vinil no sentido inverso) ficava maravilhado.

- Sempre fui um cara com muitas ideias e depois de alguns anos de discotecagem, resolvi ensinar e espalhar o que havia aprendido, de forma voluntária, para as crianças e outras pessoas. Vi também que aliava a oportunidade de levar mudança e esperança para pessoas que viam aquilo como algo impossível. Dessas oficinas, saíram DJs, operadores de rádios comunitárias e MCs.

- Através das oficinas, observei que as técnicas poderiam ser aplicadas no ensino de matérias nas escolas. É muito louco ver isso numa oficina de DJ, mas é possível desenvolver a matemática, história, geografia, química e física. Tenho evoluído nesse campo, apresentando essa relação nas oficinas em escolas.

- Profissionalmente sou porteiro, mas sigo na luta pois ser DJ não é fácil. À frente da Associação Hip Hop de Pelotas, procuramos manter a cultura e a inclusão da juventude. Trata-se da forma correta de aprendizado. A cena cultural de Pelotas não é fácil mas, com luta cotidiana, estamos conquistando a Casa do Hip Hop.

- O Hip Hop é uma cultura revolucionária, basta ver a transformação que faz na vida de muitas pessoas. Não se tem estatística, mas sabemos o que é capaz de fazer uma letra de música. Seja na oficina numa comunidade ou no presídio, seja aonde for, é nesse momento que o Hip Hop torna-se cultura. O Hip Hop leva informação e conscientização em relação a tudo, abrindo os olhos dos que não querem ver. É capaz de transformar a vida, e os exemplos estão aí nas ruas, nos relatos dos manos que, pela letra ou palavra de um rapper, foram salvos do sistema opressor.

- Nossa cidade tem grande porcentagem de negros, que estão excluídos e acuados pelo sistema. Sem saúde, sem informação e sem cultura em pleno século 21. Apenas recebemos a cultura vulgar, que leva o nosso povo à desinformação e automaticamente à exclusão, bem como a pobreza cultural e educacional. O Hip Hop, com informação, luta contra isso. Seja através da música, oficinas e festas de rua, assim é nossa luta voluntária de Pelotas ao Tocantins. Uma cultura urbana de resistência que não quer parar.

- O Hip Hop deve estar dentro da escola, pois é uma das formas de aproximar essa juventude dos livros, de forma que a escola não se torne um espaço monótono. Por exemplo, tanto a minha oficina, quanto as de MC, B-Boy (dança) e grafite, são ferramentas essenciais para a permanência do jovem no meio escolar. Claro, interagindo com as matérias e professores.

- Temos que avançar, tem que haver divulgação disso tudo para o povo, tem que se criar outros tipos de ferramentas. Assim, chegando àqueles que desenvolvem projetos na vila. Afinal, eles ainda não sabem elaborar projetos com mais complexidade. Como, em geral, não evoluiu o acesso à escolaridade, muitos não conseguem se apropriar dessas ferramentas. Procuramos fazer a nossa parte, mas há muitas barreiras. Em relação a projetos para o negro, nada sai do papel. Mas somos do Hip Hop, da cultura negra, e estamos avançando. São passos lentos mas estamos aprendendo com os erros, nossos e dos outros, que também já tentaram. Então não desistimos.

- Atualmente o poder público vê o Hip Hop com outros olhos. Estamos além do interesse por votos, e somos tratados de igual para igual. Cobramos para todos, o que é de direito na parte social e cultural. Temos parceria mas aprendemos a negociar com respeito, sem envolver a política partidária no meio. Então o trâmite é mais livre para atuar e negociar com qualquer um, e já não levamos um não na cara. Aprendemos na luta, e o tempo foi ensinando a direção que devemos seguir.

ANEXO E

DMC cultura

PROJETO SUL HIP HOP

Queremos dignidade

Eles não jogam paddle, não freqüentam clubes ou bares da moda. A chance de cursar universidade é cada vez mais distante. Embora a exclusão social pareça inevitável, os "rappers" encontram na arte uma forma de expressar indignação, denúncia e amor

Por **CARLOS COGOY**

A faixa etária oscila entre 13 e 25 anos. Adolescentes negros oriundos da periferia urbana. Provenientes de bairros como Fragata, Areal, Simões Lopes, Pestano e Arco-Íris, encontram-se nos domingos

à noite para festas na casa "B-52". Reunidos para cantar e dançar "rap", driblam o cotidiano marcado pela discriminação. Pertencem à numerosa fatia da juventude brasileira que teve de abandonar a escola para tentar integrar-se ao escasso mercado de trabalho. Além da pouca instrução para enfrentar a violenta competição, ainda sofrem constantemente com o preconceito racial.

POSTURA POLÍTICA

A festa black ao final de semana, poderia ser apenas o escape a tantas adversidades. No entanto, é diferente. Contrariamente ao que alardeia a mídia, democracia não se resume ao voto. Democracia pode ser compreendida como o acesso igual a todos por uma vida melhor. Rap numa tradução livre é espécie de batida seca, dura, direta. O termo passou a designar a manifestação musical do movimento HIP HOP. Em Pelotas, os primeiros grupos de "rap" surgiram ao final de 1988. O que difere os "rappers" de outras tribos de adolescentes, é a criatividade poética sadamente carregada de consciência crítica. É festa de adolescentes, portanto ocorrem os flertes, cantadas, e eventualmente desavenças, como em qualquer antro da classe média alta. Mas, a originalidade está na postura política. Apesar da campanha desencadeada por setores da grande imprensa, não se trata de movimento que estimula a violência. Na verdade, talvez seja uma das poucas maneiras de expressão. Tornam-se cidadãos enquanto dançam, transformam-se em poetas ao elaborar nova letra, manifestam-se politizados ao denunciar o racismo, a pobreza, violência policial e besteira da programação televisiva.

ESTADOS UNIDOS

Eduardo Radox, Dark'B (Eduardo), DNM (Mica), Biola (Fábio), Brown, Ony, Bia e Luciana contaram um pouco da história do Rap. Os pseudônimos indicam a origem norte-americana. Conforme o grupo, o rap resulta da trajetória da música negra nos EUA. Assim, desde os cantos entoados nas plantações de algodão, ou os spirituals em cerimônias religiosas, que o blues e o jazz estão marcados pela autenticidade da raça. Segundo o grupo, o surgimento do rap nos EUA não se confunde com o domínio cultural exercido pelo capital norte-americano. Eles salientam que a musicalidade negra é universal, transcendendo ao conceito de pátria. Aliás, o grupo afirma que o teor das letras mostra a posição de inferioridade do negro na sociedade que se considera exemplo de democracia.

SCRATCH

A partir da década de 60, soul e funk tornam-se ritmos de inovação na música negra. Também era a época que a Jamaica desembarcava nos EUA com a dança break. Conforme Brown foi nesse período que apareceu Grand Master Flash, e o "scratch". Até hoje utilizado, "scratch" é o movimento da agulha sobre o vinil no sentido anti-horário.

REALIDADE DAS RUAS

"Sugar Hill Gang" é considerado o primeiro disco de rap nos EUA, e surgiu em 1979. Diz o grupo que o humorista Miele foi o primeiro a gravar rap no Brasil. Obviamente, aproveitou o ritmo para letra aludindo a seu

humor habitual. No Brasil, a manifestação começou em São Paulo. Precisamente na Estação São Bento do Metrô. A juventude que dançava

break passou a improvisar letras retratando a realidade das ruas. Queixando-se da opressão policial, do autoritarismo familiar, das privações de necessidades básicas, a garotada foi consolidando alternativa capaz de conciliar prazer com protesto.

IDENTIDADE

"A letra é uma forma de consciência. Há rappers de 8 anos que escrevem sobre a realidade. O rap tenta reunir pessoal em função da opressão. Mostra o lado contrário da tevê. É uma arte que nasceu no subúrbio. Por isso, a sociedade geralmente coloca os rappers como drogados ou bêbados", declara Brown. "As letras são expressivas e buscam recuperar o valor interior. É maneira de impor-se perante a sociedade. Não é por alguém ter milhões de dólares, que vamos nos curvar. O rap é autoconfiança para poder realizar, colaborar, e termos voz ativa", explica Dark'B. Em Pelotas, segundo os rappers, existem sete grupos. O número de integrantes varia, e as funções podem ser como letrista, DJ - seleciona discos que farão base percussiva, - Mestre de Cerimônia (MC), vocalista e dançarinos.

HIP HOP

O Projeto Sul HIP HOP integra a segunda Kizomba. Durante dois dias, na Casa de Cultura Simões Lopes, estarão reunidos rappers de municípios da Zona Sul. HIP HOP engloba a música rap, dança break e grafite. O grupo não considera que haja movimento HIP HOP em Pelotas, mas apenas os rappers. "Time Dance" é grupo exclusivamente feminino, possui quatro anos, apresenta-se em bailes, e nas letras mostra romantismo. O que para o grupo é "positivo e filosófico". "Black Júnior" é considerado grupo pioneiro no Brasil. Atualmente, as feras são Racionais MCs e Thaide DJ Hum. A turma distingue os rappers autênticos dos oportunistas. Sampa Crew tomou-se comercial, interessado em ganhar dinheiro. Gabriel Pensador, embora não viva no dia-a-dia o que diz nas letras, é considerado como alguém que contribui para despertar o interesse da mídia e do mercado fonográfico.

FESTAS

"O rap é veículo de comunicação construtivo, ideológico, objetivo e direto. Está fora do rebanho social, e divulgando problemas pode provocar soluções", conta Dark'B. Em 1986, Mister Pelé começou a promover festas com música rap em Pelotas. Dois anos depois, surgiram grupos. Hoje, as festas alternam-se entre a "B-52" e os ginásios, onde convivem diferentes estilos.

POSSE

O projeto HIP HOP está programando posse. A palavra simboliza organização capaz de proporcionar gestos de solidariedade. "A formação de uma posse é proposta de auxiliar pessoas num movimento conscientizante. A consequência para o futuro é trabalhar em prol do que precisam", diz Brown. Discriminados pela cor da pele, perseguidos pela violência da "segurança pública", excluídos da educação formal, os rappers informam-se através de letras que contam a verdadeira face da realidade. Lúcidos, sensatos, críticos, buscam na poesia o anseio por dignidade.

Pelotas,
9 de outubro de 1994

COMPORTAMENTO

Vilmar Tavares/DM



Rappers promovem encontro regional

VERSOS DE RAPPERS DA ZONA SUL

*Pessoas morrem de fome/ crianças de frio/
Quem tem dinheiro faz que não vê/ gasta consigo mesmo/
Ladrão ou marginal cedo ou tarde acaba sendo preso/ (E mais)
Um povo sofrido tratado como bixo quase em extinção/
Trabalha 8 horas e ganha um salário miserável de migalha de pão*

Grupo: Identidade Zero
Música: Tratado como bixo
MC: Biola

*Meu primeiro amor
Foi do tipo original
algo irracional
meu primeiro amor
não consigo te esquecer
eu preciso de você*

Grupo: Time Dance
Música: Meu primeiro amor

*Abaixo aqueles com pensamentos racistas
Falamos, pois é, nosso ponto de vista
na rua ou em casa ou onde tiver rap
lá estaremos nós com nosso ritmo alegre*

Grupo: Geração Bronk's
Música: Quem é você pra criticar o nosso movimento
Letra: Dark'B

*Deus criou os homens de forma diferente
Para que não fossem iguais fisicamente
E o homem criou o preconceito, o racismo e a discriminação
Então te faço uma pergunta, Deus é negro ou branco?
Pense nisso e me responda se for capaz*

Grupo: MRS
Música: "O Sistema"
Letra: Batista e Karlinhos

*Aqui na área disfarçada
Existe muita treita, eu ouço
tiros ecoando todas as noites
alguns tentam esconder dizendo
que são fogos*

Grupo: Calibre 12 MCs
Música: Minha Área
Letra: Brown

*Elegemos esses otários pra mudar a
consequência e o que vemos todo dia
Nossa própria decadência muitos pensam
em estudos outros não querem nem
pensar, o salário do professor não dá
nem pra ensinar um civil a compreender
a situação do Brasil*

Grupo: TWN Rappers

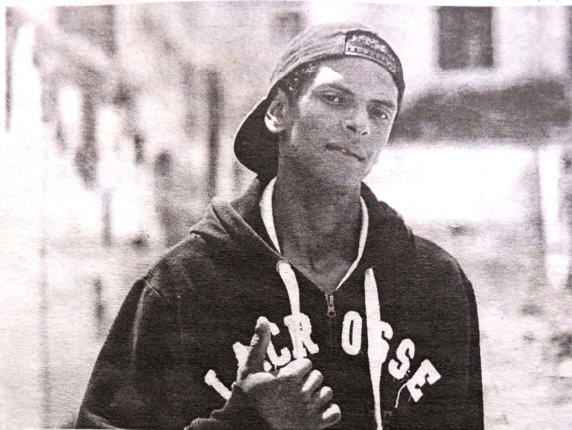
ANEXO F

Conexão Rap Pel na Ocupação Coletiva Arteirxs

Neste sábado das 15h a 1h de domingo, programação "Crazy Will - Conexão Rap Pel volume 2". O rapper Will informa que o lançamento do seu novo disco será na Ocupação Coletiva de Arteirxs (O.C.A.) - situada na Praça do Porto. E acrescenta que, mediante a doação de quilo de alimento, participação no sorteio de brindes. Os alimentos arrecadados serão destinados à Comunidade Terapêutica Santa Fé.

ATRAÇÕES - No evento, inúmeras apresentações com os quatro elementos da cultura Hip Hop - MC, dança, grafite e DJ. Soneorização com os DJs: Slot Primeirae e Paulo Celente. Participação dos rappers: Tiago Vandal; John-guen Soares; Marflow Vaz; Master Drin; Mafia BGB; Cets Dudu; Patrick red; Pok Sombra; Grupo Resgate Baby; Negro Bruno Henrique; Alice Pds; Lukas Cunha; Lukas AlvesDJa; Pow Hailander Rodrigues; Zumbi Mc; VZN Clan; Néio Mc; Flow de Liz. Também rock com Lucas Consentins e Le Dipa.

SUPERAÇÃO - Will está com 26 anos, teve fase com drogas e esteve bem próximo da criminali-



Josemar Will lança novo disco

dade. Ele conta sobre a trajetória: "Com a mãe morei no Dunas, depois fomos para a Cohab Fragata. Aos dezesseis anos, morei com um tio no bairro Getúlio Vargas. Entre dezessete e dezoito anos, conheci o 'crack' nas ruas do BGV. Perdi o apoio dos familiares e passei a mendigar, vivendo nas ruas. Tive várias internações e até conseguia ficar sem consumir por algum tempo. Mas ocorreram recaídas. Voltando às ruas, tive problemas com

furtos. Aconteceu que, muitas vezes mesmo sem nada ter feito, era acusado e apontado como culpado. Então acabei fazendo. Fui preso e fiquei um dia no Presídio. Depois disso nunca mais me envolvi com o crime".

HIP HOP - Ele menciona acerca da cultura de rua: "O Rap sempre esteve presente na minha vida. Mas não havia percebido que poderia ser a saída para meu problema com a drogadição e a

violência. Observei que, quanto mais me ocupava escrevendo, rimando e gravando músicas, mais força encontrava para a recuperação. Através do Rap fui expressando minhas angústias e sonhos. E comecei a ser visto de forma diferente pelas pessoas. Com isso, elevou-se minha autoestima e qualidade de vida. Já lancei um CD com dez músicas. E o novo está com treze faixas, sem contar as participações que foram lançadas em redes sociais. Também já disponho de algumas letras para novas gravações. Escrevo frequentemente e creio que já são mais de cinquenta músicas. Meus temas são as vivências, e abordo questões polêmicas como as drogas, preconceitos. Nesse novo disco uma música se chama 'Desculpa Brasil'. É o meu ponto de vista sobre a situação do País".

DISCO foi gravado com apoio do estúdio Trupe Beat e, após o lançamento hoje, poder ser adquirido na Mercado Skate Shop, ou no Face com Will. As músicas podem ser ouvidas no soundcloud.com/josemar-will

(C0G0Y)

ANEXO G

DIÁRIO DA MANHÃ

Sexta-feira, 18 de janeiro de 2008

Cultura • 7

FÓRUM SOCIAL DAS PERIFÉRIAS

Espaço Hip Hop no Loteamento Dunas

Por Carlos Cogay

Dia 25 no Comitê de Desenvolvimento do Dunas (CDD) – avenida Ulisses Guimarães nº 2.057 –, integrando a programação do Fórum Social das Periferias, acontecerá o “Espaço Hip Hop”. A coordenação está a cargo de Davi da Silveira Duarte, ou “Mano Davi”, como é mais conhecido. O rapper é morador do Dunas e o espaço estará em funcionamento durante todo o dia. Da Zona Leste, presenças dos grupos Banca CNR, Mensageiros do Rap e Lú (Charm). Da Zona Norte, grupos do projeto “Nós pela Vila”. Assim, participação do Hot Boys, Preta G e U.P.R. De Rio Grande, a presença do “Missão 21 cruzeiros”. A partir das 14h, conforme Davi, espaço livre para propostas e ideias. No evento, informa o coordenador, tanto a teoria quanto a prática. Assim, não haverá “mesas formadas”, mas o microfone estará acessível a todos que desejarem colaborar com a cena Hip Hop. Conheça a programação completa no site: www.uniperiferia.org.br

LIDERANÇA comunitária. Davi reivindica melhorias ao Loteamento. Também enfatiza a necessidade de alternativas às crianças, em especial para evitar o consumo do “crack”. Filho de doméstica e pai que trabalhava em engenho, Davi foi criado junto com cinco irmãos. Na pré-adolescência, primeiras dificuldades de convívio familiar. Aos dezesseis anos saiu de casa, peregrinando por espaços como Instituto de Menores, projetos Amai e Beija-Flor da BM, pernoitando no então Cici, também o projeto Amizade da ESEF/UFPel – iniciativa do professor Florismar Thomaz –, e o projeto Amanhecer desenvolvido no 9º BIMiz. No Dunas, consolidou-se como exemplo e liderança. Davi recorda jovens da sua geração no Dunas. Do grupo com trinta, oito estão presos e vinte faleceram prematuramente.



RAPPER Davi integra o grupo “Banca CNR” e reivindica melhorias no Dunas

Cultura black na história do Dunas

À avenida 1 – atual Ulisses Guimarães –, festas populares ao som da black music. Durante a infância, Davi observava o paredão de som das discotecas. Toca-discos e as colunas de caixas de som, instalados ao ar livre. O Loteamento estava no seu início, mas a cultura já se manifestava através da sonoridade do soul, charm love, funk. Como referências no Dunas, as equipes de som do Jaques e do João.

TEMPO BOM – “O Hip Hop está enraizado, pois houve geração influenciada pela cultura black”, diz Davi. A partir de 1994, lembra o rapper, acompanhando amigos do Instituto de Menores, a descoberta da B-52. O espaço no centro, era a casa do som black, com o Rap sendo valorizado.

BREAK – Há pouco mais de dez anos, Davi integrou a primeira formação do “Consciência Negra”. Mas, ele, Guido, Jorginho, Cadinho, Guga e Maico, ainda não escreviam versos. O grupo era uma “crew break” – atual street dance. O “peão” e movimentos robóticos, que marcavam as coreografias, eram apresentados em festas e bailes. Davi lembra das “batalhas” com outros grupos. “Hoje sentimos falta dos ‘rachas’”, lamenta. Do período ele lembra de Zuca do Navegantes, também mencionando Fabrício.

Rap local inspirou Consciência Negra

Aqui é diferente. Como cidade de negra, Pelotas teve contato direto com o Hip Hop paulistano. Nos anos oitenta, precedendo Porto Alegre, a expressão cultural da juventude de vilas e bairros, já recebia a visita de Nelson Triunfo. Precursor do “break” no Brasil, ele esteve na cidade a convite de Mister Pelé, que havia residido em São Paulo. Para Davi, a visita de Triunfo impulsionou o surgimento de grupos na cidade.

PIONEIROS – Na segunda metade da década de noventa, o rapper Guido começava a escrever as primeiras letras de Rap. No B-52, convidou Davi para ser o MC (Mestre de cerimônia/vocal), do grupo “Consciência Negra”. Davi lembra que fez um teste, foi aprovado no grupo, e daí passou a valorizar o Rap. O “Consciência...” foi influenciado pelo pioneiros do Rap pelotense, grupos como “Calibre 12”, MCs Radicais, T.W.N., também Radox e Serginho MC.

MVBILL – Davi resalta a contribuição de Jair Brown do então Calibre 12. Ele promoveu shows que colocaram Pelotas em contato direto com São Paulo. Assim, na cidade, shows do Racionais, Ndee Naldinho e Thaíde & DJ Hum. Mas o que marcaria o grupo do Loteamento Dunas, foi o convite para abrir o show do MV Bill. Há nove anos no clube Cruzeiro.

Auto-estima, luta e educação no Rap

Atualmente o Consciência Negra está identificado como “Banca CNR”. A mudança ocorreu há quatro anos, quando foi gravado o terceiro CD. A ideia era abreviar a designação, facilitando ao público. Na trajetória, primeiro CD ao final 1999. As bases da sonoridade que dá ritmo às letras do CD “Sabedoria de Rua”, foram viabilizadas através do Pito e Isaias, manos do Navegantes. O segundo CD “Seja bem-vindo”, contando com Gabriel e Marcos René é de 2001. No terceiro “Banca CNR”, participação de Denilson, Diego e Eddy, instrumentistas de sopro. A formação atual reúne Davi, Guido e Zulu. O DJ é Miha de Rio Grande.

SOBREVIVENTE – “Como MC aprendi que tenho valor. O Hip Hop foi grande alternativa à minha vida, pois me tornei ser humano que luta pelos seus direitos. Também me reconhecerei em relação à etnia negra. Sou sobrevivente, um dos poucos que não caiu no mundo. Não fosse o Rap e poderia ter ido roubar”, diz Davi.

EDUCAÇÃO – O Hip Hop pode estimular o aprendizado do jovem da periferia. De acordo com Davi, na escola seria fonte de educação à juventude. Afinal, assinala: “A música passa alegria, consolo e resgate. É o potencial de transformação, provocando a escrita e mostrando que a vida tem propósito”.

O crack ameaça os jovens e adultos

Se o Dunas fosse tão violento, quanto é alardeado em decorrência dos incidentes no Loteamento, teria de contar com toque de recolher. A manifestação é do Davi, que destaca outra violência. Para ele, o que está ameaçando a população do Dunas, desde crianças até adultos, é o consumo do “crack”. Conforme explica, sem perspectivas de trabalho, lazer e vida melhor, os moradores encontram na droga a sensação de alívio ao sofrimento. Mas a opção tem causado mais dores e até mortes.

ABSTINÊNCIA – “A violência mais dura, como cascote, comparo a uma pessoa que está em todo lugar. Na boca de todos, veio para detonar. A pedra chegou e pegou todo mundo fraco. É a fragilidade do marido que perde o emprego, da esposa que não tem alternativas. Afinal, é uma cidade sem vagas, com cada vez menos fábricas. Então resta a imundície, o lixo, a reciclagem de papelão. São mais carroças carregando lixo, e as crianças vendo os pais dependendo dessa realidade”, diz. Há poucos dias, Davi conta que foi procurado por jovem de dezesseis anos. O rapaz estava angustiado, sob abstinência do crack, implorando internação para livrar-se do vício. Mas, conta Davi, são muitos os que não agüentam e desejam morrer...

Políticas públicas e renovação do CDD

Fortalecendo a Periferia é projeto que já teve quatro edições. Idealizado pelo Davi, proporcionou shows, debates, troca de informações e até alimentos a famílias necessitadas do Dunas. Mas, conforme o líder comunitário, o esforço não substitui a necessidade de políticas públicas ao Loteamento. Ele salienta que são inúmeros os talentos, em diversas áreas, no entanto não há oportunidades e direitos iguais. Como responsabilidade do poder público, avalia Davi, além de áreas como saúde e meio ambiente, também atividades sociais e recreação.

SUGESTÃO – Com criatividade, diz o jovem, poderia ser estimulada a participação dos moradores. A ideia também teria viés educativo, desenvolvendo o zelo pelo lugar. À comunidade, envolvendo diferentes bairros, o estímulo ao cuidado com a qualidade de vida. Para Davi, à medida que um núcleo de moradores, demonstrasse atenção diferenciada, o grupo poderia ser contemplado com computadores para o acesso da coletividade.

CDD dispõe de estádio, que é alternativa de lazer e esporte aos moradores. Mas, há necessidade de restauração, reforma dos banheiros, fardamentos, troféus para torneios e até bola. COLABORAÇÕES através do fone: 3274.1261.

ANEXO H

Domingo,
17 de maio de 1998

SEGUNDO
caderno
DIÁRIO DA MANHÃ

Cultura 5

CALIBRE 12

Rap pioneiro na região participa de CDs

Por Carlos Cogoy

Pobreza. Eis a identidade que aproxima os rappers da Zona Sul. Residentes na periferia de Pelotas, encontraram no "Rap" uma vertente musical que reúne simplicidade sonora com a possibilidade de expressar indignação e contestação. Afinal, a cidade tem mais de cinquenta mil desempregados e as perspectivas a curto prazo não são promissoras. Prato de toca-disco sob a criatividade do DJ, letras extensas abordando a crueza do cotidiano, e a batida de rua traduzindo a presença da cultura negra. O grupo de rap mais antigo de Pelotas é o "Calibre 12", que há oito anos desenvolve repertório mostrando a verdadeira face da maioria da população. Desemprego, violência, drogas e a miséria rondando cada dia, são ingredientes marcantes nas letras de Brown e Efex, respectivamente Jair Correa e Jairo Ibeiro. Neste ano, o "Calibre 12" estará participando de coletâneas. Trata-se de dois CDs, sendo que um deles reúne grupos locais, e o outro abrange rappers do Estado.

HISTÓRIA - Efex é morador na Guabiroba, e Brown reside na Gotuzzo. Eles acompanharam o surgimento do rap em Pelotas. Conforme Brown, em meados da década de oitenta alguns programas de tevê apresentavam a dança "break". A novidade cativou a juventude negra, e a dança começou a surgir em festas que ocorriam na Apremiação e Teatro Avenida. Era a época da discoteca "Transa Negra", que promovia eventos aos finais de semana. Brown participava do grupo de dança "Funk Express", que durou até 1990. O break conquistou os adolescentes da periferia. E os jovens também frequentavam o Calçaão, dançando entre os transeuntes. De acordo com Brown, diante da cena urbana, "Mister Pelé" passou a organizar festivais de Rap. O movimento expandiu-se com o acesso a discos de rappers e programas de rádio veiculando o estilo "black". Em 1993, Pelotas sediou o projeto "Hip Hop SUL", que possibilitou o intercâmbio entre grupos gaúchos.

CALIBRE 12 - Os rappers locais têm grupos que surgem, mas nem sempre conseguem resistir. O "Calibre 12" mantém a continuidade e, além de Brown e Efex, também conta com o DJ Flávio Inácio, e o "B-Boy" Mano Oni. De acordo com

Brown, no começo as coreografias de dança break eram mais constantes. Porém, foram se tornando ocasionais devido à prioridade na mensagem veiculada através das letras contudentes. Eles lamentam o declínio no número de festas, o que restringe as apresentações do grupo. Conforme abordam, a casa "B-52", um dos raros espaços destinados à juventude negra não tem permitido a "roda break", o que prejudica a expressão cultural. Além da dificuldade para mostrar o trabalho artístico

constatamos. E muitos grupos em atividade surgiram inspirados no Calibre 12. Nossas letras são sérias, e o nome do grupo serve para provocar impacto e atrair a curiosidade", dizem Brown e Efex.

GRAVAÇÕES - O CD "Hip Hop Sul" está sendo gravado em Porto Alegre e deverá ser lançado em outubro. Estão participando sete grupos, e o Calibre 12 apresenta duas músicas: "Cotidiano violento" e "A noite chega" - ver box. A coletânea também contará com "Radicais MCs" (Guabiroba), "Estilo Pesado" (Navegantes e Castilho), "Herdeiros de um Navio Negro" (Lindóia), "TWN" (Arco-Íris), "Guerreiros do Rap" (Navegantes), "Fúria Racial" (Areal). Os grupos têm se deslocado até o estúdio em Porto Alegre para a gravação, e o CD conta com apoio do vereador Ademar Ornel (PFL). O lançamento será desdobrado em apresentações nos bairros, culminando com show na avenida Bento Gonçalves. O Calibre 12 também integra o CD "Conexão Sul Rap Brasil", que reunirá grupos do Estado. Há duas semanas houve a gravação em Rio Grande - estúdio montado com equipamento proveniente de São Paulo -, das músicas "Não chore" e "Momentos". A iniciativa conta com apoio de Thaide - referência nacional - e Sistema Negro (SP). Lançamento previsto para agosto com promoção no Gigantinho. O Calibre 12 foi convidado através do DJ Cri, residente em São Paulo e que tem valorizado o rap local, e o riogandino Piva, que está apostando nos rappers do sul. Apostando nas perspectivas decorrentes dos CDs, o Calibre 12 também planeja gravar o trabalho próprio. Até o final do ano poderá ser gravado "Periferia Brasil", com doze faixas.

Rappers do "Calibre 12": Mano Oni, Efex e Brown

em Pelotas - apesar da maioria negra -, Brown e Efex também criticam o "rap" encomendado pela mídia. Sucessos como "Gabriel Pensador" e Claudinho e Bochecha, observa a dupla, não refletem a realidade de miséria, desespero, fome e abandono. "O Calibre 12 é considerado pesado, pois a mensagem é forte. Em geral, o pessoal é conservador e não tem coragem de mudar. Tentamos levar mensagem através das letras, orientando os jovens de que as drogas não valem a pena. Nas ruas presenciamos os moleques cheirando cola. Então é preciso fazer algo para mudar, e só com o rap não dá. Mas o governo nada faz e ficamos perdidos. Por isso, através da música colocamos para fora o que

BATIDA DE RUA - O Rap no Brasil tem sua origem em São Paulo, em locais como São Bento. Thaide e DJ HUM são precursores, mas o destaque na contundência crítica está com "Racionais". A MTV tem divulgado a produção nacional e do exterior. O Calibre 12 também participa de apresentações beneficentes, e deverá lançar em junho o fanzine "Batida de Rua", meio para divulgação local e intercâmbio nacional. Nas emissoras da cidade, ALFA FM oferece espaço, com o programa "Out Side", sob comando de Helinho e Denilson. Terça a sexta das 23h à meia-noite. O rap também dispõe da 99.9 FM, com a equipe Kaskatas (SP), das 22h15min até 1h.

A NOITE CHEGA

Jairo "Efex" Roni Ibeiro

- Lembrar o que/ é ruim/ eu sei é foda/
vários manos na quebrada/ têm a sua história/ a morte
ronda/ como sempre/ Lúifer te guia/ quer ver o
quanto aguenta/ quer fazer a tua sina/ - Cheirar a
noite inteira/ é muito fácil/ esticar várias carreiras/
ir direto ao abraço/ é bem difícil/ controlar o nariz/
mas é bem fácil/ se matar/ vem/ me diz/ cada área,
cada mano/ fulano, beltrano, ciclano/ Não vale a
pena; Não/ Não vou citar nomes/ Quem tá ligado,
tá/ Tá se matando/ sabe bem que tá/ indo direto pro
fundo/ do poço/ olhe seu esboço/ a firma tá quebrada/
sem trocados no bolso, é/ as mulheres não te querem/
então tem que investir/ boas roupas, calçados/
cerveja na mesa/ paga-pau das vagabundas, disse
eu tenho certeza/ Não me engano/ boto as cartas na
mesa/ E aí/ o cemitério é logo ali/ é logo ali...

A noite chega/ A noite chega/ eu sei é foda/
Guabiroba, Gotuzzo/ Aqui é barra.../ Quantos
fulanos/ seguem na mesma linha/ notícia pra jornal/
parentes nas camas/ de hospital/ prostitutas com 12,
15, 16/ cada qual na sua vez/ famílias destruídas/
irmão matando irmão/ Vício, cocaína/ Vício,
covardia/ lixo trazido para/ a periferia/ tira dos
manos/ sua auto-estima/ cartão postal para o "X"/
Xadrez como se diz/ na minha área/ sempre quis/
ver qualquer mano/ feliz/ Não é tão fácil assim/ a
vida aqui é difícil/ só loucura 24 horas/ o dedo no

gatilho/ proteja sua vida/ sua família/ não se deixe
envolver/ no capítulo final/ a página virou/ o crime
aconteceu/ mais um mano caiu/ na esquina se
envolveu/ sua excelência perdeu/ maturidade não
deu tempo/ não conheceu/ sua mãe derrama
lágrimas/ seu filho perdeu/ seu filho perdeu...

A noite chega, a noite chega/ Eu sei é foda/
Guabiroba, Gotuzzo/ Aqui é barra.../ A noite chega/
Me lembro dos manos/ ausentes na minha área/
separados da família/ longe de tudo e de todos/
convivendo dia-a-dia/ com a droga, podridão/ das
celas/ aturando filhos da puta/ que na arma/ e distintivo
fazem/ sua história/ se vacilar/ eles te catam/ fazem
tua hora/ no mato/ eles te matam/ jogam teu corpo/
no rio/ o que boiou ensacado/ aqui ninguém viu/ um
menino sorriu/ um menino sim/ e daí/ toda área é
assim/ A justiça chega tarde/ para alguns/ desde
pequeno convivi/ com a maldade/ vendo os malucos/
na loucura/ Polícia invadindo minha casa/ 2 irmãos
na cela/ o que resta da família/ pai e mãe preocupados/
o caminho escolhido/ para os filhos não deu/
resultado/ estão nos separando/ aos poucos/ nossos
manos matando/ vida na periferia/ é foda...

A noite chega/ A noite chega
Eu sei é foda
Guabiroba, Gotuzzo
Aqui é barra...

RAP do Calibre 12 que estará no CD "Hip Hop Sul"

Jair "Brown" Duarte Correa

ANEXO I

10 • Cultura

Quarta-feira, 25 de agosto de 2004

DIÁRIO DA MANHÃ

Vilmar Tavares/DM

Dicas Culturais

e-mail: carloscogoy@uol.com.br

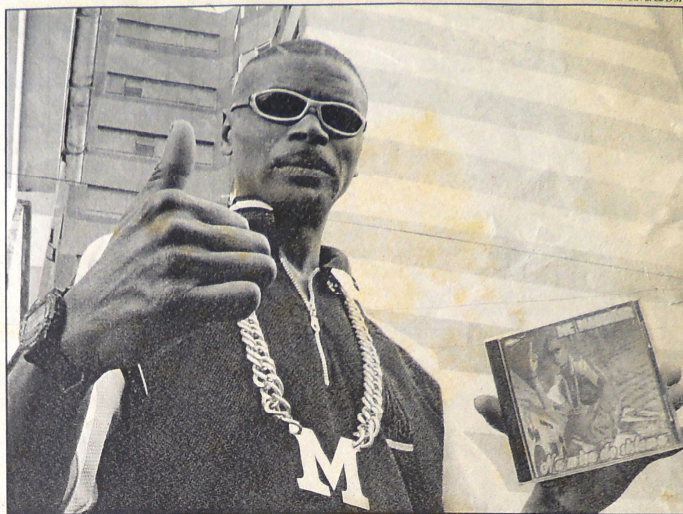
MANOS DO RAP –

Grupo porto-alegrense estará com agenda em Pelotas na sexta, sábado e domingo. A realização é da "100 Drama Execuções", e Jair 'Brown' divulga a programação. Na sexta às 19h no Teatro Sete de Abril, o grupo "Manos do Rap" estará apresentando o show do CD "A Gauchada Nervosa". O grupo formado por Du (vocal), Curumim (vocal), Edinho (produtor), e DJ Martins, participou do clipe "Dr Destino" do Da Guedes, e gravou "Erga as suas mãos" com a banda Ultramen. Originalmente, explica Brown, "A Gauchada Nervosa" surgiu como vinil. Mas, com o acréscimo de novas faixas, agora também está em CD. Na abertura da apresentação de sexta, presença de Preta G., proveniente do Bairro Getúlio Vargas, e o grupo riograndino Reação Urbana. **INGRESSO** a R\$2,00, e patrocínio de Global Skate Shop e Sindicato dos Bancários. No sábado à tarde, o grupo estará visitando o bairro Dunas. No Centro de Desenvolvimento do Dunas (CDD), encontro com Davi e os rapper's do bairro. Às 23h, o show será no Acalantos – Félix esquina 7 de Setembro -, e o ingresso também a R\$2,00. Domingo à tarde, o "Manos do Rap" a partir das 14h, participará de atividade no Navegantes 2. O local será em frente a Rádio Nave – 103.3 -, com show, entrevista e bate-papo com os moradores.



BROWN coordena

CRIATIVIDADE E VALORES HUMANOS é tema do seminário que a Unipaz estará realizando sábado e domingo. A carga é de doze horas, e o local será o Curi Palace Hotel. Na sexta às 19h30min no Sindicato dos Bancários, haverá palestra para divulgação. O investimento à palestra será quilo de alimento não perecível. O ministrante será o jornalista Celso Falaschi, professor da PUC-Campinas, mestre em Educação e doutorando em psicologia, fundador e diretor da Cria-Brasília (Associação Brasileira de Criatividade e Inovação). Ele possui estudos na aplicação da criatividade no cotidiano pessoal e profissional, e atua como consultor de empresas públicas e privadas dos mais diversos ramos de atividade. Conforme divulgação, o facilitador abordará questões relativas à contemporaneidade, começando por mostrar que todas as pessoas podem ser criativas e não apenas aquelas vinculadas às artes, à literatura e publicidade. O objetivo, adianta Celso, é permitir uma maior integração de cada pessoa consigo mesma, com o próximo e com a realidade à sua volta, facilitando o encontro de soluções para os mais diferentes tipos de dificuldades. Assim, serão apresentados exercícios e práticas de desenvolvimento da criatividade.



MABEICKER participará da programação especial do projeto 277

R.A.PÚBLICA

Pioneiro do Rap pelotense no palco do Teatro Sete de Abril

Segunda às 19h no Teatro Sete de Abril, o tema do projeto 277 da Secult, será alusivo à cultura de rua. Assim, conforme o coordenador música Edu Damatta, a designação evoca o "R.A.Pública". No palco, atrações do movimento Hip Hop de Pelotas. Mas, destaque ao Cláudio, morador do bairro Simões Lopes, onde trabalha como ronda noturno. Trata-se do MC Mabeicker, um dos pioneiros do Rap em Pelotas. Conforme divulgação, sua participação acontecerá em conjunto com o rapper "Ligado". **INGRESSOS** estarão custando R\$2,00 e R\$1,00.

NA MIRADA DO SISTEMA

é o CD, gravado neste ano no Doctor Audio, que apresenta oito faixas, sendo que três são consideradas como "bônus". E o popular Mabeicker, cuja origem do apelido remonta a discotecários das então festas black, salienta que

ainda não houve o lançamento oficial. No 277, que também orgulha o rapper, pois jamais se imaginou "cantando num palco que já recebeu tantos artistas talentosos", ele interpretará algumas das composições. Na temática, conforme esclarece, o cotidiano na periferia, enfatizando a fome, miséria, desemprego. Além das agruras com a difícil situação econômica da maioria, também as limitações impostas aos negros, que se deparam com obstáculos para a educação e conseqüente chance no mercado de trabalho. As primeiros cinco faixas têm os títulos: "Crianças de rua"; "Minha sina"; "O sistema"; "MC da Quebrada"; "Rap de Pelotas". Também as presenças de convidados. Assim, Dom Brown em "Dinheiro", DJ Flávio em "MC da Quebrada", e Ligado em "Preparado para a Revolução".

HISTÓRIA – Mabeicker

também já trabalhou como guardador de veículos. Ao lembrar dos anos oitenta, sorri com facilidade, e menciona as rodas com a dança "break" em 1984 no Calçadão. Também foi influenciado por Thaide e James Brown. Ele diz que está sendo produzido clipe para "MC da Quebrada", e reflete sobre a responsabilidade do movimento Hip Hop: "Lembro das festas na Agremiação e no bairro Nossa Senhora de Fátima. O Rap nunca pára, houve a fase do vinil, e agora estamos num novo momento. Então, continuo cantando pois é uma visão de vida. E não há limites à verdade. Ainda existe distorção sobre o Rap, mas o que vale é a responsabilidade que resgata jovens, orientando sobre os riscos das drogas, crime e violência. E agradeço a Deus pela oportunidade de cantar num palco que já recebeu artistas de renome".

(CUGOY)

ANEXO J

Domingo,
21 de maio de 2000

SEGUNDO
caderno
DIÁRIO DA MANHÃ

9

HIP HOP

O rap que transforma pobreza em poesia

Por Carlos Cogoy

Em dois shows recentes do rapper carioca MV Bill, o público acompanhou o gesto do grupo que estava no palco. Ao começar a cantar o rap "Soldado do Morro", Bill e os músicos retiraram os moletons e camisas. Há uma semana, horas antes da apresentação no ginásio do Cruzeiro ele contou a experiência, recordando sobre a emoção ao constatar a sintonia do público. Em Pelotas, Bill encerrou o show com duração de quarenta minutos, cantando "Soldado do Morro". E sua fisionomia não dissimulava a expectativa pelo comportamento do público da Zona Sul. Enquanto no palco, Bill e grupo tiravam os agasalhos, a galera demonstrou reação inusitada. A euforia explodiu no público formado por jovens negros da periferia, e rapidamente o palco tornou-se pequeno para acomodar dezenas de adolescentes. O rapper do subúrbio "Cidade de Deus", gradativamente foi deixando o centro do palco, acomodando-se ao lado de caixa-de-som. Bill prosseguiu entoando a letra contundente, enquanto era cumprimentado pelos visitantes do palco. O maior incidente registrado no show, ocorreu com a precariedade do equipamento de som. Os grupos locais "Calibre 12", "MCs Radicais", "Consciência Negra" e "Elemento Neutro", foram prejudicados nas apresentações. E a própria performance de MV Bill encontrou dificuldades técnicas em relação à qualidade sonora. Além de cantar, o rapper também conversou com os

"manos". E o recado foi crítica endereçada ao tráfico. Ele chamou garoto aparentando dez anos, e disse que a maior parte do tráfico de drogas no Rio de Janeiro, é feita por crianças e jovens. O fã pelotense foi exemplo da idade precoce dos protagonistas do tráfico. Para Bill, crianças e jovens devem "estar na escola".

GUABIROBA - Em julho, o rapper estará cantando em Nova York. O convite surgiu em decorrência da projeção conquistada durante a participação no **Free Jazz** do ano passado. A estada em Pelotas recebeu acolhida na Guabiroba. Ao invés dos "dinossauros da MPB e pagodeiros" que geralmente se hospedam no Hotel Manta, Bill teve à disposição um apartamento no núcleo popular. Os anfitriões foram os rappers do grupo local CALIBRE 12, e numa garagem foi servido jantar para Bill e o grupo carioca. Ao **DIÁRIO DA MANHÃ**, o rapper opinou sobre mídia, poder, miséria, Hip Hop e sucesso. "Não me considero artista, não conheço notas musicais. Como rapper, sou mais ativista do que artista. Mas transformo a pobreza, miséria e exclusão em poesia. Se alguém disser que não canto nada, tenho de concordar. Afinal, o rap não tem obrigação de ser ético e sensato. E o rapper tem de ir aonde o pobre está. Subo nos morros e favelas. São locais, onde o raciocínio é raro para quem é carente. E minha mensagem não é pessimista, já



MV BILL durante apresentação no ginásio do clube Cruzeiro

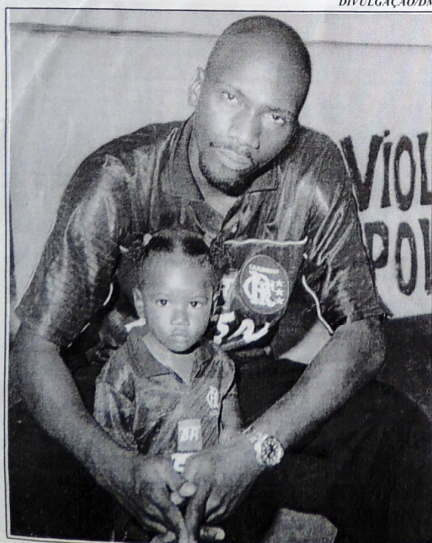
que o objetivo é que o morro amanheça com menos um fuzil no dia seguinte", diz MV Bill.

CONSCIÊNCIA - Na adolescência, o rapper participou do submundo do tráfico. Mas há doze anos conheceu o rap, e a

experiência tem provocado descobertas. "O rap foi criado com o propósito crítico-social. Quando comecei não havia CD com rap nacional, e era difícil gravar demo. Atualmente há liberdade e pode ser usado da forma que desejar. Não me

orgulho de ter sido bandido nem de haver disparado tiros. Não me orgulho de ter causado mal. Embora reabilitado ainda sofro seqüelas, vivi o crime e digo que não é bom para ninguém. A importância da minha trajetória é o prestígio por ter lutado. E consegui com esforço próprio, sem apadrinhamento ou força de ninguém. E o Rap para mim é como o ar que respiro, e prego como evangélico, a exemplo do cristão que leva a palavra de Deus aonde for necessária. Vivemos à margem, não temos voz, e o rap é para a conscientização e não autopromoção", avalia.

FREE JAZZ - MV Bill apresentou-se armado no Free Jazz. Ao contrário da interpretação de parcela da crítica, sua postura denotou a manifestação da periferia sobre o desarmamento. Tanto que pôs uma arma sobre lenço branco. "A maioria da crítica entendeu o gesto, mas minoria de jornalistas transformou a gota d'água numa tempestade. Disseram que havia transformado o palco do Free Jazz numa boca de fumo. No entanto, tratei de expressar a posição da favela diante do desarmamento. Afinal, quando ocorrem grandes conferências internacionais, o poder trata de esconder os mortos com operações de guerra, tentando ocultar a existência da pobreza no Rio de Janeiro. E a favela não é para ser melhorada mas extinta, pois queremos sociedade igualitária", afirma o rapper.



Rapper carioca jantou com amigos na Guabiroba

Mídia exclui miseráveis e sustenta o poder

A viagem de Porto Alegre até Pelotas espantou MV Bill. Ele expressou admiração pela quantidade de terra no trajeto, mas observou que as áreas ainda pertencem a descendentes dos primeiros proprietários. E comparou os bisnetos e tataranetos daqueles que se apoderaram do espaço, com o seu avô, que considera como "escravo com carteira assinada". Descontente com as opções partidárias do País, diz que até o partido mais próximo do Hip Hop ainda está longe dos ideais de justiça social.

PPPMAR - Ao lado de Leci Brandão e outras expressões da arte popular, MV Bill revela que está sendo organizado o "Partido Popular Para a Maioria" (PPPMar). E o rapper justifica a opção: "É fácil a confusão entre política social e política partidária. Em qualquer partido, ligado a causas sociais, há setores que são destinados para o cuidado com a questão da pobreza. Mas a favela não tem partido e está à mercê de promessas, como o jogo de camisetas para o time de futebol ou o asfaltamento das ruas. Aqueles partidos que estão menos longe ainda não fizeram nada para a mudança. Então, pensamos que a maioria excluída necessita de representação nacional".

MÍDIA - MV Bill repentinamente tornou-se referência do Hip Hop para a grande mídia. Ele analisa o fenômeno: "O Rap é o único veículo de

comunicação capaz de unir Estados diferentes, pois desaparece o bairrismo. A mídia é capaz de simultaneamente tanto construir quanto destruir. Portanto, é necessária cautela com a mídia. Não é possível expor a ideologia em qualquer lugar. Tenho participado de programas que atendem minhas exigências. O problema é que o sistema televisivo exclui o pobre, não se respeita os homossexuais, nordestinos, índios. Seria utopia se os pretos fossem respeitados. Então, o rap não ganhou a mídia, ao contrário de outros segmentos, como alguém que considera bom gravar disco pela legalização da maconha".

PRECONCEITO - A densidade negra de Pelotas foi surpresa para o jovem rapper. E diz que sua visita serviu para formar aliados. Sobre o poder na cidade e Estado está em mãos brancas, não se surpreende, e compara com a Bahia, onde 90% da população é negra, mas o poder reside em 5% de brancos. Bill comparou o Rio Grande do Sul com outros Estados, e ressaltou que há vários grupos de rap, e programas em emissoras de rádio e tevê. Portanto, estágio mais avançado do que várias regiões do País. E conclui: "Ninguém deve orgulhar-se do salário mínimo de R\$151,00. O País está cheio de ladrões, e precisamos de mocinhos".

ANEXO K

8 • Cultura

Segunda-feira, 29 de janeiro de 2001

DIÁRIO DA MANHÃ

POLÍTICA CULTURAL

Rappers do "Calibre 12" esperam competência

Por Carlos Cogoy

Fronteira entre a vila Farroupilha e Guabiroba. O local é a origem do grupo de rap "Calibre 12", que desde 1989 elabora letras contundentes sobre a realidade da periferia. Além disso, empenha-se pelo desenvolvimento de atividades sociais, com oficinas de Hip Hop, orientando sobre os quatro elementos que formam o movimento da juventude de vilas e bairros: dança "break"; DJ; grafite; música Rap. Apesar da omissão de gestões anteriores da administração municipal, o Calibre 12 promoveu mostras, desencadeou o projeto "Menores de Respeito" (MDR), congregando jovens entre onze e treze anos, e trouxe shows de porte nacional como MV Bill, XIS e o porto-alegrense Piá. Em conjunto com o governo do Estado, através do Programa Pró-Mar de Dentro, o "Calibre 12" coordenou oficinas na Colônia Z-3, conciliando à população empobrecida, informações ambientais com o alerta aos riscos decorrentes do uso de drogas. Com a Frente Popular no Executivo municipal, eles demonstram expectativa pela implantação de projetos aos jovens suburbanos. É ressaltam o estímulo ao Hip Hop, que acontece na capital gaúcha. Conforme "Efex", o Calibre 12 "espera competência".

CIDADANIA - "Quase todos os bairros da cidade têm grupos de Rap. Em Pelotas, o Hip Hop é a mais forte cultura para resgatar a juventude. Portanto, não se diferencia de vários lugares do País. E a gurizada se inspira na persistência daqueles que estão há bom tempo fazendo o Rap. A periferia está maior e mais pobre, impondo mais necessidades. Então acreditamos que deverão ser viabilizadas oficinas de Hip Hop, mas não queremos apenas cantar, dançar e desenhar com o grafite. É importante aprender as manifestações artísticas que compõem o Hip Hop, mas também é necessária orientação profissional aos jovens. Não se vive do Hip Hop, dá pra sonhar, mas o dinheiro é curto. Na realidade dos Estados Unidos é possível lançar um CD, e enriquecer com o Rap. Porém, no Brasil precisamos batalhar pela grana. Assim, consideramos que a prio-

Nesta semana estará circulando a sétima edição do zine "Batida de Rua". E deverá estar concluído o CD demo "Rimando o Universo", com três faixas. Eles também pretendem participar de conferência estadual do movimento Hip Hop. O grupo "Calibre 12" é o pioneiro no Rap da Zona Sul. DJ Flávio, Brown e Efex, expressam a expectativa por "competência" da futura secretaria municipal de cultura

VILMAR TAVAREZ/DM



Brown e Efex: "O pagode não está identificado com a realidade do povo"

ridade seja o lado social, ensinando os quatro elementos, mas incentivando noções profissionais à juventude. E as alternativas poderiam ocorrer através do ensino de marcenaria e artesanato. Como exemplo, citamos a Febem em Porto Alegre, onde os jovens aprendem ofício, e comercializam seu trabalho. Esperamos que a secretaria de cultura não se decida pelo primeiro projeto que surgir, simpatizando com as palavras. Mas busque informações para distinguir idéias. Aconselhamos que analise bem os projetos, detectando quem realmente fará aquilo que se propõe. É comum o assédio ao movimento Hip Hop durante campanhas eleitorais, mas ganhando ou perdendo, acontece o desinteresse", dizem Brown e Efex.

ESTRUTURA - Os rappers do Calibre 12 ratificam que, muitas vezes, os autores de projetos apresentam prática diferenciada do que estava rabiscado no papel. As-

sim, salientam a necessidade de infra-estrutura básica para o movimento Hip Hop. Trata-se do acesso a equipamento de som para DJs, bem como material para ensinar a juventude. Outra demanda, são meios capazes de viabilizar a estruturação do movimento em Pelotas. Brown e Efex especulam que devem estar organizados cerca de trinta grupos na cidade, porém ainda não houve possibilidade de estabelecer "posse", formalizando a união dos "rappers".

CALIBRE - Superando a falta de recursos, em 1999 o "Calibre 12" gravou o CD "Periferia Brasil", com seis faixas. À época, os rappers indagavam: "Qual o destino do dinheiro arrecadado pela Prefeitura de Pelotas, já que não ocorre incentivo ao teatro, dança, não há investimento em cultura?". Eles frisam que ao contrário de sertanejos, pagodeiros e até nativistas, os "rappers" praticamente não obtêm espaço na mídia. O motivo é óbvio, pois o movimento Hip Hop não se dispõe a entoar melodiosidades, lamúrias de amores. Neste ano, o "Calibre 12" já divulga nova edição do "Batida de Rua", com apoio de Elinho Stolz. O zine circula pelo País, promovendo intercâmbio com diferentes grupos. E o Calibre divulga na região, grupos como o capixaba "Negritude Ativa". Já o CD "demo" que está sendo finalizado, apresenta três faixas: Cuidado com a Blazer - participação de Jones do "Elemento Neutro" (Rio Grande); Verdades; Não somos bandidos - participação de Danilo da "Freak Brotherz". Márcio Kinzenski há dois anos produziu o clipe para "12 no Efeito", que foi escolhido como o melhor da América Latina na categoria RAP em Gramado, edição do SET-Universitário. O clipe também foi apresentado na TVE e canais a cabo locais. Kinzenski estará elaborando nos próximos meses, o clipe para "Não somos bandidos".

NÃO SOMOS BANDIDOS

(Trecho)

- Nos enxergam
Como marginais/ não me engano/ Eu tô no plano/
A mídia não fascina/ Tenho minha auto-estima/
Sabedoria/ Conhecimento explode com talentos da periferia/
Um rombo no pensamento/ é o que te faço/
Com minha rima/ Minha 12 de repetição/ é a minha voz/
Não aperto o cão do oitão/ Mas te boto no chão/
Em vez de tiro na cara/ eu te dou a conscientização/
Bem mais forte que uma bala de AR-15/ Te tomamos de assalto/ Te mandamos pro espaço/ Então não venha me dizer/ que sou um fracasso/ Um perigo pra sociedade/
Se o meu som incomoda/ é porque falo a verdade/
Dai vem a resposta/ De quem te joga na bosta...

REFRÃO: Não somos bandidos/
o crime é só o crime/
Sociedade trema/
Estamos no ringue...

CALIBRE 12 RAPPER'S
CD "RIMANDO O UNIVERSO"



Desenho de Marcos "MARVIN" Vinicius traduz expectativa da periferia em relação à cultura

ANEXO L

12 • Cultura

Terça-feira, 9 de outubro de 2001

DIÁRIO DA MANHÃ

VILMAR TAVARES/DM

DICAS CULTURAIS

E-MAIL: carlos.cogoy@uol.com.br

SEMINÁRIO "Che Guevara" – a luta anti-imperialista na América Latina, terá sequência hoje. O evento começou semana passada, numa promoção do "Instituto Mário Alves" (IMA – Estudos Políticos). Nesta terça às 19h na Biblioteca Pública Pelotense (BPP), o professor Cláudio Nascimento (Escola Sul da CUT), estará abordando "O pensamento marxista na América Latina". A entrada é franca, e o seminário tem promovido reflexão acerca da realidade latino-americana. Ontem transcorreu o 34º aniversário do assassinato do líder revolucionário Ernesto "Che" Guevara. O encerramento acontecerá na quinta-feira, com programação no Teatro do COP – rua Alm. Barroso nº 2540 com fone 225.4622. Haverá exibição de documentário com a temática do seminário, e música latino-americana com os shows de Maria Conceição, Oscar Massitta, Xandy, Pedro Garcez e Edu da Matta. O ingresso a preço de R\$3,00 já pode ser adquirido na sede do Instituto Mário Alves, que está situado à rua Gen. Telles nº 712 com fone 225.6324. E-mail: imapel@hotmail.com



Ernesto "Che" Guevara

CELSO KRAUSE ministra workshop HOJE às 19h30min na Casa de Cultura Lázaro Luiz Zamenhof – rua Lobo da Costa nº 153 com fones 225.7328 ou 983.2724. Conforme o diretor Gilmar Bandeira, a Casa de Cultura também está com inscrições para opções como: Arte terapia; Dança Terapia; Oficina de Voz; Oficina de Teatro; Oficina de produção de papel reciclado; cursos de violão, guitarra e contrabaixo. Na Internet: <http://luzamenhof.pelotas.tche.br>

CIRANDA DAS CORES é a mostra de pintura e desenho, que pode ser visitada até dia 15 deste mês no hall da Reitoria da UFPEL. A mostra no Campus Universitário apresenta criações de "Schwab Oficina de Arte". A promoção é do Departamento de Arte e Cultura da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura. E-mail: dartprec@ufpel.tche.br

CICLO DE PALESTRAS sobre pesquisa quantitativa em ciências sociais, promoção da Escola de Serviço Social e Mestrado em Desenvolvimento Social da UCPel, com sequência nesta terça. Evento aberto ao público, com início às 18h, e realização na sala 304. A professora Ana Gonzáles (Universidade de Cádiz), estará abordando "Uma introdução à Pesquisa Quantitativa em Ciências Sociais". Amanhã ela focalizará "Apresentação e solução dos principais problemas da pesquisa quantitativa". É quinta discorrerá sobre o tema "O uso e o desenho de questionários na pesquisa quantitativa".

EXPOSIÇÃO COLETIVA na Bolsa de Arte, comemorativa aos 41 anos da UCPel. Visitação das 8h às 22h, até 16 deste mês. Estão sendo apresentadas obras dos artistas plásticos: Gladis Marisa Barcellos Giorgi; Luiz Fernando Sbraglio Peres; Mary Gladir Piraine Migues; Natacha Lopes Hoffmann; Rosa Maria Veleda Madruga.

RAUL DA FERRUGEM AZUL é a peça infantil que será apresentada HOJE e amanhã no Atelier de Cultura Daniel Amaro – rua 15 de Novembro nº 1001 com fone 222.2487. Haverá sessões às 14h30min e 15h40min, e escolas podem agendar presença. A peça integra repertório do grupo Casa de Brinquedos – Cooperativa de Teatro desde 1995. No ano seguinte esteve participando de festival em Ponta Grossa (PR). A direção é de Chico Meirelles, e o elenco é formado por Juliano Thomaz, Noemia Mariano, Renata Gomes, Patrick Medeiros, Flávio Wenzke. A sonoplastia é de Ingomar Wenzke.

FEIRA DO LIVRO com lançamento HOJE às 19h no Teatro Sete de Abril. O convite é da Câmara Pelotense do Livro, SESC, Prefeitura, CEE e CTMR Brasil Telecom. A "XXIX Feira do Livro de Pelotas" acontecerá entre os dias 26 deste mês e 15 de novembro na Praça Cel. Pedro Osório.

CARNAVAL será o tema da terceira edição do projeto "É conversando que a gente se entende". A informação é de Gilmar Pinheiro, coordenador de descentralização da SECULT. O evento será amanhã às 18h no Sete de Abril, com a professora Zunilda Maria Kaufman Hallal abordando "Carnaval é em Pelotas?". ENTRADA FRANCA.

ERIC CLAPTON no estádio Olímpico amanhã em Porto Alegre. A ABS Jovem – rua 15 de Novembro nº 765 com fone 229.1400 – está oferecendo excursão que inclui ingresso e transporte. Apresentação às 14h30min, e embarque às 15h na Rodoviária. O retorno acontecerá após o show. Os valores são: arquibancada R\$77,00; cadeira e pista R\$87,00.

TRIBO DA LUA assinala aniversário com apresentação de performances. O local será o Bar "Porto 622" – rua D. Pedro II nº 622 –, na quinta a partir das 23h. Haverá sorteio de CDs.



EDUARDO "Radox" Amaro (esquerda) e "rapper's" locais com programação para domingo

COHAB LINDÓIA

Shows de reggae e rap no "Juventude consciente"

Domingo das 14h às 20h, na cancha de futebol-sete da Cohab Lindóia, acontecerá segunda edição do "Juventude Consciente". A promoção é do "rapper" Eduardo Amaro, e a iniciativa visa lazer e cultura à periferia da Zona Norte. Entre as atrações, grupo de capoeira, bandas de rock, reggae e Rap. Além da MPB de Edu da Matta

O primeiro "Juventude Consciente" ocorreu no começo da década de noventa. Confor me Eduardo "Radox" Amaro, após intervalo no qual esteve fora da cidade, a ideia está de volta. A meta é proporcionar lazer e cultura aos moradores da periferia, que raramente dispõem de opções diretamente nas vilas e bairros. Para a segunda edição do evento, "Radox" está contando com a solidariedade das bandas e grupos, bem como a colaboração de inúmeras empresas. Amaro e representantes dos grupos de Rap "MCs Radicais" e "Consciência Negra", visitaram o DM para divulgar a promoção.

ATRAÇÕES confirmadas para o "Juventude Consciente", de acordo com os organizadores: reggae com o "Arquivo Rasta" e "Auto-Retrato"; rock com "Proletariado"; teatro-música com "TRANSPASSOS"; hard-rap-rock com "BK"; MPB com Edu da Matta e Pedro Morales; "Pagode da Cohab". A apresentação de capoeira será o com o grupo "Filhos da Roda". Eduardo "Radox" ressalta que está agendada presença do grupo porto-alegrense "DA GUEDES", que terá agenda na cidade no final de semana.

APOIADORES do projeto: Bar S.E.R.P.A.; videolocadora O.Q.C.V.; La Belle Lanches; Líder Panificadora e Lancheria; Farmácia Prisma; Fruteira Rosso; Gráfica Pergaminho; Gráfica Ferraz; farmácia N.Srª Aparecida; Panificadora Maxi-Pão; minimercado Moura; Atelier Fábrica de Beleza; RM Cigarraria; Luiz Autopeças; LavaJato; Ferragem e Vidraçaria SD; Motopeças Foguinho; erva-mate Pantanal; erva-mate Yacy; Lúcia Confeções; Valdir Gás; Prolar Produtos de Limpeza; Embelezamento M.A.; agropecuária Mundo Animal; Casa de Carnes Peter; Secretaria de Serviços Urbanos; Brigada Militar.

(COGOY)

CINEMA -----
CAPITÓLIO 1 – "Horas do Rush II" (15h,19h,21h)
CAPITÓLIO 2 – "Pecado original" (15h30min,19h30min,21h30min)
PELOTENSE – "Os anjinhos vão a Paris" (15h)
"Velozes e furiosos" (19h)
"O dom da premonição" (21h)



Carina Jorge Moreira

DUCA
FOTOGRAFIA

AV. BENTO GONÇALVES, 3965 - FONE: 225.1025

ANEXO M

12 • Cultura

Sábado, 27 de outubro de 2001

DIÁRIO DA MANHÃ

DICAS CULTURAIS

E-MAIL: carlos.cogoy@uol.com.br



PEPE Guerra durante gravação em Pelotas

MÚSICO uruguaio Pepe Guerra, que se notabilizou através do duo "Los Olimareños", na semana esteve participando da gravação de CD em Pelotas. Amanhã às 19h será um dos destaques do programa "Américas" na Rádio COM - 104.5. Produção e apresentação de Enilton Grill Jr. Às 22h, Pepe canta na Pizzarella - Gonçalves Chaves nº 405 com fone 225.0534.

BROWN do "Calibre 12 Máfia" será o entrevistado no programa "Comunidade Hip Hop", veiculado aos sábados às 17h na Rádio COM - 104.5. Produção e apresentação são de "rapper's" locais: Gaguí, Ligado, Guido, Gabriel, Macabra.

CURSO DE FOTOGRAFIA Laboratório Avançado, com início das aulas HOJE. A promoção é do laboratório fotográfico ART TEC e Schwab Oficina de Arte. Trata-se da técnica fotográfica e de laboratório para Preto&Branco. Os organizadores divulgam tópicos: desenvolver a fotografia temática de um dos principais pontos turísticos de Pelotas; conhecer filmes e técnicas de revelação; conhecer papéis e técnicas de ampliação; conhecer a manipulação da cópia fotográfica. Filmes, papéis e câmeras, serão disponibilizados pela Art Tec. Carga de vinte horas, e jornadas aos sábados das 14h às 20h. Etapas a 10 de novembro, e 1ª e 8 de dezembro. **INFORMAÇÕES** e inscrições: 229.1167 ou 3025.4973.

KARINA LÓPEZ canta hoje à noite no **Rincão Nativo** - Félix da Cunha nº 859 com fone 227.8699.

COLETIVA de obras de pequenas dimensões amanhã das 10h às 20h no atelier **ZILAH COSTA** - Parque Júlio de Castilhos nº 255. **CERENEPE** será beneficiado com 15% das vendas. **INFORMAÇÕES**: 225.2926.

CINEMA

CAPITÓLIO I - "Ricos bonitos infelizes" (15h, 19h30min), "Os outros" (21h30min)
CAPITÓLIO II - "Como cães e gatos" (15h30min), "Atração sem limites" (20h, 22h)
PELOTENSE - "Queridinhos da América" (15h, 19h30min, 21h30min)



Lenin Scarpato Valente

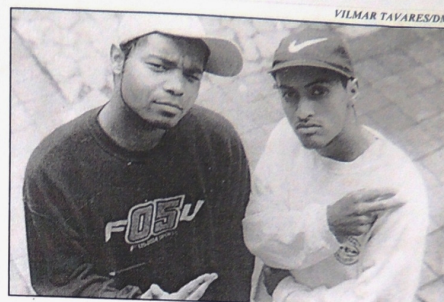
DUCA
FOTUARTE

AV. BENTO GONÇALVES, 3965 - FONE: 225.1025

HOJE

Hip Hop contra a fome arrecada alimentos

Neste sábado às 22h na sede do Diretório Central de Estudantes (DCE/UCPel) - rua Félix da Cunha nº 460 - acontecerá a promoção "Hip Hop contra a fome". O ingresso será um quilo de alimento não-perecível. O montante arrecadado será destinado a famílias residentes à margem do canal São Gonçalo



VINÍCIUS e Fábio na coordenação do show solidário

A promoção solidária está sob a coordenação de Vinicius 'Cafu' que integra o grupo "Revolta Black", e Fábio do "Estilo Pesado". Eles contam que o objetivo é a colaboração com o projeto "Ecomunitarismo", desenvolvido pela UCpel junto a centenas de papeleiros que moram nas imediações da ponte sobre o São Gonçalo. Assim, a sonoridade "Rap", que emana da juventude suburbana, contribui diretamente com expressiva parcela de excluídos.

ATRAÇÕES que estão agendadas para a programação no DCE: "Irmãos de Cor"; "Guerreiros do Rap" (vila Perret); "Mensageiros da 1ª E" (Santa Terezinha); "MZL" (Loteamento Dunas); "Mente Aberta" (Navegantes). Vinicius e Fábio acrescentam que após as apresentações, a festa prosseguirá com animação mecânica de "black music".

COORDENADORES informam sobre os grupos que integram. Vinicius (Cohab Tablada), diz que o "Revolta Black" conta com o DJ Tito (bairro Fátima), Eder 'Carreiro' (Py Crespo), Sandro, Vaguinho e Vagner (Tablada). O grupo tem cinco anos, e houve participação na coletânea paulista "Fusão Hip Hop 2001", representando o Estado.

ESTILO PESADO tem nove anos. Conforme Fábio, o grupo também conta com: Comando; 'Preto' Amaro, Zuca. E os B-boys (dancários): Fabrício; Maico; Vanderlei. O "Estilo Pesado" já cantou em Porto Alegre, Piratini, São Lourenço do Sul, Rio Grande, Pinheiro Machado e Capão do Leão. Na temática, o recado da periferia.

(C0G0Y)

ANA MASCARENHAS

(Foto) será atração às 20h deste sábado no palco da Feira do Livro. Cantora e compositora, ela apresentará músicas do repertório próprio, bem como interpretará canções de destaques da MPB. Na voz de Ana Mascarenhas, músicas de Adriana Calcanhotto, Ana Carolina, Sérgio Sampaio.

ELA será acompanhada pelos músicos e amigos: **Álvaro Hypólito** (violão-base); **Marco Fragoso** (violão solo e gaita-de-boca); **Fabrizio Moura** (contrabaixo); **Renato 'Jacaré' Gervini** (percussão).

MOSTRA de música de bar de Pelotas, realizada ano passado, contou com a presença de Ana. Sua participação foi um dos bons momentos das duas noites do evento no Teatro do COP.

ATELIER de Cultura Daniel Amaro, neste ano, também contou com apresentação da cantora. Ela consta na agenda do projeto "277", que acontece no Teatro Sete de Abril, e o show está programado para 17 de dezembro, encerrando a temporada da iniciativa em 2001. (C.C.)



ANEXO N

12 • Cultura

Quinta-feira, 7 de março de 2002

A voz do subúrbio questiona a realidade cultural da maioria

VILMAR TAVARES/DM

O som da periferia também tem o ritmo da inquietação. O Hip Hop é movimento que cresce em Pelotas. O grupo "Calibre 12 Máfia" é pioneiro do Rap na região, e está preparando o terceiro CD. Entre os integrantes, que residem na Guabiroba e vila Farroupilha, está Jair "Brown". Ele divulga crônica, que foi elaborada para o programa "Manifesto" da rádio Comunidade FM – 104.5.

A seguir:



JAIR "Brown"

"Eu escuto um som... é rap!

"O local?

"Periferia. Os gritos de criança chorando no barraco ao lado, dão o tom do começo de noite e final de tarde, a mãe grita pro moleque: 'Cala a boca se não vou te dar pau... m....!'. O garoto não silenciou... A Mãe se revolta e bate até cansar o braço... Um fato: o moleque tem três anos e tá chorando de fome... um crime: a mãe tem dezesseis anos e está grávida, e o pai é viciado em cocaína, bate nela quando tá de cara com o mundo.

"A cena: Eu... caminhando na vila, chegando do trampo cansado, com fome, numa viagem a pé do centro até meu lar! Ainda não cheguei... Tô na Guabiroba, garotas de 13, 14, 15 anos, fumando maconha com maluco da área, garotos cheirando cola, tem certas horas que o poeta não consegue pensar, a poesia silencia diante dos fatos, de repente um carro à minha frente com faróis altos, noto que as portas se abrem! Mais uma vez sou suspeito... Humilhado por dois homens fardados, mais uma... Mulher de farda... A rua me ensinou o que é cultura pro sistema, acorde pela manhã, não tome café e chupe o saco do patrão se quiser Ter um salário de R\$180,00 por mês.

"Como produzir cultura verdadeira num país onde cada um cuida do seu umbigo e só? Num país onde criança ao invés de estar na escola tá na FEBEM, na prostituição, no tráfico? Num país onde o político vota seu próprio salário e esquece o povo ao qual jurou defender durante seu mandato; quem sou eu?

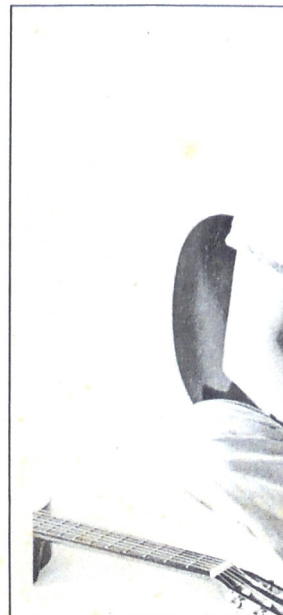
"Eu sou mais um que somado a outros vários pelo país, procura uma resposta para as loucuras do dia-a-dia! Que dispensa os comentários alienados da 'p....' real que reside em Brasília, é muito fácil discutir cultura, sentado durante horas, tomando cafezinho, só ouvindo, olhando, ouvindo... concluindo...

"Notando-se falsos olhares que nunca terão seu espaço no coração da periferia, do povo que ainda sonha e acredita em canalhas burocratas. Seria tão fácil acabar com a miséria do mundo se quisessem, mas não querem... 'Ele\$'... não querem.

"Meu povo conhece a cultura do palavrão, da barriga com fome do moleque, das dores da menina na cirurgia, da fumaça inalada a cada baseado, da violência que sofre pelas mãos de policiais.

"Meu povo não conhece a cultura da 'Estética do Frio', da orquestra que embala o sonho da rica debutante, nem do Vectra de tanque cheio, abastecido pelo pretinho que trava no posto de gasolina, por uns reais pra sustentar seus três filhos menores.

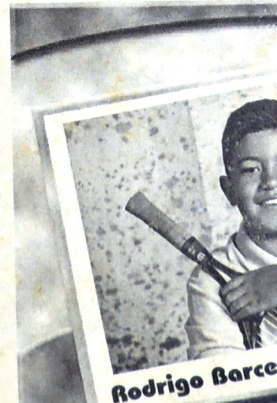
"É difícil falar de cultura quando não se contempla a maioria e sim a minoria, assim como é difícil não roubar vendo o filho com fome e sua vida desabando..."



Marquinho

Desde julho do ano passado, Marquinho dedicou-se a "Abstrato". O trabalho em disposição do público. Desde Radicado em Pelotas, Mar

O tom universal que emanou de Marquinho dedicou-se a pela companheira Helenicias da influência indígena do Acre, para entoar versos que andam. Mestre em cap à sina do batuque, resistiu branco. A poética da na itinerário das doze faixas criação de Marquinho por pejos abstratos. O conjunto de diferentes momentos, lavra como filha do sonho vocal já o distinguia cominho optou pelo caminho



Rodrigo Barcel

ANEXO O

10 • Cultura

Terça-feira, 14 de Janeiro de 2003

DIÁRIO DA MANHÃ

HIP HOP

Rapaziada da zona oeste de São Paulo

VILMAR TAVARES/DM

Por Carlos Cogoy



GRUPOS RZO e "Visão de Rua" em Pelotas

Eles chegaram à cidade no sábado à noite. Na madrugada e durante o dia de domingo, percorreram bairros e conheceram o Laranjal. Ouvindo a emissora comunitária "Mania FM", acompanharam o som de alguns dos grupos locais de Rap. Quando cantaram no anfiteatro do Colégio Pelotense, participando do "Hip Hop contra a fome", já era madrugada de segunda

Pirituba é bairro pobre na zona oeste da capital paulista. A realidade adversa, porém, foi o ingrediente para estimular uma das primeiras manifestações de Rap no Brasil. No início dos anos oitenta, surgiu o grupo "Rapaziada da Zona Oeste" (RZO). Na trajetória de dezoito anos, dois vinis e três CDs. "Evolução é uma coisa" é o mais recente, com letras de "Helião", "Sandrão" e a base a cargo do DJ Cia. Na turnê para divulgar o novo CD, o RZO tem contado com a parceria da cantora Dina Dee e grupo "Visão de Rua", que também são moradores da Zona Oeste.

PIONEIROS - Ao DM, Helião contou que já "rimava" antes do Brown, líder do "Racionais". E, antes da apresentação em Pelotas, observou: "Estamos entre os pioneiros do Rap brasileiro. No começo, o trabalho não era tão bom. Mas houve vivências e sofrimentos, e várias situações que passamos, os grupos de hoje não terão de enfrentar. A massa pobre continua archoada, mas o Hip Hop tem crescido, com muita gente empenhada. E vale mencionar a participação de outras tendências e estilos. O DJ Cia gravou com a Elza Soares, até Roberto Carlos cantou Rap. Tenho conver-

sado com MV Bill, Xis, e todos concordam que é necessária união com outros estilos. Com essas relações, sem diferenciar negro e branco, rico e pobre, o crescimento será grande. O que tem descaracterizado alguns grupos é a influência com a mudança de músicos. Mas o RZO não mudará pois, ao colocar a cabeça no travesseiro, queremos tranquilidade sobre o que falamos. Sabemos compor e cantar, somos talentosos, e o dinheiro vai chegar. A tendência é que o Rap comece a tocar em qualquer lugar, como os sertanejos de sucesso. E a mensagem do RZO é apresentar a realidade, com idéias positivas, para que nossas famílias possam ouvir. Sabemos que a molecada se espelha em nossas letras, então o enfoque é agradável. Porém, respeitamos os grupos que falam sobre drogas e armas, pois foram vivências dos manos".

PARTIDO político identificado com o movimento Hip Hop, foi aventado por MV Bill em Pelotas, quando cantou no ginásio do Cruzeiro há dois anos. Helião diz que tem debatido a idéia, em contatos com Thaíde, DMN e "Racionais". Segundo ele, a intenção é eleger alguém que

represente o segmento, comprometido com o bem-estar da periferia.

SERRALHEIRO durante doze anos, Helião teve ligações com o rock e samba. Conta que nasceu no candomblé, e durante período foi evangélico. Para ele, momento de emoção em Pelotas foi a visita à Dona Conceição. Conforme explica, o gesto solidário, adotando crianças espontaneamente, é ação que necessita ajuda. E afirmou que o RZO pretende colaborar com o trabalho assistencial. Como boa notícia, conta o líder do grupo, neste ano haverá participação em gravação do americano "Killarmy", divulgado por Wu-Tan Records.

SANDRÃO está há quinze anos no RZO. Desde 1998, participa do "Núcleo de Estudos de Hip Hop", primeiro da América Latina, em funcionamento na USP. Ele descreve Pirituba como "periferia com desemprego, falta de assistência médica, precariedade de infraestrutura sanitária". Para "Sandrão", também ex-serraleiro, a imagem de violência associada ao Hip Hop, originou-se na grande mídia. "A raiz do rapper é reivindicar direitos aos desprivilegiados", recomenda.

ANEXO P

Sexta-feira, 05 de setembro de 2003

DIÁRIO DA MANHÃ

Vilmar Tavares/DM



GRAFITEIROS Gripe e Betoven demonstraram a linguagem no "Sábado da Arte"

GRAFITE

Escrevendo no livro urbano

Pincéis, rolos e até "sprays". Eles dedicaram o entardecer de sábado para mostrar a arte da grafiteagem. No muro à entrada do Shopping Zona Norte - avenida Fernando Osório nº 20 -, cada qual ocupou metade do espaço, para expressar sua criatividade. Eles estavam participando de mais uma edição do "Sábado da Arte", promovido pelo Movimento dos Artistas Plásticos de Pelotas (MAPP). A programação, que teve como tema a "Arte da grafiteagem", contou com as presenças de Gustavo "Gripe" Rodrigues e "Betoven". Na primeira parte do evento, os grafiteiros explanaram ao público sobre a história, princípios e estética, que caracterizam a manifestação urbana. *Gripe*, pelotense radicado em Porto Alegre há três anos, contou sobre sua trajetória, elencou curiosidades, abordou acerca da técnica, e apresentou fotos de algumas de suas criações. Além disso, mostrou publicações sobre o grafite, que circulam pelo País.

CADEIRA é referência visual que identifica a arte de *Gripe*. Antes de deixar Pelotas, onde cursou Desenho Industrial no CEFET/RS, grafitou *cadeiras* em alguns locais da cidade. A imagem, conforme Graça Antunes, que preside o MAPP, está associada com o status. Assim, as diferentes cadeiras grafitadas por *Gripe*, surgem como insinuações à desigualdade. O apelo sutil, que evoca a subjetividade do observador, é forma de interferência no meio urbano. Ele explica a origem do interesse pelo grafite: "A arte surgiu na minha vida como lazer. Afinal, como skatista, apreciava os desenhos nos muros das pistas que visitava em outras cidades. Assim, em conjunto com amigos, resolvemos inserir essa

arte em Pelotas. Seja pintando, colando etiquetas, fazendo assinaturas, intervindo em locais considerados como interessantes". O autêntico grafite não depende de autorização, tornando-se interferência espontânea. No MAPP, eles distinguiram a arte da grafiteagem em relação às pichações. Conforme relataram, a pichação restringe-se ao vandalismo, e está desprovida de apuro estético.

ESCRITORES é designação para os grafiteiros. Escrevendo no livro urbano, comunicam além do adorno, provocando a reflexão dos transeuntes. O espaço público é momentaneamente particularizado, como amparo à expressão que retorna à coletividade. A prática, por vezes, remete a percalços. E *Gripe* exemplificou com amigo paulista que, ao entardecer entrou em edifício comercial, pernoitando no local para grafitar andares superiores, saindo somente com o reinício do movimento na manhã seguinte. Já "Betoven", uma das principais referências do movimento Hip Hop de Pelotas, contou que é preferível a grafiteagem diurna. À noite, diz o grafiteiro, a criação às vezes pode ser confundida com pichação. Além disso, observou que a arte esbarra no alto custo dos "sprays". Para a demonstração no MAPP, houve apoio de Tintas Renner.

PENSAR - O grafite criado sábado apresenta a *cadeira*, sobreposta à assinatura estilizada de *Gripe*. Já *Betoven*, entre outras imagens, reservou canto do muro para o texto: "O sistema tem que chorar, não com você matando na rua... O sistema tem que chorar vendo a sua formatura".

(C0G0Y)

ANEXO Q

Sábado, 13 de setembro de 2003

Cultura • 9

HIP HOP

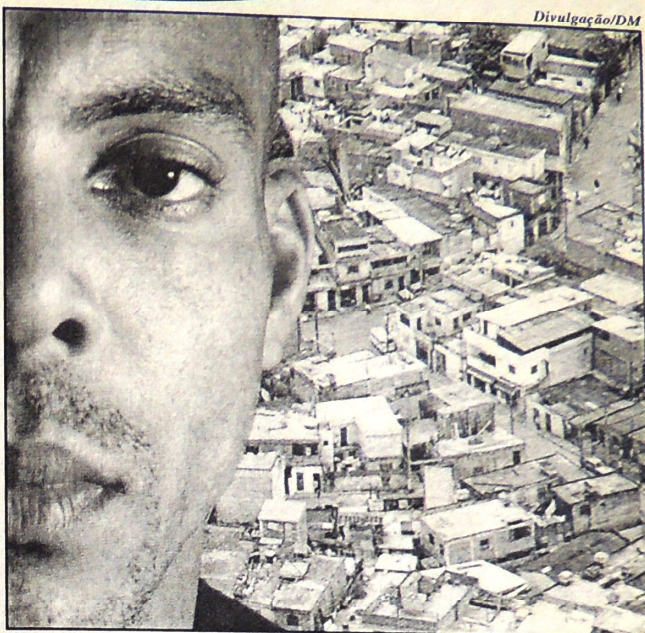
Ninguém segura a maioria

Por Carlos Cogoy

AMANHÃ pós-23h acontecerá show com o grupo paulista "509-E". O local será a Oficina do Samba – rua 15 de Novembro nº 522. A abertura será com rappers locais, revezando-se como DJs. Primeiros quinhentos ingressos estão sendo comercializados ao preço de R\$5,00, e podem ser adquiridos na loja FUGA, à rua Gen. Osório nº 808 sala 10. **INFORMAÇÕES:** 285.7174

Na primeira turnê pelo Estado, o 509-E toca hoje em Esteio, neste domingo em Pelotas, e terça em Porto Alegre. Quinta ainda estava sendo definida a apresentação em Rio Grande, que poderá ocorrer na madrugada de domingo. O grupo tem dois CDs "8º Anjo" e "MMII-DC", e alcançou notoriedade através do vocal de Afro-X. Ele tornou-se companheiro da cantora Simony e, na tevê, integrou elenco de "A turma do gueto", seriado cuja temática é a periferia. Outro destaque no grupo é o letrista e vocal "Dexter". Preso em 1998, ele cumpre pena no interior São Paulo. Sua presença em Pelotas, até ontem ainda estava indefinida, pois depende de liberação para viajar. Se não puder vir, o show na Oficina do Samba terá telão, com imagens de Dexter. Nesta semana, porém, o rapper esteve em contato telefônico com o DM. Tranquilo, expressando senso crítico, "Dexter" contou sobre a sua história ligada ao Rap, falou sobre a mensagem do "509-E", e mandou recado àqueles que também estão vivenciando a realidade da prisão.

HISTÓRIA – Dexter recorda o início da trajetória no Hip Hop: "Em 1990 estava com dezenove anos, procurando algo, uma direção. Então escutei Racionais MCs, e logo me identifiquei com a mensagem da letra. Foi sensação parecida com a descoberta da primeira mulher. Afinal,



Divulgação/DM

DEXTER falou ao DM durante a semana

o Rap é da periferia, canto que expressa sobre as condições de vida. É a chance de ser ouvido, e o Rap transmite sentimento, revolta e resistência. Contamos sobre o que se come, os parceiros, a vida nos pequenos barracos". O primeiro grupo de Dexter foi o "Snick Boys". Em 1993, surgiu o "Tribunal Popular". Em 1999, nova parceria, para criar o "509-E".

CASA DE DETENÇÃO na capital paulista foi o cenário para surgir o "509-E". Dexter conta que foi preso em 1998, e a causa foi assalto à mão armada. Com a prisão, interrupção no Rap. Porém, no ano seguinte, reencontraria amigo de infância. Afro-X também estava preso. Ele explica: "O 509-E nasceu como consequência das coisas erradas que fizemos. Trata-se de iniciativa para fazer coisas certas. E, observamos que, em 2001, foi destruído o Carandiru. Mas não havia necessidade, pois o que precisa mudar é a mente das pessoas. E o fundamental é a informação".

COMPROMISSO do 509-E conforme Dexter: "Em todo o País a mensagem é uma só, e direcionada à rapaziada pobre. O Rap leva diversão, cultura, informação. Possibilitamos a educação que deveria ser proporcionada pelo sistema. Afinal, a primeira grande doutrinação acontece através da televisão. E o movimento surgiu como resistência na Jamaica, expandiu-se até aos EUA, e chegou ao Brasil. Por aqui a luta é contra poder minoritário, que envolve a maioria, imersa na pobreza, fome, miséria e salário de R\$240,00. O Rap bate de frente com o sistema, provocando a auto-estima, e informando sobre a necessidade de estudar".

CONSCIÊNCIA no recado aos apenados, mas que orienta à população em geral: "A liberdade deve ser conquistada pelo oprímido, pois jamais será dada voluntariamente pelo opressor".

ANEXO R

Quarta-feira, 24 de março de 2004

DIÁRIO DA MANHÃ

NAVEGANTES

A nova geração do Rap pelotense

Por Carlos Cogoy

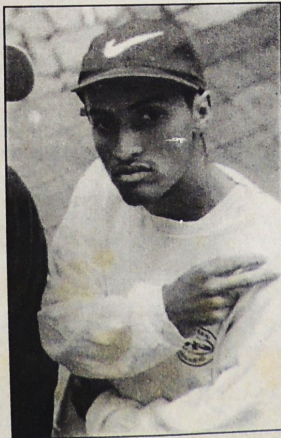
Vilmar Tavares/DM

Eles são filhos de Adão Pereira que, através da DJA Produções Artísticas, há dezessete anos tem promovido shows do movimento Hip Hop. Driele, dez anos, é "MC Dri", e José Augusto com treze anos, apresenta-se como "MC Nenê". A dupla estreou em novembro durante show do Racionais MCs na Associação Rural

Adão conta que a filha está ligada ao Rap desde os quatro anos. Como o ritmo era constante em casa, logo passou a cantarolar. Já "Nenê", motivou-se há três anos, inspirando-se em MC Amaro do grupo "Estilo Pesado". A menina, até o show do Racionais, formava dupla com "Mc Jr". Porém, explica Adão, Jr tem apenas cinco anos, o que dificulta viagens e apresentações. Assim, após a apresentação que já contou com "Nenê", houve a definição pela dupla com os irmãos. Na trajetória, apresentações na Escola Francisco Caruccio no Pestano, festa do "Mente Ativa" na Cohab Tablada, promoção da comunidade da Balsa, duas edições do "Festival de Rua" — coordenação de Mister Pelé —, no bairro N. Sr. de Fátima. A ideia, conforme Adão, é promover shows dos MCs Dri e Nenê. Em maio, primeiro CD da dupla.

NAV FM — Há um ano no ar, a emissora comunitária NAV FM — 103.3 —, conta com Adão na coordenação. Está sendo organizada a festa do primeiro aniversário. A rádio situada no Navegantes 2 — rua 8 n° 303 —, dedica espaço ao Rap. Diariamente, entre meia-noite e duas horas

Vilmar Tavares/DM



FÁBIO Ibeiro

da madrugada, DJA comanda o programa "Som na Caixa". Outra inserção à cultura de rua, acontece aos domingos das 17h às 19h. O programa "Manos do Rapper", é apresentado pela nova geração Dri e Nenê. No estúdio houve visitas como os paulistas do 509-E, e a cantora Dina Dee. Ouvinte participa através do 279.1151.

PARABÉNS BRASIL — CD da dupla está sendo gravado. Adão destaca o apoio de Paulo Celente, que tem contribuído para a qualidade. No repertório, seis faixas próprias, e seis interpretações. Dri e Nenê estarão cantando composições do 509-E, J. Clip, Felipe Dillon, Amsterdã, Pepeu e Racionais. Nas composições da dupla, que conta com a criatividade de Nenê, poesias como o Rap "Parabéns Brasil". Trecho: *Eu sei que você sabe/ que todos nós sabemos/ se jogar no jogo deles nós se.../ incerto ou inseto mana/ fique esperta senão/ ganha uma passagem para o inferno/ inferno como será que é/ bastante diversão, drogas e mulheres/ o inferno não é lá/ existe bem aqui.* No refrão: *Parabéns Brasil/ Por mais um ano de vida/ Vida sofrida/ Vida Bandida.*

DINA DEE é rapper paulista, que há um ano cantou no Colégio Pelotense, participando de show do grupo **RZO**. Recentemente esteve na região, divulgando o primeiro CD. Além de entrevistas nas rádios NAV e COM — 104.5 —, participou da gravação de faixa para o CD dos irmãos Dri e Nenê. E Adão orgulha-se: "É a melhor cantora de Rap do Brasil!".

NEGRO DRAMA — Adão

observa que há mais crianças se dedicando ao Rap em Pelotas. Enquanto frisa que os filhos prosseguem com os estudos, frequentando as escolas Dom João Braga e Hipólito Leite, menciona que na zona norte estão novos talentos como MC Pipo e MC Dedê. No Navegantes, também o garoto Zaimon. No show do Racionais, Dri, Jr e Nenê, cantaram "Negro Drama", participação que agradou ao grupo paulista. Adão agradece apoiadores como Josibel Cabeleireiros, Mercado Skate Shop, Naptalina e Maira Costa.

HIP ART dia 8 às 22h no Quinze Eventos — rua Rafapel Pinto Bandeira n° 826 —, está sendo divulgado por Fábio Ibeiro (Estilo Pesado). Entre os vários grupos locais, MCs Dri e Nenê. Ingressos antecipados na rádio NAV.

Banco de Dados/CC



DINA Dee participa no CD

ANEXO S

Sábado, 30 de outubro de 2004

DIÁRIO DA MANHÃ

HOJE

Encontro municipal de Hip Hop

Neste sábado acontecerá evento especial para o movimento Hip Hop. Trata-se da programação do "1º Encontro Municipal" – ver box. A iniciativa é do grupo Consciência Negra Rappers (CNR), com apoio do projeto Amizade da ESEF/UFPel. Para participar, doação de quilo de alimento não perecível. À noite, terceira edição do "Fortalecendo a periferia", com apresentações à rua 5 do bairro Dunas. A sede da ESEF está localizada à rua Luis de Camões – antigo Sesi na Tablada.

GOG será o convidado especial do Encontro. O rapper proveniente de Brasília, que é uma das principais referências do Hip Hop no País, participará de mesa pela manhã e também estará no Dunas à noite.

AMIZADE é projeto da ESEF, que estará representado no evento através do professor Florismar Thomaz, um dos poucos docentes da universidade pública, que está comprometido com o resgate da dignidade e cidadania dos jovens da periferia. Ele, atualmente também está empenhado em iniciativas como os Circuitos Culturais de Lazer, que visam práticas de inclusão aos jovens de vilas e bairros.

FORTALECENDO a Periferia é projeto de Davi e Guido, que integram a 'Banca CNR', e terá terceira edição hoje à noite. As anteriores aconteceram ao final de 2002 e 2003, e o objetivo é ressaltar o movimento Hip Hop, com apresentações de grupos e solidariedade através da distribuição de alimentos. A ideia é que o montante arrecadado no Encontro Municipal, seja distribuído pelos grupos a famílias do Dunas.

(COGOY)



RAPPER Gog: "O povo saber o que quer, pois sente, sofre e é maioria"

PROGRAMAÇÃO

8h – Montagem de painéis para exposição do material de cada grupo;

9h30min – MESA de abertura com Gogui IDV abordando "Hip Hop como forma de resgate"; Glênio Rizzo e os "Meios de comunicação comunitária"; Cogoy e "apoio através da imprensa"; Guido (CNR) e o "5º elemento como compromisso"; Anjo D.B. e o "envolvimento do Hip Hop com a política"; Jairinho do "C-queelas" e a "organização do Hip Hop em Rio Grande"; Mica e a questão "Hip Hop está à venda?"; GOG e a organização do movimento no Brasil

10h30min – DEBATE; formação de pequenos grupos até meio-dia; paralelamente no ginásio haverá competição de basquete;

12h – ALMOÇO no local

14h – Encaminhamentos das discussões nos pequenos grupos; também oficinas com B-Boys do grupo "Piratas de Rua"; grafite com Betoven; e oficina de DJ com Vagner (Navegantes); MCs com Makabra

16h – PLENÁRIA para deliberação final

19h – FORTALECENDO A PERIFERIA com shows no bairro Dunas; participação especial de GOG (Brasília)

INFORMAÇÕES com Davi: 228.8436; 9101.2381

ANEXO T

Quinta-feira, 04 de novembro de 2004

DIÁRIO DA MANHÃ

HIP HOP

Unidade para fortalecer o novo estilo de vida

Maturidade ao movimento Hip Hop. Eis o desafio colocado aos grupos que se dedicam à cultura de rua. E, tratando-se da realidade local, sobressai a urgência de unidade. Afinal, no evento organizado pelo grupo Consciência Negra Rappers (CNR), e projeto Amizade da UFPel, a presença foi aquém do potencial local. Na cidade, conforme organizadores do Encontro, estão em atividade cerca de quarenta grupos. No sábado, porém, debate sobre as perspectivas do Hip Hop, atraiu apenas cinco grupos. Com isso, o convidado Gog que, há quase quinze anos, dedica-se ao Rap e já gravou vários CDs, destacou que o público reduzido significa a necessidade de união. Para Gog, dois pré-adolescentes próximos à mesa, que o escutavam atentamente, já eram estímulo para o renovado empenho à luta por dignidade e cidadania. E, ao concluir sua participação, antes de seguir para o "Fortalecendo a periferia", evento com apresentações de Rap no bairro Dunas, foi taxativo: "Já estou cheio das fisionomias que procuram copiar a expressão do Mano Brown — referindo-se ao integrante do Racionais MCs, grupo que domingo apresentará show em Pelotas".

RECADOS de Gog durante o encontro, sinalizam para a mobilização coletiva. Ele sugere que, de forma conjunta, grupos locais viabilizem estúdio comunitário e até selo de gravação. Frisando que o Hip Hop não pode cair no erro do pagode que, após ser sugado pelo mercado, está novamente fora da mídia, salienta que o movimento é "novo estilo de vida". Assim, adverte para o risco da sedução com o dinheiro fácil. Considerando o capitalismo como gigante com pés de barro, pois não subsiste sem a seringa que injeta dinheiro, reitera que o movimento dos jovens urbanos deve procurar, com criatividade, a organização autogestionária. E Gog menciona que o movimento deve superar limitações como o individualismo e o machismo. Abordando que o rapper deve evitar a "sujeira mental causada pela alienação", exemplificou que, recentemente, esteve no debate sobre a redução da maioria penal, que ocorreu no Congresso Nacional. E observou que não havia representantes do movimento Hip Hop, embora também estivesse sendo debatida a realidade dos menores de rua. Então, questiona Gog, como aceitar a omissão no evento, daqueles cujas letras falam da infância nas ruas?

(CUGOY)

Pequena a participação no debate de sábado à tarde na Esef/UFPel, assinalando o encerramento do "1º Encontro Municipal de Hip Hop". Em destaque, a presença do rapper brasileiro Gog. Ele afirmou que o Hip Hop não deve ser "novo estilo de mercado"

FOTOS: Cogry



MICA, Gagui, Makabra, Sandro e Gog na Esef



LIGADO é rapper local que questionou debatedores



REALIDADE local foi tema predominante no Encontro

ANEXO U

DIÁRIO DA MANHÃ

Domingo, 10 de julho de 2005



INCIDENTES após show do "Facção Central"

Jovem questiona ação da BM

Por Gaguí-IDV*

Farda, coturno, casquete, viatura, repressão, abuso de autoridade. Mais uma vez a política de segurança pública do governo Rigotto deixa a desejar, generalizando a violência. Eles querem calar a voz de milhares, querem destruir a resistência, querem proibir as manifestações populares. Mas o que eles conseguem? Apenas aumentar a revolta, aumentar a desconfiança, alimentar a ira.

Sabe-se que a polícia militar deve dar a segurança à população, à sociedade. Mas qual das classes da sociedade? O órgão do governo mais presente no nosso cotidiano é a polícia militar, é o mais próximo. Mas infelizmente essa proximidade não tem sido nada amistosa e tampouco agradável aos moradores da periferia. "Acabou o Rap!" Esta era a frase proferida por alguns soldados na noite de sábado 02/07, esquina da avenida Bento Gonçalves com General Osório. A truculência da corporação era visível, assim como o seu desejo: fazer calar-se a voz dos excluídos, a voz do povo, a voz da maioria.

Jovens foram duramente agredidos por soldados da Brigada Militar. Eles querem abafar a expressão oriunda dos becos, guetos e favelas, querem silenciar o Rap, o instrumento de conscientização e de descoberta da auto-estima do povo periférico. Mal sabem eles que cada ofensa, cada cacetada, cada chute é uma vitamina poderosa dentro de nossas mentes. Pois serão devolvidas através de rimas, de desafios, alertando assim a juventude, fomentando uma revolta, uma rebelião, que será retribuída com inteligência. Pois a grande arma do ignorante é a violência, e se ela for devolvida da mesma forma, demonstraremos uma fraqueza e uma ignorância maior que a de nossos inimigos.

Temos que ter a sabedoria e a calma necessária para virarmos o jogo. E pelo simples fato de nossa capacidade literária ser esmagadora, maior que o poderio de fogo das forças armadas, somos vistos como ameaças. O pior é saber que a maioria dos policiais são igualmente moradores da periferia, passam as mesmas dificuldades, são mal remunerados e excluídos da sociedade, assim como grande parte do povo, mas a utilização de uma simples farda, os transforma. Tornam-se super-heróis, passando a tratar todos aqueles desprovidos de recursos, de forma ofensiva, repressiva. Eles podem marcar nossos corpos, podem causar feridas, cicatrizes, mas nunca poderão calar uma juventude capaz de despertar a inteligência em seus semelhantes. Esse é o nosso papel enquanto militantes do movimento Hip Hop, cidadãos preparados para os percalços e as adversidades, mas cientes da sua real importância dentro de uma sociedade que insiste em julgar as pessoas pela sua forma de vestir, de andar, de expressar-se e portar-se. Diferentemente da Brigada Militar, nossas armas são pacíficas: papel, caneta, inteligência e sabedoria.

É como diz o poeta Prego: "Agora se sente assombrado, anda caído na pista, teme a favela e o gurião de atitude sinistra, tira os cães da rua que o poder é paralelo". Vida longa a todos aqueles que mantêm acesa a chama da resistência.

* Rapper e escritor, integra o grupo Ideologia de Vida e participa do programa Comunidade Hip Hop da Rádio COM - 104.5



MAPP rea

Comunidade convide evento. Trata-se de Artistas Plásticos de Pelras atrações, e o local ser da avenida Dom Joaquina gramação acontecerá



GRAÇA Antunes c



LILIA Costa estará par

ANEXO V

10 • Cultura

Quarta-feira, 07 de dezembro de 2005

DIÁRIO DA MANHÃ

HIP HOP

Organização, união e geração de renda

Por Carlos Cogoy

Atividades conjuntas entre o Hip Hop local e grupos da capital gaúcha. O elo foi ratificado neste final de semana. Rappers da cidade receberam representantes da Zona Sul de Porto Alegre. Houve a participação em programas de rádio, a divulgação do documentário "Uma outra Zona Sul é possível" – gravado em DVD –, e trocas de CDs para a recíproca divulgação. Nesta semana, visita ao DM. Os rappers locais Maisson e 'Ligado' acompanharam os visitantes: Alemão Guarã – integra grupo "Manos da Periferia"; Sandrão do grupo "CN.Boys MCs". Em Porto Alegre, eles participam da ação "Militantes da Sul", numa alusão à zona sul da capital. Como objetivo, a ação coletiva e comunitária, reunindo mais de vinte grupos. E "Alemão" destaca que está sendo formalizada Organização Não-governamental. Assim, destaque à militância e ação comunitária, quinto elemento do Hip Hop – outros quatro são o grafite, break, MC e DJ. Para Sandrão, na capital o movimento está amadurecido, e grupos não se restringem à apresentação e shows, mas empenham-se pela ampliação dos programas de rádio e tevê, bem como as alternativas para geração de renda. A parceria com grupos locais proporcionará tanto a maior divulgação do Rap ga-

Vilmar Tavares DM



INTEGRAÇÃO para transformar: Maisson, Sandrão, Ligado e "Alemão Guarã"

úcho em Pelotas, quanto o espaço para grupos de Pelotas na capital do Estado.

DOCUMENTÁRIO – O documentário, diz "Alemão", foi viabilizado através de recursos captados junto ao poder público. Conforme acrescenta, o movimento Hip

Hop evoluiu, e a periferia está se qualificando para desenvolver projetos e atividades educativas. O documentário, com 1h10min de duração, conta com a participação dos cientistas sociais Sônia Ribeiro e João Eduardo. Também imagens com grupos de Rap e Break. Em Pelotas, cópia do documentário estará sendo veiculada no programa "Hip Hop Pel", veiculado às terças das 16h às 17h na TV Comunitária – canal 9 da Viacabo e 14 da NET. Reprise aos domingos às 15h.

COLETÂNEA DA SUL é CD organizado pela Associação Militantes da Sul. Em catorze faixas, participações de "CN.Boys MCs", "Manos da Periferia", "Mentes Positivas", "D'Manos", "Aliados do CN", "Suspeitos da Rua", "Anestesia" e "MC Alemão".

ATITUDE E RENDA – Para "Alemão", o principal no Hip Hop é a informação, leitura e conteúdo. Sandrão, que já obtém renda com a grife "Ponto Favela", destaca a rede com programas "Atitude Sul", que abrange rádios comunitárias. Na TV Ulbra, outro espaço é o programa "Urbano". Para Sandrão, com união é possível viabilizar novas perspectivas. CONTATOS: (51) 3246.3785; (51) 9148.6077.

ANEXO W

12 • Cultura

Terça-feira, 04 de julho de 2006

DIÁRIO DA MANHÃ

HIP HOP

Encontro regional debate organização do movimento

Por Carlos Cogoy

Oficina de DJ, espaço liberado para grafiteiros, integração entre grupos locais, e visitantes de Rio Grande, Porto Alegre e São Lourenço do Sul. Programação do Encontro Regional de Hip Hop, que aconteceu sábado durante o "2º Festival Tribos Urbanas" no Armazém A2 do Porto

Cultura de rua em debate, com os grupos debatendo rumos do movimento social. Entre as principais constatações, a necessidade de organização. À mesa organizada ao final da manhã: MC Preto (São Lourenço do Sul); Mister Jones e Bocha (Rio Grande); Neimar Marcos, Makabra e Davi (Pelotas); professor Florismar Thomaz (Rede Viadania); Econ. Aparício de Ávila de Vergara (Chefe da Divisão do Porto de Pelotas); Rafael Cavalheiro e Rubem White (programa Hip Hop Sul da TVE/RS). Neimar, um dos organizadores do Festival, que assinalou o lançamento do Centro Universitário de Arte e Cultura (CUAC/UFPel), destacou a mobilização dos estudantes para viabilizar o evento. Além disso, justificou ausências de Gagui-IDV e Jair 'Brown' - expoentes locais -, devido aos afazeres profissionais. A estrutura, com apoio da Reitoria da UFPel, proporcionou a troca de idéias, grafiteagem e oficina com DJ Wagner. Em comum, porém, a constatação de que a presença local deveria ser maior.

GRAFITE - Numa das intervenções, o grafiteiro "Zulu", que integra a Crew "Falando na lata", reclamou do preconceito que ainda subsiste em relação à arte do grafite. A exemplo, o tratamento nas ruas, inclusive com a

incompreensão de alguns trabalhadores da segurança pública. Numa das abordagens, disse Zulu, grafiteiros foram ameaçados até com tiro. O episódio indignou o rapper Rafael (TVE/RS). Ele sugeriu que, a exemplo de Porto Alegre, grafiteiros procurem a Brigada Militar e Prefeitura, estabelecendo uma autorização para a "grafiteagem". O documento, porém, deve ser liberado sem burocracia.

SÃO LOURENÇO - MC Preto mencionou que são sete grupos em São Lourenço, mas apenas um compareceu ao encontro. Ele dedica-se ao movimento há mais de dez anos, produz programa em rádio comunitária, desenvolve trabalho em comunidade quilombola, e indagou acerca das ausências: "O Rap invadiu a escola, com o boné e calça larga. Mas agora, cadê os caras?".

RIO GRANDE - Bocha integra o grupo "Elemento Neutro", e comentou sobre o projeto "Mente sem limite". A idéia é ação junto a crianças, interagindo também com casas religiosas, pois o "Rap é compromisso".

MAKABRA integra o programa Comunidade Hip Hop da Rádio COM - 104.5. Ele sintetizou: "Te organiza que o respeito vem".



JOVENS participaram de oficina nas Pick-ups



MISTER Jones, Bocha, Neimar, Makabra, Davi, Florismar Thomaz e Aparício Vergara

A periferia tem sua força revolucionária

Destaque à participação do Mano Davi, morador do bairro Dunas, e integrante do grupo Banca CNR. Ele destacou o trabalho comunitário no bairro, e ressaltou a necessidade do fortalecimento através da união. Em ano eleitoral, quando a periferia é assediada por candidatos de todos os matizes ideológicos, alerta ao risco de manipulação. E Davi frisou: "O Hip Hop não pode ser bobo. Precisamos estar juntos além do palco. Unidos, poderemos lutar na Câmara, exigir direitos".

VIDANIA é rede que reúne moradores do Dunas e voluntários. A exemplo, professor Florismar Thomaz e a pesquisadora Raquel. O ex-professor da UFPel abordou sobre a contemporaneidade, cujo poder está no conhecimento e comunicação. Ao contrário de cem anos atrás, quando o proletariado via na mecanização a ameaça do desemprego, atualmente a luta tem outra conotação. Com as transformações provocadas pela informática e automação, o centro do poder está na "propriedade de gerar conhecimento". Com isso, aumentou a distância entre aqueles que têm e os que não têm recursos. Assim, observou Florismar, quem não ganha está fora do mercado. Alguns que detêm conhecimento, validam-no à maioria. Então, mesmo sem oportunidades iguais, o discurso que prevalece é homogeneo. Mas, diz o professor, é "baleia" a oportunidade de acesso à universidade. Como contraponto, a periferia pode ter sua própria universidade, pois dispõe de capacidade e conhecimento. E o Hip Hop é sua força revolucionária. Para Florismar, um novo Estado está em gestação, por vezes afrontando os aparelhos estatais. Mas, trata-se de resistência que, por conta da colaboração e diálogo, pode interagir globalmente. E, a partir de agosto, a Casa Brasil no Dunas disponibilizará computadores conectados à Internet.



ADMINISTRADOR do Porto liberou espaço para grafiteiros



TVE NO ENCONTRO - Rubem "White" e Rafael Cavalheiro (Foto), da equipe do programa Hip Hop Sul da TVE, participaram do encontro e gravaram cenas para o programa veiculado no Estado.

NAÇÃO HIP HOP é organização cujo presidente é Aliado G. Conforme Rubem, que recentemente participou de reunião em Brasília, trata-se de referência acerca da politização do movimento. Ele salientou: "Enquanto os manos não entenderem a importância do conhecimento, continuarão na periferia, fumando cigarros e até crack. Para começar a evolução é necessário participação. Somente assim poderemos discutir políticas públicas à juventude, colocando para fora os problemas e as idéias. Trata-se da ferramenta de transformação. Em Viçosa já estamos debatendo a Faculdade do Hip Hop".

PODER PÚBLICO - Rafael conseguiu brecha e está atuando na Prefeitura de Porto Alegre. Além de viabilizar projetos em áreas como educação e cultura, também exige o respeito e atenção com o movimento social. Ele exemplifica com a grafiteagem do muro da Mauá. Houve centena de inscritos, e foram selecionados sessenta grafiteiros. Mas o setor da administração que deveria adquirir a tinta, estava emperrando a etapa. Conforme Rafael, faltando doze horas para adquirir a tinta - prazo decorrente dos procedimentos legais -, não havia solução. Ele então foi pessoalmente ao prefeito, explicou o descaso com a periferia, e conseguiu a liberação em cinco horas. "Nós não temos diploma, uma das barreiras colocadas pelo sistema. Mas sabemos que somos capazes", afirmou.

ANEXO X

10 • Cultura

Sexta-feira, 29 de dezembro de 2006

DIÁRIO DA MANHÃ

FOTOS: Cogoy



MORADORES participaram da programação na véspera de Natal



ESTRUTURA viabilizada através de apoiadores como a Universidade da Periferia

NÓS PELA VILA

Hip Hop solidário no Bairro Getúlio Vargas

Quando a luz voltou já eram 14h de domingo. Em consequência do temporal de sábado, boa parte do bairro Getúlio Vargas – mais de dez mil moradores – ficou sem fornecimento de energia elétrica. Se para a maioria, a preocupação era a noite quente, sem poder ligar ventilador, para rappers dos grupos União Positivamente Rapper (UPR), e Hot Boys, a expectativa era pela realização do “2º Nós pela Vila”. O evento coordenado por Ricardo Santana (UPR), e Edwin Luis Tor (Hot Boys), já estava com palco e som assegurados. Desafios, no entanto, não assustam na periferia. E no dia seguinte foi realizada a promoção solidária. O movimento Hip Hop doou alimentos para famílias do BGV. As crianças, foi proposto que cantassem algum trecho de música. Como retribuição, recebiam brinquedos. A maioria espontaneamente cantarolou Raps de grupos locais, como Hot Boys e Banca CNR.

Nova geração demonstrando a força da cultura de rua.

GRUPOS que participaram: Resgate; Pensamento Consciente (vila Peres); Preta G. Também as presenças de Mabeicker e Negras de Atitude. Público também acompanhou manifestações de Ben Hur Flores (Anjos e Querubins), professor Florimar Thomaz (Univ. da Periferia), e Davi (Banca CNR). A primeira edição do “Nós pela Vila” ocorreu em 2004.

APOIADORES: ONG Anjos e Querubins; Universidade da Periferia; Cooperativa de Trabalho e Reciclagem Integração e Ação Social (CRIAS-BGV); Mercaria Bueno; Sindicato dos Bancários; Adufel; Sindicato da Alimentação; Sindicato dos Metalúrgicos; ANDES; Coordenadoria da Juventude da Secretaria Municipal de Projetos Especiais.

(C0G0Y)



SOLIDARIEDADE: rappers doaram alimentos e brinquedos



NOVA geração no show do “Pensamento Consciente”



PALCO para talentos da Zona Norte



TERNURA na tarde com lazer e cultura

ANEXO Y

Sábado, 22 de dezembro de 2007

DIÁRIO DA MANHÃ

NAÇÃO HIP HOP

A força política da periferia

Quinta-feira às 19h acontecerá nova reunião. Trata-se da unidade local da "Nação Hip Hop". Em pauta, o registro como ONG, a definição do calendário quinzenal de reuniões, e abordagens iniciais acerca do Encontro Municipal de Hip Hop, que será realizado em 2008. A meta é contar com *rapper* de destaque no País. A reunião é aberta aos grupos de Rap, grafiteiros e B-Boys da cidade. Como local, a sede do PCdoB – parceiro da iniciativa –, situada à rua Gen. Osório nº 758. INFORMAÇÕES com Anjo D. B. no 9119.4298. E-mail: anjo_db@hotmail.com



MARGARETE, Anjo D.B. e DJ Wagner na luta da periferia

LUTA – Demorou! Afinal desde o começo dos noventa, *rappers* locais reiteradamente reconhecem a necessidade de organização. Neste mês, porém, momento diferenciado à força da periferia. Trata-se da "Nação Hip Hop", que surge afinada com o grupo nacional. Mas, conforme o *rapper* Anjo, a unidade terá autonomia de trabalho. No País, a "Nação Hip Hop" está organizada há mais de cinco anos. Em destaque, a liderança do *rapper* paulista "Aliado G", que ano passado concorreu à Assembleia Legislativa. No Estado, liderança de Oxy que, na TVERS, integra a equipe do programa Hip Hop Sul. Em Pelotas, ideia foi motivada por Gagu – atualmente residindo em Florianópolis. Ele havia participado da Bienal da UNE no Rio de Janeiro, quando

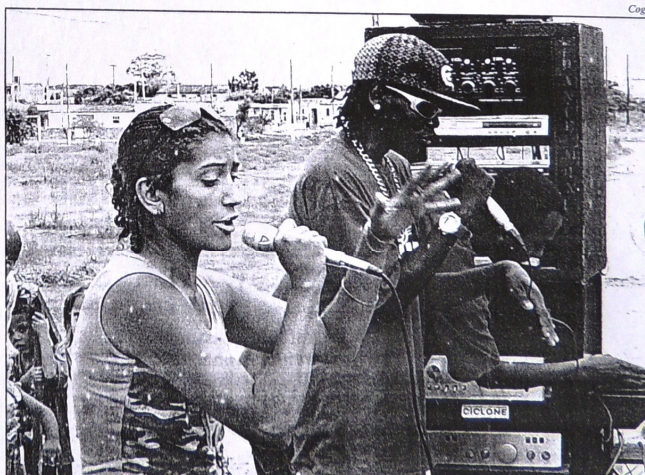
conheceu a força da "Nação". Em fevereiro houve duas reuniões locais. Nova pausa, e retomada do debate ao final de novembro.

DIRETORIA – Em reunião neste mês, com participação de Edison, Betoven, Ligado, Drego, Mabreu, Raquel e Xandi – via fone –, houve a deliberação do núcleo local. Na presidência, "Cezinha" – esteve à frente da Loja Authentic Hip Hop. Na secretaria de organização, Margarette R.A. Ela é mãe dos rappers Aline e Douglas, que integram o Raciocínio Ativo, grupo há cinco anos em atividade e que já abriu show do Racionais MCs. Na secretaria de

finanças, o DJ Wagner, que tem se empenhado pela organização do Hip Hop em Pelotas. Já a secretaria de políticas públicas conta com Anjo D.B.

FORÇA – Anjo menciona que a "Nação" não será uma central, mas estimulará outras organizações na cidade. Conforme destaca, o Hip Hop é a voz da periferia. Com organização, pressão por políticas públicas para dignidade em áreas como saúde, educação, trabalho, renda e qualidade de vida. Assim, hora da maioria subir no palco das decisões políticas.

(C0G0Y)



RAPPERS PRETA G E VITOR (Foto), estarão participando da festa de Natal do projeto "Faça uma criança sorrir". A programação será TERÇA das 14h às 21h, na esquina da 7 com a avenida 4 do bairro Getúlio Vargas (BGV). E a iniciativa é organizada por Carlos "Baixinho" Danda e André "Alemão" Dallmann. Haverá inúmeras atrações e mateada com ervas "Taura" e "Baturité". A comunidade é solicitada doação de balas, pirulitos e brinquedos. INFORMAÇÕES: 9105.4421; 9106.2783

ANEXO Z

Sexta-feira, 06 de junho de 2008

DIÁRIO DA MANHÃ

FOTOS: Divulgação

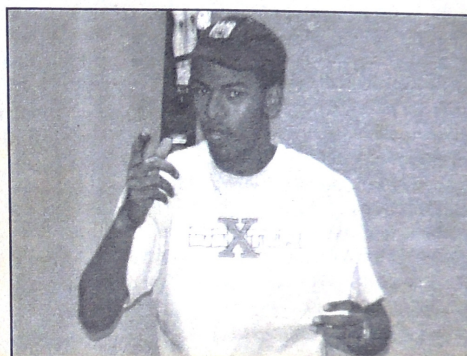


RAPERS lotaram a Câmara no encontro que mostrou a força do movimento

NAÇÃO HIP HOP

Periferia unida para transformar

Mobilização e organização da periferia. Etapa que faltava ao movimento Hip Hop, que reúne os grupos de Rap, dança de rua e crônicas visuais através do grafite. Com a Nação Hip Hop, vertente nacional que já dispõe de unidade local, união para fortalecer as manifestações de vilas e bairros. Em Pelotas, a Nação é presidida por César Brisolara, que divulga atividades recentes. Conforme acrescenta, no domingo ele e o coordenador-geral Tiago Meirelles, participaram do 12º congresso da União da Juventude Socialista (UJS), que foi realizado em Porto Alegre.



CÉSAR Brisolara preside a Nação em Pelotas

ENCONTRO – Outra programação da Nação foi o encontro na Câmara Municipal. Ao final de maio, dezenas de representantes do Hip Hop local, lotaram o plenário do Legislativo. Os jovens – maioria negra -, reuniram-se num domingo para debater sobre ações conjuntas. De acordo com Brisolara, o encontro contou com *rappers* pioneiros. Assim, presenças de Mabeicker – produz e apresenta o programa Hip Hop Pel na TV Comunitária -, Ligado e Jair “Brown” (Calibre 12 Máfia). Também destaques como o MC Mabreu, que integrou o Irmãos de Cor nos anos noventa, e atualmente participa do Inspiração Rap. Ainda o experiente DJ Vagner e Paulinho, coreógrafo do grupo de dança Trem do Sul. No evento, também o talentoso grafiteiro Betoven. Eles compartilharam a trajetória local do Hip Hop, que remonta aos anos oitenta, com a nova geração que narra o cotidiano da periferia.

COMPROMISSO – “Estamos começando a construir uma história na cidade, pois nos unimos por ideologia e não por modismo.” Afirmção de Brisolara, que ressalta a união como fortalecimento para a reivindicação de melhorias junto ao poder público. Wagner Lemos, tesoureiro da Nação, expressou que “formamos um corpo que caminha unido. Assim não sentimos inferioridade para sentar diante do prefeito. Um sozinho não pode, mas um corpo pode. A Nação pode”. Já o coordenador de políticas públicas Sandro Mesquita frisa: “Muitos interpretaram o Hip Hop como modismo, mas estamos provando que se trata de uma cultura de resgate dos jovens, brancos ou negros, que estão espalhados pela periferia”.

(COGOY)

Vilmar Tavares

Cogoy

ANEXO A2

12 • Cultura *Terça-feira, 19 de maio de 2009* **DIÁRIO DA MANHÃ**
FOTOS: Cogoy



PENSAMENTO Consciente é da vila Peres e está classificado



BOM público no Centro Comunitário Arnaldo Sardina

Grupos de Rap selecionados para etapa estadual

Por Carlos Cogoy

Família IDV do Gagui, Pensamento Consciente do Vitor, e o surpreendente Diário da Favela – gurizada do Simões Lopes. Selecionados no 1º Festival Rap Popular Brasileiro (RPB), realizado domingo, e organizado pela Central Única das Favelas (CUFA). Além dos três selecionados à fase estadual, que acontecerá a 28 de junho em Canoas, também participaram: 3B Rappers; Guerreiros de Mente Aberta; Mensageiros da Realidade; Banca CNR; Seguidores da Palavra RAP (SPR). Como jurados, Gigante, Brown, Giamarê e Alexandre Mattos.

HOMENAGEADO – Sando Mesquita (CUFA), ressaltou que a etapa municipal homenageou o Mister Pelé. Desde os anos setenta ele valoriza e difunde a cultura negra.

BASQUETE de Rua com "tabela" colocada na Manduca Rodrigues. Árbitro Filipe Brasil coordenou a edição do Basquete de Rua de Pelotas 2009. Em primeiro lugar, equipe "PBC", depois Areal e Fragatinha.

GRAFITE foi criado durante o Festival, autoria dos talentosos Anderson e Betoven. Numa inscrição: "A verdade é que você...tem sangue crioulo!". Mais sobre o RPB: www.cufapelotas-cufars.blogspot.com



GRAFITEIROS Anderson e Betoven



PEQUENO Deivisson e o homenageado Mister Pelé



SANDRO (Cufo) e Pelé



RAPPER "Xicuta" está em nova fase e participou



JURADOS: Alexandre Mattos, Gigante, Giamarê e "Brown"



BASQUETE de Rua integrou Festival



FILIPPE Brasil e a equipe campeã PBC



REGISTRO digital do Festival com Paulo Celeste

ANEXO B2

Domingo,
12 de setembro de 1999

SEGUNDO
caderno
DIÁRIO DA MANHÃ

5

DIVULGAÇÃO/DM

HIP HOP

Rappers do "Calibre 12" com projeto nas escolas

Por Carlos Cogoy

BANCO DE DADOS/CC

O caminho para obtenção de recursos será a Lei de Incentivo à Cultura. Jair "Brown" e Jairo "Efex" compõem o "Calibre 12", rap pioneiro na Zona Sul, com mais de dez anos. Residentes na periferia, desprovidos de recursos, encontraram no RAP a forma de manifestação contra a miséria, preconceito, exploração, drogas e violência. O "Calibre 12" conseguiu gravar primeiro CD, e já está programando o segundo. Superando dificuldades, o grupo procura dinamizar o movimento HIP HOP em Pelotas. Dança "break", música "rap" e arte visual com grafite, são os elementos que formam a linguagem do HIP HOP. Conforme "Brown", a meta é desenvolver o projeto "ARTE DE RUA NAS ESCOLAS".

PEDAGOGIA RAP - Conservação das salas de aula e prédios escolares, contestando o vandalismo e depredação do patrimônio público. Alunos, professores e até os pais, deverão ser orientados para que a escola seja local de participa-

Brown do "Calibre 12"

ção e dignidade. Como prioridade, colaborar com a comunidade na organização de iniciativas beneficentes, com arrecadação de alimentos para doação a entidades carentes. Outra etapa será o alerta às crianças em relação ao perigo das drogas. Grupos interessados também contarão com oficinas de "graffiti", aludindo à arte da pintura, dança e canto RAP, bem como a formação de DJs. Brown frisa que será sugerido debate aberto sobre temas que preocupam a juventude. Por isso, a necessidade de palestras, panfletos e fanzines.

BATIDA DE RUA -

Circulando o quarto número do "Batida de Rua". A cultura urbana do RAP, e referências ao reggae e soul, estão no fanzine elaborado pelo CALIBRE 12, com apoio técnico de Elinho Silveira. Correspondências à rua Rodrigues Alves nº 835 com fone 71.1221 - Frágata - CEP: 96.045-640. E-mail: batidaderua@hotmail.com

NOVO CD - "Rimando o Universo" é título do segundo CD do "Calibre 12", que contará com a participação

Guabiropa inspira letras dos jovens do Calibre 12

especial do grupo riograndino "Elemento Neutro". Na TV Criativa, canal a cabo da UCPEL, tem sido exibido videoclipe com o grupo local. A faixa "12 no Efeito" do CD "Periferia Brasil" recebeu produção da equipe de tevê, e pode ser conferida na NET ou

Fanzine
Batida de Rua Nº 04
Julho/99
Gratuito

James Brown: "Diga bem alto, sou negro e tenho orgulho"

Entrevista
Mundo Okumene

Shows
Pavilhão 9

Conexão Reggae
Dj's jamaicanos e o "Guntalk"

Lançamentos:

GOG Convida, Nego Demon, Pavilhão 9

"Batida de Rua" é produzido por "Calibre 12" e circula no País

Pansat. Brown também conta sobre o grupo "Menores de Respeito", formado por garotos entre onze e treze anos, que estão sendo produzidos pelo Calibre 12 e cantarão numa das faixas do CD. Outra novidade é a presença dos grafiteiros do "S.T.O. Crew", em promoções conjuntas com o Calibre 12. Com oito componentes, o grupo de artistas do "graffiti", orientará sobre a criação visual em áreas cedidas como muros.

Brown destaca que a ação é oposta a pichações, pois se trata da criatividade de jovens que desejam expressar indignação e paixão. Assim, os "rappers" ressaltam que geralmente a Lei de Incentivo à Cultura tem patrocinado shows para a burguesia, esquecendo a periferia. Em Porto Alegre, ao contrário, o movimento HIP HOP tem colaborado através de projetos para evitar a expansão das drogas entre jovens pobres.

ANEXO C 2

Domingo,
05 de dezembro de 1999

SEGUNDO
caderno
DIÁRIO DA MANHÃ

5

CALIBRE 12

Projeto cria grupo "Menores de Respeito"

Por Carlos Cogoy

Pioneiro do Rap em Pelotas, com história que ultrapassa dez anos, o grupo "CALIBRE 12" prossegue inovando. Na Colônia Z-3 tem participado de atividades do programa "Mar de Dentro" do governo do Estado. Dia 19 deste mês no ginásio do Pelotense estará coordenando o "1º Hip Hop na Mente". Na Guabiroba, local de origem do grupo, orienta o surgimento do "Menores de Respeito"

Guabiroba e vila Farroupilha são o cenário dos rappers que começaram o Hip Hop em Pelotas. O grupo pioneiro está com inúmeras iniciativas. E a trajetória tem estimulado novos grupos. Neste ano, Jairo "Efex" Roni Ibeiro e Jair "Brown" Duarte Correa foram procurados por garotos residentes na periferia. Motivados pela própria história do "Calibre 12", e referências do Rap internacional, os menores pediram apoio à formação de grupo. Há alguns meses eles têm ensaiado, já produziram duas letras, e estão concluindo a terceira. A temática é o cotidiano na Guabiroba, e o Rap dos garotos mantém a contundência da crítica que identifica a cultura do subúrbio. Brown batizou o grupo como "Menores de Respeito", e explica: "Procuramos nome que soasse legal, que estivesse identificado com o grupo. Afinal, eles são menores e merecem respeito. E as crianças exigem dignidade, pois muitas vezes não recebem o tratamento correto. Também existe o enfoque que, por ser novo, é alienado".

MENORES - O "Calibre 12" programa para fevereiro o CD "Rimando o Universo". Conforme Brown e Efex, os garotos do "Menores de Respeito" estarão participando numa das faixas. Além disso, brevemente o novo grupo lançará single de estréia com três faixas. E a produção está a cargo do "Calibre 12 Rapper's". O "Menores de Respeito" (M.D.R.) é composto por Yude (12 anos), Alex (14 anos), Vagner (12) e Marcos (13). Yude estuda na escola municipal Luis Carlos Correa da Silva e Alex é o DJ. A influência dos meninos deriva de programas na tevê e CDs. As letras são criações de Yude e Vagner. Efex diz que a participação do "Calibre 12" acontece na produção do grupo, eventualmente ajustando rimas. Ao invés da estreita fatia de jovens na mesma faixa etária, que se divide entre aulas de inglês, Internet ou a prática de artes marciais em academias, os "Menores de Respeito" contam sobre a realidade da periferia. Yude aborda que a violência é cotidiana, sendo corriqueiro o porte de arma, ou os jovens que trocaram a frequência em sala de aula pela "felicidade ins-

tantânea" proporcionada pela cola. Confira alguns dos versos do Rap "Não se renda": *A violência pela rua/ aumenta a cada dia/ a cada dia aumenta a fome e a miséria/ que todo dia mata/ muita gente no Brasil/ e quem viu?/ No Brasil/ Ninguém viu e o político cadê?/ Sumiu/ - Basta, queremos algo melhor/ Sabemos que a verdade para muitos dói/ - Incomoda muitos. Só/ Não querem enxergar o pior/ Vamos mais, além, a levada é sem dó/ Veja só... Menores de Respeito no esquema/ Tremas, Tremas/ Não se surpreenda/ Mano não se renda à loucura do sistema/ Somos bem diretos, certos do correto/ Mandamos a mensagem para os manos/ que estão cegos...*

HIP HOP NA MENTE

Os eventos do movimento Hip Hop em Pelotas são escassos. Dia 19 a partir das 17h no Colégio Municipal Pelotense, oportunidade para conhecer a produção Rap, Grafite e Break da região. O "1º HIP HOP NA MENTE", iniciativa dos rappers do "Calibre", reunirá presenças locais, de Rio Grande e Porto Alegre. "Suburbanos" e "Ele-



CALIBRE 12: DJ Flávio, Jairo "Efex" e Jair "Brown"

mento Neutro" serão os grupos de Rio Grande. Locais: "T.W.N.", "MCs Radicais", "Ação Hip Hop", "Mano Beto DJ", "PMC's", "Consciência Negra", "Guerreiros do RAP", "Mister Pelé" e "Calibre 12 Rapper's". No grafite, portolegrenses do "Trabalho" e "DJ Ted". Grafiteagem de Pelotas a cargo dos integrantes do S.T.O Crew. Brown está confiante na presença de público, pois avalia que a "cena já está cansada de pagode. O pessoal quer opção diferente". **INGRESSO a R\$1,00.** Apóiam o evento: Sindicato dos Bancários; Integrarasil; DIÁRIO DA MANHÃ; Aky CD's; Stúdio CD's; OUTSIDE

(Alfa-EM); Canal 15 da NET. **COLÔNIA Z-3** - Ao final de novembro, os rappers do "Calibre", palestrarão no SESC. Eles abordaram o universo Hip Hop. O projeto "Arte de Rua" está sendo elaborado para integrar-se ao programa "Mar de Dentro" do governo do Estado. O objetivo é oferecer oficinas à população carente, conciliando as informações ambientais com o alerta sobre o uso de drogas. O grupo pretende estender a iniciativa além da Colônia Z-3, para abranger os vários bairros urbanos de Pelotas. Dia 15 deste mês estará circulando a quinta edição do fanzine "Batida de Rua", que tem proporcionado o in-

tercâmbio do grupo com a cena Hip Hop em diferentes pontos do País. Até o final do ano estará sendo gravado o videocipe para o Rap "4 noite chega". Brown entusiasma-se pois a experiência deste ano foi bem-sucedida. O clipe para "12 no Efeito", com direção de Márcio Kinzenski, foi escolhido como o melhor da América Latina na categoria RAP em Gramado, na edição do SET-Universitário. Brown e Efex concluem: "Através de contatos com outros grupos de São Paulo, Goiás, Porto Alegre, Rio de Janeiro e outras cidades, o Calibre 12 procura espalhar ao máximo e valorizar o Hip Hop pelotense".



GUABIROBA: Charles, Tarsio, Yude, Alex e Luis Fernando são garotos que encontram no RAP uma forma de expressão sobre o cotidiano

ANEXO D 2

Diário da Manhã
Cultura 15

HIP HOP
CD "Sabedoria de rua" do grupo Consciência negra

Oito faixas compõem o CD demo do grupo de Rap "Consciência Negra". Jovens negros da periferia, eles produziram o CD "Sabedoria de Rua" há quatro meses. A produção independente contou com o apoio de familiares e amigos, o que não evitou que os rappers entrassem no "vermelho". O "Consciência Negra" surgiu no loteamento Dunas, um dos locais mais empobrecidos da cidade

Mano Davi, RC e Mc Guido, são os integrantes do grupo que surgiu em 1998. A convivência no loteamento Dunas, e o interesse pelo Hip Hop, foram ingredientes para a formação do Consciência Negra. O CD demo tem sido divulgado em shows, e o grupo mantém a expectativa por melhor acolhida nas emissoras de rádio. Guido é o autor das faixas do CD: "Break Hip Hop"; "Estrada sem lei"; "Periferia é periferia"; "Som de periferia no ar"; "Sabedoria de rua"; "Som, imaginação"; "Vila Dunas"; "Dez da manhã". Guido conta que freqüentou bailes no Sul América, participando do grupo de dança. A aproximação com o Rap ocorreu através de influências como o grupo pioneiro na região Calibre 12, e a referência nacional Racionais. Atualmente apenas Davi ainda reside no Dunas, Guido mora no Areal e RC no Laranjal.

ATITUDE - O CD receberá mais duas faixas, e o grupo tocou na abertura do show de MV Bill no ginásio do Cruzeiro. Também participou de promoção dominical no Dunas, organizada pelo Sindicato dos Bancários, CUT e Núcleo de Teatro Popular. Eles contam que o CD tem tocado em algumas festas no "B-52", e também houve apresentação em Livramento, numa iniciativa do projeto Amizade da UFPel, durante evento destinado a ressaltar os direitos dos menores de rua. "O Rap é mais forte do que o pagode na periferia, pois é a cultura que mostra aquela realidade. É a forma de falar sobre o que a sociedade não vê, como o crescimento da pobreza", dizem.

OFICINAS - Os rappers do "Consciência" ministram oficinas de dança break no Sesi, e divulgam a oficina de B-Boy na Escola Padre Anchieta no Areal. "O Dunas precisa de luz, esgotos, está abandonado e esquecido. Quando chove, o barro é insuportável e os caras já não dão mais bola para o loteamento", indignam-se.

Capa do CD criada por Elio Stolz mostra violência e discriminação

RC, Guido e Davi cantam: "Há mais maldade nas ruas do que na tevê, e a ficção se tornou a realidade"

ANEXO E2

DIÁRIO DA MANHÃ

Domingo, 11 de fevereiro de 2001

Cultura • 13

POLÍTICA CULTURAL

Oficinas de "Hip Hop" na rede municipal

Por Carlos Cogoy

Em março as escolas da rede municipal estarão oferecendo oficinas de Hip Hop. A divulgação é dos rappers Sandro 'Anjo' e 'Mica', que integram o grupo T.W.N. As oficinas estarão gerando emprego a dezesseis jovens, para atender a dezenas de escolas da rede. A iniciativa é parceria reunindo Secretaria Municipal de Cultura, Coordenadoria da Juventude e ESEF/UFPEL

Aquisição de "Technics" - pratos para o som do DJ -, é compromisso da Secretaria Municipal de Cultura. O equipamento viabilizará as oficinas e, é comemorado pelos rappers Anjo e Mica. Conforme explicam, até hoje o movimento Hip Hop não conseguiu efetuar a compra. O grupo que estará lançando CD *single* no sábado, possui experiência com oficinas em escolas, oferecendo os quatro elementos que compõem a cultura Hip Hop: **dança break; música Rap; grafite e DJ.** A aproximação com a Secretaria ocorreu em janeiro, quando artistas realizaram "celebração" em frente à ex-Integralsul para assinalar a posse de Renata Requião. A secretária assis-

tiu a apresentação do grupo, e solicitou projeto. Na sequência, reunião com os integrantes do Conselho Técnico Vitor Ramil e Mário Maia. O contato possibilitou a perspectiva de recursos técnicos adequados, e a definição pelas oficinas da rede municipal. Os rappers observam: "*Em Pelotas a cultura não pode ser apenas de fachada, direcionada aos grandes eventos, pois também está na rua. O início do trabalho da Secretaria contrasta com as gestões anteriores, pois nunca nos deram atenção. Então, com a compra do equipamento, a mão foi estendida, possibilitando estímulo ao movimento da periferia. Somos gratos pois a luta é diária, inúmeras dificuldades*



VILMAR TAVARES/DM

Sandro 'Anjo' e Mica: "Leste a oeste, sul e norte, em paz com atitude consciente"



BANCO DE DADOS/CC

DJ Paulo César (PC), ao centro, esteve na formação anterior

para gravar, às vezes sem dinheiro para o ônibus que leva ao centro. Além disso, as oficinas possibilitarão alimentação, transporte e remuneração a dezesseis rappers. E o grupo será escolhido conforme a capacidade teórica e prática, pois não se trata apenas de cantar e dançar, mas também de atenção à história, estabelecendo a relação entre passado e presente".

ATITUDE. - As oficinas, conforme Anjo e Mica, serão momentos para lazer, cultura e informação. Assim, o grupo tem desenvolvido temas como a valorização da família, alerta sobre o risco represen-

tado pelas drogas, exclusão social e advertência acerca da gravidez na adolescência. Sobre o preconceito em relação ao movimento Hip Hop: "*O Rap é considerado marginal. Mas a verdade é que a maioria da população foi colocada à margem. A periferia é quilombo, senzala, gueto. E como diz MV Bill: 'Te convidam para roubar, cheirar e fumar, mas ninguém oferece trabalho'. Então gostaríamos de estender as oficinas às associações de bairros, resgatando a auto-estima, informando sobre o respeito ao próximo. Em Pelotas, mais de 44% da população é negra, e o Hip Hop*

pode oferecer orientação básica de sobrevivência".

POSSE. - Com o apoio às oficinas através do poder público, os jovens do T.W.N., consideram que é momento para criar "posse", unindo os grupos. Eles destacam o trabalho do grupo pioneiro "Calibre 12", e acreditam que "*está chegando a hora do movimento se organizar como entidade*".

EXPERIÊNCIA. - Ano passado o grupo ministrou oficinas na Escola Padre Anchieta do Instituto de Menores e Centro Assistencial São José. "*É forma de tornar a escola mais atrativa*", dizem os rappers.

ANEXO F 2

10 • Cultura

Quarta-feira, 07 de janeiro de 2004

DIÁRIO DA MANHÃ

PIRATAS DE RUA

Traficando informação através da dança

Por Carlos Cogoy

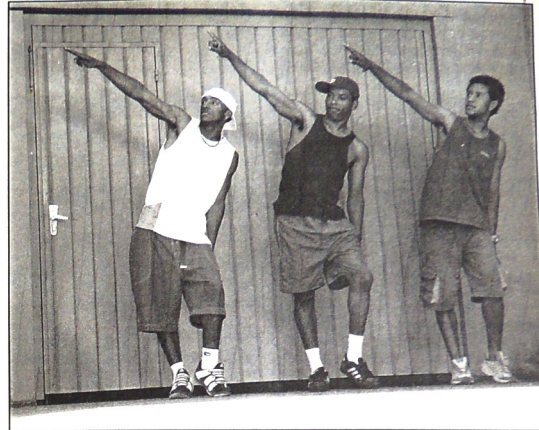
Vilmar Tavares/DM

Neste ano a ideia é prosseguir ampliando. O grupo de dança "Piratas de Rua", atualmente com oito componentes, está na fase de ensaios para incluir os integrantes do então "Street Brothers". Então, com a participação dos B-Boys do bairro Navegantes, o "Piratas..." chegará a quinze integrantes. A curiosidade é que o "Street..." surgiu inspirado nas apresentações e coreografias do "Piratas de Rua". Assim, traficando informação, o grupo estimula novos talentos. Em 2004 também o desejo de ampliar perspectivas. A intenção, mediante apoio e patrocínio, é participar do consagrado festival de dança de Joinville. No segundo semestre, possibilidade de presença em Santos, onde ocorrerá evento dedicado à dança de rua. O "Piratas de Rua", em atividade desde o final de 2002, mantém parceria com Adágio Centro de Ginástica e Dança, onde são realizados ensaios. Além disso, o grupo representa a escola na modalidade *street dance*. Em setembro do ano passado, interpretando a coreografia "Sedução", o grupo conquistou primeira colocação no Porto Alegre em Dança, categoria dança de rua adulto avançado. A premiação repercutiu e o grupo foi convidado para, em outubro, participar do "2º Festival Internacional de Hip Hop", realizado em Curitiba. No Paraná, inúmeros contatos, desde o grupo paulista "The Face" até coreógrafo do filme "Matrix", Conquista, conforme os jovens dançarinos, da atitude que descobre novos movimentos "traficando informação". Na trajetória do "Piratas...", que planeja apresentação no Teatro Sete de Abril através do projeto "Foco na Área" da Secult, presença com oficinas e exposições em inúmeras escolas da rede pública. CONTATOS: 227.3511; 222.6854.

B-BOY é termo criado no Bronx há mais de três décadas. O DJ Kool Herc procurou identificar a forma de dançar. Os B-Boys que compõem o "Piratas de Rua" são: Lasier Almeida (bairro Simões Lopes); Jorge Luis Motta Machado (Simões Lopes); Anderson "Vovô" Farias (Navegantes); Carlos Eduardo Motta Machado (bair-

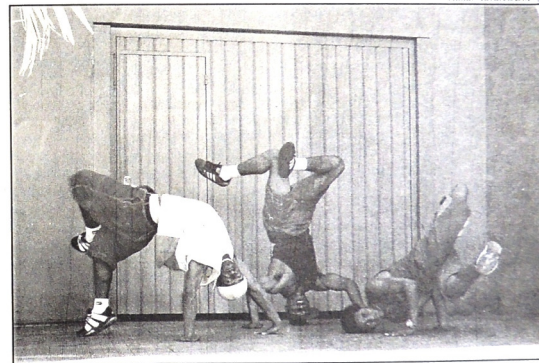
ro Dunas); Rafael "Fão" Cardoso da Silva (Areal); Diego "Bocão" Lamerão (Navegantes); Charles (Pestano); Paulinho (Navegantes). Até meados do ano passado, formação contava com quarteto que criou o grupo: "Vovô"; Lasier; "Jorginho" e Carlos Eduardo. "Vovô" é professor no Adágio Centro de Ginástica, e convidou amigos do Navegantes para integrar o grupo. No repertório, além dos solos e a coreografia premiada "Sedução", também constam: "Confronto" e "Conquista".

COMPROMISSO SOCIAL está na essência do grupo. Assim, ainda em 2002, oficinas de dança de rua a crianças e jovens dos Asemas. No primeiro semestre de 2003, projeto em parceria com a Secretaria Municipal de Direitos Humanos, proporcionando Hip Hop, dança e desenhos, a dezoito crianças e jovens da então "Casa do Resgate", acolhida a meninos sob risco na rua. Em novembro, participação da etapa do "Folami 2" - projeto de estudantes da Esef à comunidade negra -, na Escola Dunas Novo. Em dezembro, apoio ao rapper Davi na segunda edição do "Fortalecendo a periferia", que ocorreu no Centro de Desenvolvimento do Dunas (CDD). Neste ano, sábado, presença no "Várzea in fest". Em visita ao DM, Lasier, "Fão" e Jorginho, contaram que o início ocorreu através dos encontros semanais de Hip Hop, promovidos por acadêmicos da Esef/UFPel, nas dependências do então SESI. O núcleo que originou o grupo reuniu experiências como a capoeira, e a dança das festas black. Eles observam: "Em eventos na periferia nos sentimos em casa. Passamos e recebemos informações. E as coreografias têm conteúdo, comunicando-se com o público. Considero que contribuímos com a educação e a sabedoria, quinto elemento do movimento Hip Hop. Também mostramos que a arte pode ser caminho profissional". Lasier, que ministra aulas no Espaço Vital - Largo de Portugal -, destaca que, entre os contatos, o grupo troca informações com o B-Boy porto-alegrense Jackson.



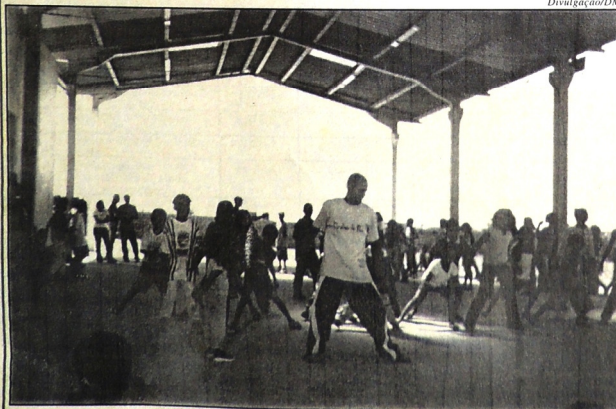
LASIER, Jorge Luis e "Fão" mostram o "freeze"

Vilmar Tavares/DM

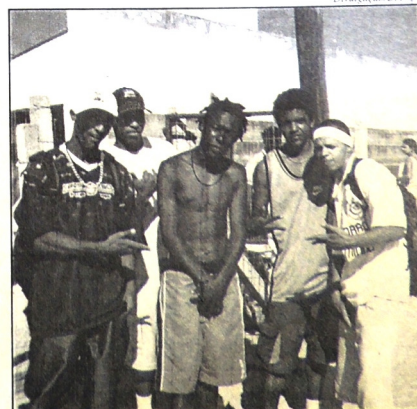


TRIO de B-Boys exibe agilidade no "locking"

Divulgação/DM



CRIANÇAS da Escola Dunas Novo participaram de oficina com "Piratas" no Folami 2



GRUPO com Davi no "Fortalecendo a periferia"

ANEXO G2

Sábado, 24 de abril de 2004

DIÁRIO DA MANHÃ

HOJE

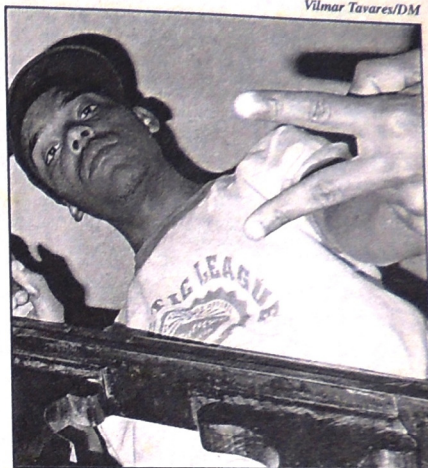
Oficina de Hip Hop na Escola Joaquim Duval

Entre 14h e 17h deste sábado, será realizada mais uma etapa da oficina de Hip Hop, que está acontecendo semanalmente no bairro Py Crespo.

Como local, a Escola Dr. Joaquim Duval, e o ministrante é o rapper Almir Jr "Makabra". A programação, que integra o projeto "Escola Aberta", ainda dispõe de vagas à comunidade.

Rua Barão de Tramandaí nº 980 com fone 223.1433

Vilmar Tavares/DM



MAKABRA orienta crianças e jovens

Noções acerca de elementos que compõem a cultura de rua do Hip Hop. Assim, nos sábados à tarde, abordagens sobre a poesia que caracteriza o RAP, a criatividade visual através do grafite, sonoridade rascante a cargo dos DJs, dança com os movimentos do break e coreografias dos B-Boys. Mas, como informação essencial, além das orientações acerca das diversificadas expressões, o elemento que move pelo País a nova geração da periferia. Trata-se da consciência crítica, que põe o dedo na realidade desigual, belisca o *playboy*, contesta a opressão policial, repudia o uso de drogas, denuncia a discriminação racial, identifica a miséria como consequência dos exploradores que pilotam carrões importados. E a escola pública está possibilitando esse encontro. Para compartilhar experiências, o rapper "Makabra", que reside no bairro Santa Terezinha. Ele tem palestrado em escolas e vivencia o cotidiano da Zona Norte. E salienta que a oficina não se restringe aos alunos do Joaquim Duval, mas à comunidade em geral.

HISTÓRIA – Na terra do doce, até recentemente "Makabra" estava empregado como atendente em confeitaria, território no qual a classe média lambuzava tardes ociosas. Mas, como a vida real impõe doces tormentos na periferia, há quase seis anos está ligado ao Hip Hop. Na trajetória, participação em grupos como: Movimento Zona Norte (MZN); Mensageiros do Rap. Há três anos integra a equipe que produz e apresenta o progra-

ma "Comunidade Hip Hop", veiculado pela Rádio COM – 104.5 -, aos sábados das 18h às 19h30min. Atualmente, "Makabra" participa do grupo IDV, que também conta com o talento de Gaguí. Se, entre as palestras do ano passado, esteve no Colégio Municipal Pelotense, para maio deste ano haverá agenda junto a crianças e jovens do Centro de Apoio Socioeducativo (CASE). Além do Rap, "Makabra" integra a Bateria Uirapuru que, sob a batuta do Mestre Baptista, anualmente tem calendário de apresentações em Santa Catarina.

NOVOS GRUPOS estão surgindo entre os alunos da oficina. Os participantes, entre dez e dezoito anos, estão freqüentando há um mês. A motivação com os encontros que, além de Makabra, também contam com Júlio (MCs de Pelotas), proporcionou o surgimento de "Fação MCs", "Minas de Virtude", "Filhos do Rap", "Poder Racional". A idéia é que, ao final do projeto - com duração de seis meses -, seja viabilizada gravação de coletânea em CD.

(COG0Y)

ANEXO H2

Sábado, 27 de maio de 2006

DIÁRIO DA MANHÃ

FOTOS: Cogoy



OFICINA de Ritmo e Poesia estimulou crianças de 5ª e 6ª séries da Escola Estadual Dr. Joaquim Duval

Rap em escola do bairro Py Crespo

Por Carlos Cogoy

Na programação alusiva ao 41º aniversário da Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Joaquim Duval, neste sábado acontecerá gincana e descerramento de placas. Situada no bairro Py Crespo, e dirigida por Eduardo Lucas Monks, a escola é a opção para jovens que residem em locais como Santa Terezinha, Lindóia, Cohab e Pestano. Há uma semana, numa iniciativa da professora Neuza Janke, que leciona história, houve a realização da Oficina de Ritmo e Poesia.

RAP NA ZONA NORTE – O projeto da professora é destinado a 5ª e 6ª séries, cujas turmas necessitam de estímulo para o aprendizado. *“A falta de novidades, aos poucos vai deixando-os apáticos e sem nenhuma motivação para enfrentar os desafios diários. Então, com o projeto, penso que se justifica a proposta inovadora, sem ignorar os conteúdos específicos. Trata-se dos temas transversais, com novos debates e enfoques, principalmente relacionado à realidade deles”*, explica. O Hip Hop foi sugerido pelos alunos, moradores de locais como Ilha da Páscoa e Rota do Sol.

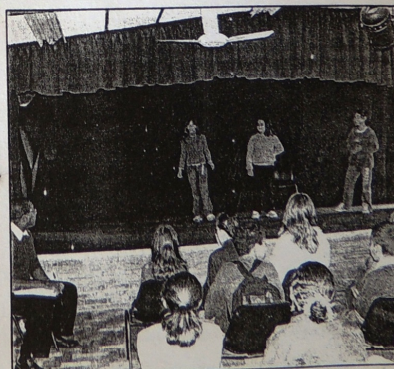
RADOX acolheu o convite. Dividiu a turma em grupos. Os alunos foram estimulados a ler e escrever, sempre sob o ritmo das ‘bases’. Ao final, apresentações. aplausos e auto-estima. Neste sábado às 18h, Radox ministra a oficina no Pré-Vestibular “Motivação” – rua 15 de Novembro nº 670. **ENTRADA FRANCA.**



PROFESSORA Neuza Regina Janke idealizou projeto, que teve apoio da supervisora pedagógica Juliana Volz, e o empenho do Eduardo “Radox” Amaro



ALUNOS reuniram-se em pequenos grupos



PALCO da Escola foi o local das apresentações. Os grupos, após a criação dos Raps, tiveram momentos para ensaiar a interpretação. A ideia, conforme Radox, consiste no estímulo à percepção, reflexão e criatividade. Com a exibição perante colegas, a experiência que implica em aceitação, reconhecimento, interação.

A Oficina de Ritmo e Poesia já foi levada a escola do Bairro Getúlio Vargas, e também aos jovens que integram o Programa Social Educativo da Brigada Militar (PROSEPA).

Rap na escola incentiva a auto-estima

Por Carlos Cogoy

Paz, amor, felicidade e alegria. Os temas estimularam a criatividade de crianças da 4ª série na Escola Municipal de Ensino Fundamental Núcleo Habitacional Getúlio Vargas. Na aula da professora Patrícia Reis, oficina com o rapper Radox

Dia 26 a Escola completará quinze anos. Conforme a diretora Dalila Moreira, está sendo organizada programação comemorativa. A ideia, acrescenta, é realizar atividades durante toda a semana. Já estão definidas apresentações de alunos e banda do Exército. Também acontecerá culto religioso. Localizada na Zona Norte, num dos bairros mais empobrecidos, a escola está abrindo espaço ao Rap. Nesta semana, a 4ª série A, turma da professora Patrícia Reis, teve oficina com o rapper e letrista Eduardo "Radox" Amaro. Conforme Patrícia, a experiência surpreendeu, pois as crianças participaram, opinaram e criaram Rap. Ela observa que, devido à localização, muitas atividades não se viabilizam. E explica que os convidados geralmente não se deslocam até o BGV. Já Radox, que reside na Zona Norte, e recentemente – em parceria com o músico Kako Xavier –, venceu o 11º Festival Canto da Lagoa na cidade de Encantado, menciona que "as crianças adoram Rap. Basta colocar o 'Negro Drama' do Racionais, que eles cantam junto. É a realidade da periferia". A Escola está situada à avenida 2 nº 9999 com fone: 3273.9911.

POESIA na manhã de quinta-feira. Radox, cuja criatividade já não se restringe ao Rap, tem mesclado variadas influências artísticas. Experiente, ano pas-

sado esteve residindo em Cascavel, e ministrou oficinas em escolas paranaenses. No BGV, compareceu à escola e apresentou uma de suas letras. Os versos, conta, estimularam a criançada. Interagindo com os alunos – *faixa etária entre nove e quinze anos* –, observou a imediata sintonia com o Rap. E a professora Patrícia acrescenta que "eles adoram o Hip Hop. Na escola, a linguagem possibilita ensinar história, português, cultura".

CRIATIVIDADE – Se na quinta os alunos escreveram letras, ontem pela manhã o exercício foi coletivo. E Patrícia divulga que, no ritmo da cultura de rua, os alunos compuseram: "A Escola Getúlio Vargas está fazendo quinze anos de estudo e carinho e muita dedicação/ Mostrando aos alunos que a nossa cultura pode fazer o futuro da educação/ Os alunos da escola vêm aqui pra aprender a ter uma vida melhor, a ler e a escrever/ Por isso todos aqui devem respeitar, e a nossa escola aprendem a amar/ falando em amor, felicidade, paz e alegria, que fazem parte do nosso dia-a-dia/ Foi aqui que eu aprendi a ler e escrever/ Já sei somar a alegria e o prazer/ Sei diminuir a tristeza e multiplicar a paz/ Mas o mais importante, eu aprendi, foi dividir o amor e que a escola é algo mais".



VIBRAÇÃO de alunos e professores com o Rap na Escola do Getúlio Vargas

EQUIPE da escola com a monitora Ângela Neves, diretora Dalila Moreira e professora Patrícia Reis, recepcionou Eduardo "Radox" Amaro (Foto). O grupo menciona que a perspectiva é de continuidade à experiência poética



Divulgação

ANEXO J2

Quinta-feira, 28 de setembro 2006

DIÁRIO DA TARDE

FOTOS: Divulgação



GRUPO infanto-juvenil conquistou segundo lugar no festival

Trem do Sul premiado com a dança de rua

Talento da Várzea, contri-
buindo para reitarar Pelo-
tas como pólo da dança.
Em agosto, eles participaram do
Porto Alegre em Dança. Vinte bai-
larinos e dez coreografias. Na ca-
pital gaúcha, os jovens que inte-
gram o projeto da Escola Estadual
de Ensino Fundamental N. Sr^a. dos
Navegantes, arrebatarem sete pre-
miações. Única escola pública no
evento que reuniu bailarinos de oito
Estados, o "Trem do Sul" recebeu
o prêmio de melhor Grupo Juvenil
de Dança de Rua. Neste mês, no-
vas conquistas.



JUVENIL também recebeu premiação em Santa Maria

SANTA MARIA – Entre os
dias 6 e 10 deste mês, o grupo pe-
lotense participou da 12ª edição do
Santa Maria em Dança. A delega-
ção com 28 bailarinos, apresentou
cinco coreografias. As criações,
modalidade dança de rua, foram
autoria de Paulo Renato Monteiro
e Wilson Oliveira. O grupo rece-
beu cinco prêmios, sendo o primei-
ro lugar com a coreografia "You
Dance", categoria Grupo de Dan-
ça de Escolas de Ensino Funda-
mental. Também três segundos lu-
gares em categorias infanto-juve-
nil e juvenil. Destaque para Wil-
son Oliveira, escolhido o melhor
bailarino do Festival.

GRATIDÃO – O grupo
agradece a 5ª CRE, deputado es-
tadual Nelson Härter (PMDB),



NOVOS talentos sob a orientação do coreógrafo Paulinho (à direita)

Barrisul, Embaixador, UCPEL
através da prof^a. Clotilde Victó-
ria, e à comunidade que colabo-
rou nos pedágios à av. Bento

Gonçalves. Interessados podem
apoiar. CONTATOS: 3279.4120;
9134.7265.

(COGOY)

ANEXO K2

Quarta-feira, 25 de outubro de 2006

DIÁRIO DA MANHÃ



PROFª. Maritza Ferreira



OFICINA com DJ na programação do Encontro

HOJE

Rap escolar no Pelotense

A linguagem da cultura de rua, como fonte de aprendizado. A expressão da periferia, como alternativa para redescobrir o prazer na escola. A voz daqueles que reivindicam cidadania, como estímulo à compreensão da realidade social. O Hip Hop também pode ser "Rap Escolar". Para dialogar com a cultura de resistência, nesta quarta acontecerá o "I Encontro de Hip Hop do Colégio Pelotense". Coordenação da professora Maritza Ferreira, com o empenho da equipe: Pâmela, Aline, Andréia, Thaís, Máduli, Daniela, Marina, Tuanny, Letícia, Janderson, Rudã, Claudiomir, Luís Sérgio e Vanderson. Ela des-

taca apoio da diretora Marita Nebel e professor Eduardo. **INFORMAÇÕES:** 3225.6837.

PROGRAMAÇÃO - Às 10h, oficinas de DJ com Vagner e André (NF), MC com Gagui IDV, dança com Uanderson "Vovô", e grafite com Zulu. Das 14h às 15h15min, debate com Gagui, Uanderson, Vovô, Guido, Davi e jornalista Carlos Cogoy. Às 15h30min, sequência às oficinas. Às 19h, show de dança e música – somente para alunos do Colégio, devidamente identificados com a carteirinha escolar. Atracões: Piratas de Rua; Grupo de Dança de Rua da

Escola Municipal Cecília Meireles; Gagui IDV; Banca CNR; Consciência do Rap; JDL; Pacto de Cristo (Gospel). A equipe aceita doação de material para oficina de grafite.



PIRATAS DE RUA entre as atrações no show desta noite

PROPOSTA surgiu através do trabalho com dança nas aulas de educação física. Alunas da turma 1º G do ensino médio, passaram a refletir sobre letras do Hip Hop americano. A experiência instigou a necessidade de mais informações sobre a cultura. E o grupo questiona: "Afinal o que é? Moda, cultura, movimento social ou...? Como é no Brasil e qual sua história?"

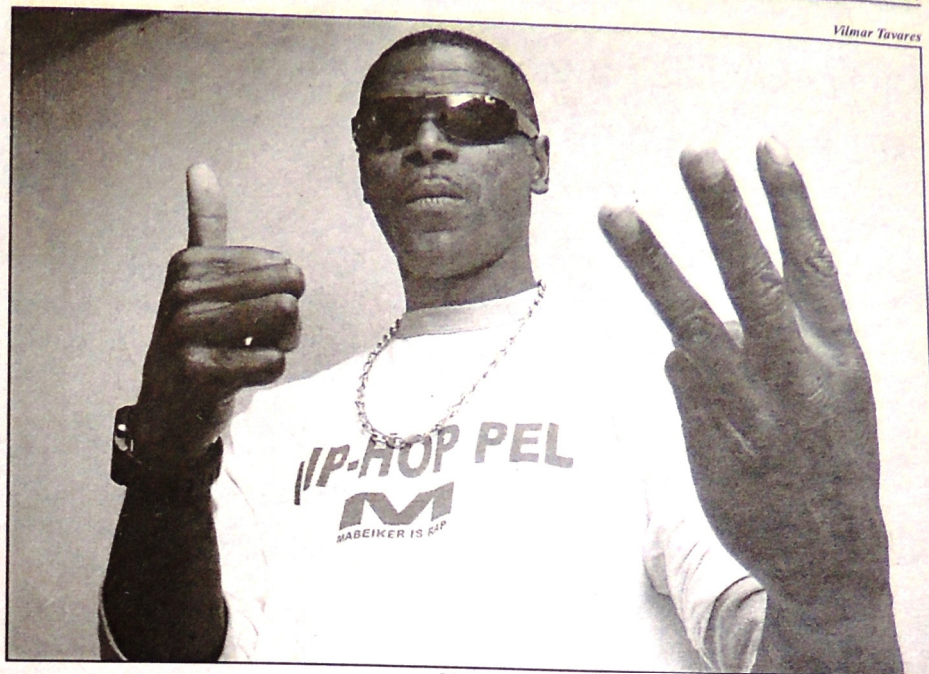
Divulgação

ANEXO L2

Quarta-feira, 19 de novembro de 2008

DIÁRIO DA MANHÃ

Vilmar Tavares



MABEICKER comemora três anos do programa Hip Hop Pel

TV COMUNITÁRIA

Hip Hop no ritmo da informação

Por Carlos Cogoy

Hoje das 16h às 17h na TV Comunitária (TVC) – canais 6 da Viacabo e 14 da NET –, mais uma edição do programa “Hip Hop Pel”. Produzido e apresentado por Cláudio Rogério da Silva Dias – o *rapper* Mabeicker –, o programa está completando três anos. Veiculado ao vivo, com entrevistas e clipes, o programa conta com a participação dos telespectadores. Entre as inovações, ressalta Mabeicker, as informações como fones úteis à comunidade, e a divulgação de crianças que estão desaparecidas. Para o *rapper*, que está ligado ao Hip Hop desde os anos oitenta e já gravou o CD “Na mira do sistema”, a ênfase na informação demonstra o compromisso com a “sabedoria”, um dos principais elemen-

tos da cultura de rua. Com trajetória consolidada na TVC, comunicando-se diretamente com a periferia, Mabeicker destaca o apoio recebido da direção, em especial o estímulo de Renato Costa. Para participar ao vivo, ou agendar presença no estúdio, bem como divulgar shows e eventos, contatos através do fone: 8412.0465.

E-mail: mabeicker.pelotas@hotmail.com

ATRAÇÕES – A cena local, vídeos nacionais e internacionais. Também externas mostrando desde shows até trabalhos sociais. Mabeicker menciona algumas das atrações que têm sido divulgadas: Seguidores da Palavra RAP (S.P.R); Trem do Sul; Gagui IDV; Estilo

Pesado; MC Ronaldinho; Mensageiro da Paz; Ligado; Hot Boys; Mister Pelé; NDee Naldinho (SP). O Hip Hop se renova. Da nova geração: Caseiro Alternativo (Cohabpel); Consciência do Rap (Castilho); Diário da Favela (Manduca Rodrigues).

APOIADORES – Mabeicker mora no Simões Lopes. Ele é filho da “Tia Teresa”, que há bom tempo promove ações solidárias a crianças do bairro. Ex-guardador de veículos, atualmente é ronda noturno no Fragata. O programa é viabilizado com apoiadores: MTX Som e Luz; Revistaria Kiosque; Loja Estilo do Gueto; Loja de Fantasia Camaleão; Classe A Veículos.

ANEXO M2



10 • Cultura

Quarta-feira, 22 de outubro de 2014

DIÁRIO DA MANHÃ

Fotos: Cogoy

DJ Vagner Borges coordena a Associação Hip Hop Pelotas

Abertura contou com o prefeito Eduardo, vice Paula e secretário Giorgio

Semana do Hip Hop nas escolas municipais

Por Carlos Cogoy

Giovani Lessa

Nesta quarta das 14h às 16h na Escola Mariana Eufrásia no Fragata, oficina de grafite com Henrique Oliveira. Já Célia Regina Constenla palestrará sobre "Grafite x pichação". Também das 14h às 16h, mas na Escola Balbino Mascarenhas no Simões Lopes, oficina de grafite com o talentoso Beethoven Mendonça. E na Escola Saldanha da Gama no Areal, hoje das 14h às 16h, dança de rua com Lasier Silva de Almeida. Já a palestra sobre o tema será com Otávio Rego. Sexta das 14h às 16h na Escola Carlos Laquintinie no Porto, basquete de rua com Michel da Silva. E palestra sobre "Estilo de dança urbana - Lo-

cking" com Tagner Mattos de Souza. A 8 de novembro às 15h no Mercado Público, shows de Rap. Programação da 3ª Semana Municipal do Hip Hop, conforme lei municipal, numa iniciativa da Associação Hip Hop Pelotas.

ABERTURA ocorreu segunda à noite na Biblioteca Pública Pelotense. Em destaque as presenças do prefeito Eduardo, vice Paula, secretário de cultura Giorgio Ronna, professora Clotilde Conceição Victória (Secult) - principal interlocutora do Executivo com as manifestações populares -, grô Sirley Amaro, e pioneiros do Hip Hop em Pelotas: Dj Vagner, Jair "Brown", Otaniel "Ligado", Gaguí IDV; Lasier;

Paulinho (Trem do Sul); "Radox"; Fábio Ibeiro (Estilo Pesado). De geração posterior, o rapper Pok Sombra, que apresentou "freestyle". E da geração atual, Pedro Ferraz e J. Will. Como a temática da Semana aborda "Violência e Meio Ambiente", Luiz "Vaguinho" Vagner explanou sobre violência. E enfocou desde o preconceito até a violência da exclusão social.

DIGNIDADE - Em vinte anos, contestando, reivindicando e exigindo dignidade, Hip Hop pelotense já dispõe de Associação e, reconhecimento através de legislação. Pela primeira vez, tratando-se da relação com o poder público, é tratado de forma decente.



Gestual do "elemento" break na Biblioteca Pública



Irmãos Lucas e Nathanael e a mãe Alexandra



PARCERIA desde os noventa: Jair "Brown", Fábio, "Ligado", Cogoy, Vagner e Gaguí

ANEXO N2

Domingo,
14 de fevereiro de 1999

SEGUNDO
caderno
DIÁRIO DA MANHÃ

5

RAP

Prêmio nacional para Radox

Por Carlos Cogoy

Mais de duzentas inscrições no País. Em São Paulo houve triagem para selecionar 36 concorrentes. O grupo esteve em Palmeira das Missões dias 5, 6, 7 e 8 deste mês. A finalíssima aconteceu no domingo, com deztoit músicas selecionadas nas eliminatórias das noites anteriores. O "1º Festival Nacional da Reforma Agrária" ofereceu oito premiações, sendo que quatro vieram para a Zona Sul. O evento contou com shows de talentos como Chico César e Zé Geraldo. Entre os concorrentes, apresentaram-se diferentes estilos. Mas o único representante do movimento Hip Hop, foi o rapper Eduardo "Radox" Amaro. E sua participação tornou-se histórica, pois arrebata o prêmio de "Melhor Performance". A letra do rap "Tributo ao Trabalhador Sem Terra" foi escrita há dois anos



Apresentação de Eduardo Amaro em Palmeira das Missões

Elas dividiram o envelope para enviar a inscrição. Em polígram-se quando suberam da seleção para participar do festival nacional. Empenharam-se durante as apresentações, foram valorizados devido à competência criativa e conquistaram importantes premiações. Se Radox destacou-se pela performance, Pedro Munhoz interpretou a "Melhor Música" do evento. Apesar dos estilos diferentes, eles possuem trajetórias que se afinam. Afinal, tanto Pedro quanto Eduardo Amaro, a cada dia têm de superar obstáculos para prosseguir com a dedicação à música. Ambos estarão no CD que será lançado com as músicas finalistas do Festival.

RECONHECIMENTO -

"Espero que esta conquista sirva de incentivo aos artistas desconhecidos. Além disso é necessário que aqueles que dispõem de recursos, invistam e incentivem os novos talentos. É preciso acreditar no potencial dos artistas, atletas e talentos. O mais difícil nessa conquista foi representar uma cidade que pouco incentiva aos artistas locais." A afirmação de Radox está endereçada àqueles que ainda não reconheceram o potencial da Zona Sul. Embora Pelotas esteja economicamente esfrangalhada, com assustador percentual de desemprego, talentos não se curvam e estão em diferentes segmentos. Ao final do ano passado, escritores locais receberam o prêmio estadual Açorianos na área da literatura. Neste início de mês, a boa notícia da premiação nacional dos músicos populares. Comemorando a conquista, Radox agradece ao

tecladista Toni Del Ponte e dançarino "B-Boy" break Alex Sandro. Eles o acompanharam nas apresentações. Também destaca a colaboração de José Carlos Farias e equipe do programa Out-Side na ALFA-FM (94.5), Flávio Rosa, Hélio Stolz, Joice Stolz, Rodrigo e Leandro Correa.

**"Mais difícil é
representar a cidade
sem apoio local"**

RADOX

RUMOS - Há quase dez anos Eduardo está ligado ao Rap. Já participou de grupos com estilos variados. O mais recente foi "Herdeiros de um Navio Negroiro" (HNN). Ele explica a nova fase e as perspectivas geradas pelo reconhecimento no Festival. "Dez anos atrás eu sonhava que nalgum dia seria reconhecido nacionalmente por pessoas que realmente entendessem de música. A cantora e atriz Cida Moreira, que foi jurada no Festival, elogiou meu trabalho. Então, o sonho está apenas começando. Em abril será lançado o CD do Festival, com distribuição em todo o território nacional. Também poderá ir para Cuba, França, Chile e outros países devido a representatividade do MST no exterior. Acredito que a divulgação em CD abrirá novas portas", confia Radox.

RAP - O surgimento do Rap, como uma das manifestações do movimento Hip Hop, é essencialmente urbano. Reunindo jo-

vens negros da periferia, o Rap autêntico questiona o preconceito, violência, drogas, injustiças. Radox conseguiu a proeza da aproximação entre o Rap e a temática do trabalhador rural sem-terra. "Creio que a participação no Festival mostra que o Rap e o MST podem caminhar juntos. Afinal, são expressões de povos sofridos, população que mantém o ideal de liberdade, conquista, igualdade", diz Radox. Ele recorda a origem do Rap premiado. Em outubro de 1997, apresentou-se em seminário sobre "Estágios de Vivência Interdisciplinar em Assentamentos de Reforma Agrária". O evento foi promoção do Núcleo Universitário de Luta pela Reforma Agrária "CIO DA TERRA". Nesta semana, possivelmente Radox seja entrevistado pela TVE em Porto Alegre.

TRIBUTO AO TRABALHADOR SEM TERRA
LETRA: Eduardo Amaro (RADOX)

DEBAIXO DE UMA LONA PRETA
EXISTE UM SER ANGUSTIADO
COM FOME DE VENCER
COM SEDE E FRIO
O SUOR ESCONDE O ROSTO
NUMA LONGA CAMINHADA
NAS MÃOS CALEJADAS
A FOICE E A ENXADA
É A ESPERANÇA DE SOBREVIVER
MUITAS VEZES VIVENDO
EM CONDIÇÕES BEM PRECÁRIAS
SE DESENVOLVENDO SEM A PAZ NECESSÁRIA
ASSISTEM A PERDA
DE UM COMPANHEIRO IRMÃO
QUE DÁ SUA VIDA POR UM PEDAÇO DE CHÃO
VENDO SEUS FILHOS CRSCEREM
SEM PERSPECTIVAS
DE FREQUENTAR UMA ESCOLA
BOA SAÚDE E COMIDA
SÓ A CONQUISTA DA TERRA
NÃO É SUFICIENTE
QUEM É QUE SE PREOCUPA COM O FUTURO
DESTA GENTE
E OS PODEROSOS
AINDA QUEREM QUE TENHAMOS PACIÊNCIA
NADA FAZEM
ASSISTINDO O SOFRIMENTO
DO TRABALHADOR NA MISÉRIA
VENDO O SANGUE DESTA GENTE
MISTURAR COM A TERRA
A LUTA CONTINUA COM A MESMA INTENSIDADE
A REFORMA É LENTA
AUMENTANDO A ANSIEDADE DESTA GENTE
POR LIBERDADE, IGUALDADE E JUSTIÇA COMPETENTE
E VOCÊS MEUS IRMÃOS
O QUE FAZEM PARA CONTRIBUIR?
CREIO QUE NADA
PREFEREM ASSISTIR
NOSSA GENTE SENDO MASSACRADA, BANIDA
E ASSIM COMO VOCÊ
SER EXPLORADA
PRECISAMOS LUTAR
DE CABEÇA ERGUIDA
DE MÃOS DADAS E OM OS PÉS NO CHÃO
NOSSA MAIOR ARMA E FERRAMENTA
É A COOPERAÇÃO
REFORMA AGRÁRIA
UMA LUTA DE TODOS
REFORMA AGRÁRIA
UMA LUTA DE TODOS
QUANDO MUITOS NÃO SE MEXEM
E OS QUE LUTAM SÃO POUCOS.



Festival reuniu
participantes com
estilos variados

ANEXO 02

10 • Cultura

Quarta-feira, 20 de maio de 2009

DIÁRIO DA MANHÃ



ANIMAÇÃO do público que esteve no ginásio do Colégio Pelotense



FOTOS: Cogoy

MULHERES foram convidadas a subir ao palco durante o show

RACIONAIS MCs

Grupo paulista abre espaço ao Rap feminino

Por Carlos Cogoy

Deus, família e a música. Hierarquia das preferências de Mano Brown. Além disso, no show realizado no ginásio do Colégio Municipal Pelotense — madrugada de domingo, durante a fala com o público, também exortou à revolução. E não se trata de mera retórica diante da precariedade social que caracteriza o Brasil, mas da autotransformação por conta de iniciativas à conquista da vida com dignidade. Com os parceiros Edi Rock, KL Jay e Ice Blue, apresentação de novas músicas e clássicos como "Vida Loka" e "Negro Drama". Pela quarta vez na cidade, o grupo paulistano — pioneiro do Rap no Brasil há mais de vinte anos —, prestou homenagem à torcida "Xavante", solidarizando-se ao acidente com a delegação em janeiro. Curiosamente, quando Brown perguntou se havia algum torcedor do Pelotas, houve silêncio geral.

CONVIDADOS que acompanharam o grupo durante a turnê no Estado: Marrom; Pixote; Du Bronx.

MULHERES — Para quebrar o estigma machista que marcou boa parte da trajetória do Racionais, no show as mulheres foram convidadas a subir ao palco. E uma dúzia participou do espaço ao Rap feminino. Além disso, também a apresentação do Grupo "Alinka" de Porto Alegre. Apesar da boa vontade dos paulistas, as gurias da capital gaúcha deixaram a desejar. Sonoridade primária. E se o espaço era para as mulheres, que saudade da Preta G, rapper pelotense falecida há um ano, negra guerreira extremamente talentosa.

NA PAZ — Como destaque, o show foi momento de diversão, sem nenhum registro de violência.

DOCUMENTO — A exemplo do material entregue para MV Bill em fevereiro, rappers do Racionais também levaram volume encadernado, com cerca de oitenta cópias de matérias publicadas no **DIÁRIO DA MANHÃ** — desde 1994 —, sobre o Hip Hop de Pelotas e região.



Jair "Brown"

CONVIDADOS "Marrom" e "Du Bronx" na turnê



EDI Rock e Ice Blue na quarta apresentação em Pelotas

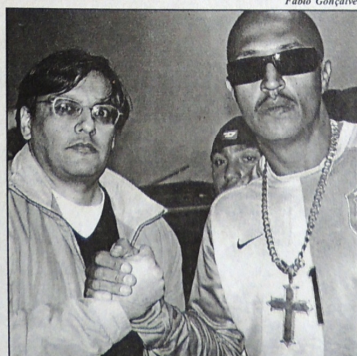


Jair "Brown"

TALENTOSO Mano Brown



DJ Mami cumprimentou rapper Edi Rock



MATERIAS do DM recebidas por Mano Brown



GRUPO Alinka de PoA também participou

ANEXO P2

Em busca da batida solidária um brinde aos guerreiros

Generosidade, respeito e cumplicidade. Um pouco do aprendizado proporcionado pela cultura Hip Hop. Em Pelotas, muito além das picuinhas e vaidades que caracterizam os escombros de presunçosa classe média, é na periferia que está a criatividade, a resistência e a coragem por transformar. Voz e ritmo da maioria, falta pouco... É tudo nosso!

F. Cavaleiro

(C0G0Y)



GRATIDÃO: Mabreu, Ligado, Vagner, Celso e Anjo DB



Dia do Jornalista

Homenagem do movimento
HIP HOP DE PELOTAS, ao
Jornalista Carlos Cogoy
pelas iniciativas e dinamismo de divulgar
as nossas ações,
em um canal de comunicação desta cidade o
JORNAL DIÁRIO DA MANHÃ e toda a sua equipe.
Obrigado pela dedicação, seriedade e entusiasmo com que encara a sua profissão.

Nação Hip Hop Brasil/Pelotas-RS

Pelotas, 24 de janeiro de 2008

ANEXO Q2

DIÁRIO DA MANHÃ

Quarta-feira, 30 de abril de 2014

Cultura • 7

FOTOS: Cogoy



ASUPPel-Sindicato com espaço repleto na palestra de segunda à noite



Eduardo: "Vivemos luta de classes e o grupo dominante oprime com violência"

HIP HOP

O "Rap" revolucionário boicota o inimigo

Por Carlos Cogoy

Juventude da periferia urbana de Pelotas e região, reunida numa noite histórica. Rapper e escritor paulista Eduardo Taddeo, esteve palestrando e autografando o livro "A guerra não declarada na visão de um favelado" (614 páginas)




A guerra está no cotidiano da realidade brasileira. Concentração de renda nas mãos de minoria, enquanto 180 milhões estão "sobrevivendo no inferno". Nas vilas e bairros pobres, quando não é a polícia que protagoniza a violência contra moradores - nos grandes centros, explícitas ações de extermínio -, é o favelado que, desinformado e manipulado pela ideologia propagada pela grande mídia, mata o vizinho por motivos levianos. Em geral, correspondendo a estratégias do inimigo, que instiga ao consumo de álcool e drogas. Como o confronto armado seria desigual, a "paz" possível é a união da maioria da população. Ao invés de desavenças fúteis, conscientização acerca da exploração, opressão e violência. E a resistência pode ocorrer, conforme exemplos históricos na luta por direitos civis, através do boicote. Não fumar, não beber, não se drogar, não assistir as tolices da grande mídia. Outro caminho é a educação, conhecimento e saber, para a ocupação de espaços de decisão. Reflexão do rapper e escritor Eduardo Taddeo, que esteve palestrando e autografando na sede da ASUPPel.

LIVRO "A guerra não declarada na visão de um favelado", conforme o autor, é dossiê sobre a história recente da desigualdade brasileira. Em especial, o depoimento de Eduardo - até ano passado integrou o grupo de Rap "Facção Central" -, que vivencia o cotidiano na periferia paulistana. Com apenas a quinta série do ensino fundamental, o compositor acreditou no estímulo para que escrevesse um livro. O resultado é uma obra audaciosa, contundente e provocadora. O lançamento em Pelotas foi promoção da Associação Hip Hop Pelotas e Bola 12 Produções, com patrocínio da UFPel e Secult. Apoio da CUT, SIMP, Sindicato dos Bancários e DCE/UFPel. Livro pode ser adquirido no site: literaria.com.br

IDEIAS - "Falta unidade à periferia que ainda não se enxerga como povo. As brigas e mortes muitas vezes são por causa de futebol, ou disputas entre moradores de regiões diferentes. Mas a mente drogada, alcoolizada, é consequência do inimigo que está sempre atuando. O jovem evade da escola pois não vê na família e vizinhos, alguém que tenha conquistado algo através do estudo. Mas o favelado quer o tênis, o celular e o carro, consumo que é estimulado pela mídia. Então observa que, no tráfico, em poucos dias alguém já está de moto. É parte da estratégia do inimigo, os ricos e poderosos, que visa eliminar o povo pobre. A desinformação, baixa escolaridade e discriminação, embaladas pela mídia que naturaliza a violência da polícia contra o favelado, bem como estimula a precoce erotização das crianças, compõem o cenário de guerra. Temos de ler, debater e compreender o que está acontecendo. Assim, exigindo política pública para educação e acesso ao mercado de trabalho, poderemos estabelecer outra cultura. Trata-se de prática igualitária, pois ninguém é melhor do que o outro. Então, sem restrições nem preconceitos. E a autogestão é o nosso caminho. O livro que divulgo foi todo feito, editado e produzido na periferia", disse Eduardo.





